HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO OITAVO.

HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO OITAVO.

HISTORIA
GERAL
DE
PORTUGAL,
E SUAS CONQUISTAS;

OFFERECIDA

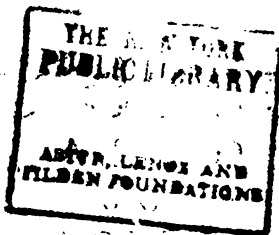
Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS
FARIA E CASTRO.

TOMO VIII.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1787.
Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro em quatrocentos reis em papel: Meza 13 de Setembro de 1787.

Com tres Rubricas.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO XXX.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Da vida, e acções del Rei D. Joaõ II., chamado o Principe Perfeito, XIII. Rei de Portugal.

Era vulg. 1481

AINDA que D. Joaõ II. justamente chamado o Grande, e Principe Perfeito, duas vezes tivesse sido acclamado Rei, huma em Santarem a 10 de Novembro de 1477, quando seu pai andava em França, e por ordem sua; ou-

Era vulg. outra nas Cortes de Lisboa em virtude de cessaõ voluntaria de seu mesmo pai, que se restituíra ao Reino, no anno passado de 1480; neste de 1481, aos 31 do mez de Agosto, tres dias depois da mórte de D. Affonso, se fez acclamar terceira vez em Sintra com as ceremonias magnificas, que se praticavaõ nesta inauguraçaõ. Naquelles intervallos de reinar, e nas acções obradas, sendo Principe, na Corte, em Africa, e em Castella, elle tinha dado próvas, de que seria hum dos Monarcas brilhantes do Universo. A grandeza das suas obras, a heroicidade das suas virtudes, especialmente as que practicou no fim da vida, a justo titulo lhe merecêraõ os Pronomes já referidos, e lhe adquiríraõ a gloria de ser respeitado, como modelo dos Soberanos. Bem o provaõ os louvores, que depois da mórte tirou a equidade deste Principe da bocca dos seus mesmos inimigos, que confessáraõ perdêra Portugal o melhor Rei, que teve o mundo, filho do melhor homem, que o mundo teve; panegyrico, que mostra

a

a sua verdade pelo tempo, em que Era vulg. naõ o tecia a lisonja, affectaçaõ, inclinaçaõ, ou temor, que tudo cessa com a morte.

Se aquelle louvor deraõ a D. Joaõ vassallos resentidos, separados do Reino, elle os recebeo na flor dos annos de hum contrario illustre, que fez prisioneiro na batalha de Toro, incapaz pelo seu grande caracter, e independencia de ser lisongeiro. Este preso illustre foi D. Diogo Henriques, Conde de Alva de Liste, Tio do Rei Catholico D. Fernando. Pedio-lhe o Principe perdaõ de lhe haver na batalha tocado nas costas com o recontro da lança; humanidade a que respondeo prompto o bisarro Fidalgo: Naõ o sintais, senhor, que eu naõ perco por isso a honra ganhada em tres feitos campaes com setenta annos de idade; nem vós taõ pouco a gloria do que hoje obrastes, já mais ouvido de nenhum Principe famoso.

As grandes acções feitas por D. Joaõ no reinado precedente, qualificavaõ bem quanto elle era digno do

Thro-

Era vulg. Throno, para que o nascimento lhe abríra o passo, que o valor, e o merito faziaõ parecer de gigante. A coragem, que elle mostrára em Hespanha, e Africa, o fariaõ ser dos Castelhanos respeitado, dos Mouros temido. O dia do seu nascimento, que foi o da Invençaõ da Cruz, os seus vassallos contemplativos o conservavaõ na lembrança por prognostico fausto das victorias, que já conseguíra em Arzila, em Ouguela, S. Felices, Ledesma, Alegrete, em Toro, e das que ainda esperavaõ tivesse sobre os inimigos da Fé, e do Estado. Estas gentilezas lhe ganháraõ o coraçaõ dos soldados, e os do Povo elle os attrahio, quando na vinda de seu pai da jornada de França, meditou na reverencia, com que lhe restituíra o Sceptro, dizendo: Que elle tinha mais complacencia de tornar a vêr o Rei seu pai assentado no Throno, que a que lhe podia causar o dominio universal do mundo.

Vinte e seis annos de idade contava El-Rei, quando succedeo a seu pai, e hia em doze, que era casado

com

com a Rainha D. Leonor, filha de seu tio o Infante D. Fernando, Duque de Viseo, e de sua mulher a Infante D. Brites, filha do Infante D. João, com a qual se tinha recebido em Setuval a 22 de Janeiro de 1470. Deste matrimonio nasceo unico filho o malogrado Principe D. Affonso em Lisboa a 18 de Maio de 1475, que havendo de succeder a seu pai no Reino, a morte infeliz, e immatura, naõ só lhe arrancou da cabeça a Coroa de Portugal, mas a de todos os Reinos de Hespanha, de que sua mulher a Princeza D. Isabel, filha dos Reis Catholicos, tinha de ser herdeira. A Providencia porém, que punha todos os obstaculos para a uniaõ das Monarquias, que parece quer separadas, permittio que o Principe D. Affonso morresse sem successaõ da queda de hum cavallo, e que o mesmo succedesse depois á Princeza no parto do Principe D. Miguel, fallecendo o filho, e a mãi, que era segunda vez casada com El-Rei D. Manoel, como diremos nos seus respectivos lugares.

Era vulg.

El-

Era vulg. El-Rei D. Joaõ, que no estado de casado amava a D. Anna de Mendoça, Dama da Princeza D. Joanna, que depois foi Commendadeira de Santos, e era filha de Nuno Furtado de Mendoça, Aposentador Mór del Rei D. Affonso V.: teve della ao Senhor D. Jorge, que foi Duque de Coimbra, Mestre das Ordens de Sant-Iago, e Avís, senhor de Monte-Mór o Velho, Penella, e outras muitas terras. El-Rei D. Manoel casou a D. Jorge com D. Brites de Vilhena, filha do Senhor D. Alvaro, e foraõ pais de D. Joaõ de Lancastro, que tomou este Appellido em memoria da Rainha D. Filippa, mulher del Rei D. Joaõ I., e foi primeiro Duque de Aveiro, Chéfe desta grande Casa, que repetindo as infidelidades contra as Pessoas Sagradas dos Reis Fidelissimos da de Bragança, hoje está extinta, e incorporada na Coroa pela infelicidade do ultimo.

O novo Rei reconhecido á memoria de seu grande pai, immediatamente depois da sua mórte cumprio para com ella os justos deveres na pompa fu-

funebre, e mageſtoſa, que correſpondia ás qualidades de tal pai, e tal filho; na execuçaõ prompta, e exacta das mandas do ſeu teſtamento para moſtrar quanto he louvavel nos Succeſſores a equidade no cumprimento das ultimas vontades, que os geráraõ; paſſando D. Joaõ, com exemplo raro, tanto além das diſpoſiçõẽs expreſſas teſtamentarias, que peſſoa alguma das que ſervíraõ a ſeu pai, e elle ſe eſqueceo remunerar, deixou de ficar ſem recompenſa. Antes de entrar na expediçaõ dos negocios públicos, ſe applicou aos domeſticos, provendo os Officiaes da ſua Caſa, e os empregos vagos na Monarquia.

Era vulg.

Nomeou El-Rei para Condeſtavel a ſeu primo, e cunhado D. Diogo, Duque de Viſeo, filho de ſeu tio o Infante D. Fernando, e irmaõ de ſua mulher a Rainha D. Leonor: para Mordomo Mór a Diogo Soares de Albergaria, que teve por Succeſſor a D. Pedro de Noronha: para Eſtribeiro Mór a Alvaro da Cunha, Alcaide Mór de Tavira, ao qual ſe ſeguíraõ Affonſo

de

Era vulg. de Albuquerque, depois Governador da India, e Diogo de Miranda: para Védor da Casa a Ruy Lobo, a quem succedeo Joaõ Fogaça, Commendador de Canha: para Camareiro Mór a Ayres da Silva, V. Senhor de Vagos, e depois delle Antaõ de Faria, Alcaide Mór de Palmela: para Guarda Mór a D. Rodrigo de Mello, Conde de Olivença, que teve por successores a D. Joaõ de Lima, filho do Vis-Conde D. Leonel, e a Ruy de Sousa, senhor de Sagres: para Mestre Sala a D. Pedro de Abranches, ao qual se seguio Jorge de Mello: para Reposteiro Mór a Manoel de Mello: para Porteiro Mór a Gomes Ferreira: para Trinchante a Lopo da Cunha, Commendador de Serpa, e Moura: para Escrivaõ da Puridade a D. Joaõ da Silveira, Baraõ de Alvito: para Copeiro Mór a Fernaõ Annes de Lima, que no mesmo reinano teve por successores a Estevaõ de Siqueira, e a Garcia de Mello: para Apposentador Mór a D. Henrique Henriques, e depois a D. Fernando Henriques.

Era vulg.

Para Provedor das Obras do Paço nomeou El-Rei D. Joaõ a Henrique da Silveira: para Caçador Mór a Affonso Vaz de Brito: para Armeiro Mór a Agostinho Caldeira, que teve por successor a Joaõ Pestana: para Almotacel Mór a Ruy de Sousa, senhor de Sagres, e a seu filho Joaõ Rodrigues de Sousa: para Alferes Mór a Fernaõ Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ, ao qual se seguíraõ Lourenço de Faria, e seu filho Simaõ de Faria: para Almirante a Pedro de Albuquerque: para Fronteiros Móres das Provincias conservou os mesmos, que seu pai havia nomeado, Alvaro da Cunha no Algarve, Gil Thomé Paes Entre-Douro e Minho, D. Alvaro de Castro, Conde de Monsanto em Lisboa, Joaõ Rodrigues de Sá no Porto, Joaõ de Mello em Serpa, Vasco Martins de Mello em Castello de Vide, Alvaro de Sousa em Elvas, D. Duarte de Menezes, Conde de Viana, em Béja, D. Joaõ Galvaõ, Arcebispo de Braga, na Beira: para Monteiro Mór a Gonçalo Vasques de Castello Branco, que teve por suc-

Era vulg. ſucceſſores a D. Diogo Fernandes de Almeida, e a Lourenço de Faria.

Nomeou para Coudel Mór a Franciſco da Silveira, que havia ſucceder a ſeu pai Fernaõ da Silveira: para Marichal a D. Alvaro Coutinho: para Meirinho Mór a Ruy de Souſa, ſenhor de Beringel: Capitaõ Mór do Reino, e do Mar conſervou a D. Martinho de Ataide, Conde da Atouguia, que o fora de ſeu pai: para Capitaõ Mór dos Ginetes a D. Fernaõ Martins Maſcarenhas: para Adail Mór a Diogo de Barros: para Anadel Mór a Duarte Furtado, que teve por ſucceſſores no ſeu tempo a Antaõ de Faria, a Paulo de Freitas, e a Franciſco Portocarreiro: para Chanceller Mór ao Senhor D. Alvaro, ao qual ſuccedêraõ Ruy da Gran, e Joaõ Teixeira: para Secretario de Eſtado conſervou a Ruy Galvaõ, que o havia ſido del Rei D. Affonſo V.

Igualmente attento ao explendor, e conſervaçaõ da Igreja Luſitana, El-Rei D. Joaõ nomeou para Graõ Meſtre da Ordem de Chriſto ao Duque de Viſeo D. Diogo, que teve por ſucceſſor ao In-

Infante D. Manoel depois Rei: para a de Sant-Iago ao Principe D. Affonso seu filho, e o mesmo para a de Avís. Conservou Capellaõ Mór a D. Rodrigo de Noronha, Bispo de Lamego, Regedor da Casa da Supplicaçaõ, que o fora del Rei seu pai, e nomeou depois delle no mesmo emprego a D. Diogo Ortiz, Bispo de Tangere, e a D. Fernando de Miranda, Bispo de Viseo. Para Prior do Crato a D. Joaõ de Menezes, primeiro Conde de Tarouca: para a Collegiada de Guimarães a D. Fernando Coutinho, Bispo de Lamego, e do Algarve, Regedor das Justiças.

Era vulg.

Os Bispos, que nomeou no seu tempo, foraõ para Lisboa D. Martinho da Costa, irmaõ do Cardeal D. Jorge da Costa: para Lamego a D. Joaõ Madureira Camello da Silva, a D. Gomes de Miranda, e a D. Fernando de Vasconcellos, Capellaõ Mór, depois Arcebispo de Lisboa: para a Guarda a D. Garcia de Menezes, filho dos terceiros Condes de Viana, e a D. Pedro Vaz Gaviaõ, ou de Mene-

zes,

Era vulg. zes, Capellaõ Mór: para Braga a D. Jorge da Costa, o Cardeal, e depois a seu irmaõ do mesmo nome: para o Porto a D. Diogo de Sousa, filho de Joaõ Rodrigues de Vasconcellos, senhor de Figueiró, depois Arcebispo de Braga: para Coimbra a D. Jorge de Almeida, filho do primeiro Conde de Abrantes: de Viseo já o era D. Joaõ Gomes de Abreo, que El-Rei elegeo seu Confessor, e morreo depois do mesmo Rei: para Evora a D. Affonso de Portugal, filho do Marquez de Valença do mesmo nome: para o Algarve a D. Joaõ de Mello, eleito Arcebispo de Braga, de que naõ tomou posse.

No mesmo anno da morte de D. Affonso, El-Rei celebrou Cortes em Lisboa, e em quanto ellas se ajuntavaõ, publicou em Evora, onde entaõ estava a Corte, hum Decreto severo, que lho inspirava a desconfiança, de que as mercês amplas de seu pai o deixáraõ Rei quasi sem Reino, e que delle herdára o titulo, da terra os caminhos, da soberania o nome.

Caf-

Caſſava, revogava, dava por nullos aquelle Decreto, ou Edicto geral, todos os Alvarás até entaõ concedidos, foſſem elles de mercês, foſſem de graças, foſſem de remunerações, e de empregos já dados, ou promettidos. Huma Lei, que privava aos Fidalgos da juriſdicçaõ criminal, como toda ella era favoravel ao Povo, eſte ficou ſoberbo, a grandeza abattida, o Rei poderoſo, mas aborrecido. Eſtes ſaõ os lances criticos, em que a prudencia adverte, que nem tudo o que a Mageſtade póde, deve poder a Mageſtade. Coſtumes, que eſtaõ enraizados, ainda que ſejaõ abuſos, dizia o Imperador Claudio, que naõ ſe arrancaõ por força. As reſoluções fortes tomadas de repente ſobre o commum, fazem huma comoçaõ, que aballa: o que naõ ſuccede quando labora a lentidaõ, que chega ao fim das couſas quaſi ſem ſenſibilidade.

Era vulg.

Até as ſuas meſmas promeſſas houve El-Rei por naõ feitas, e entaõ ſe eſtranhou tanto a delicadeza de huma reſpoſta ſua, quanto hoje a celebra ju-

Era vulg. diciosa a fama. Certo Fidalgo esperava huma mercê, de que El-Rei lhe dera palavra sendo Principe, e sentido da sua perda, teve a resoluçaõ de lhe demandar o cumprimento della. D. Joaõ, que estava bem longe dessa tençaõ, pondo na lingoa todo o peso da Magestade, lhe disse: Os serviços, que se fazem aos Principes moços governados pela complacencia, e naõ pelo juiso, naõ só merecem o esquecimento, mas devem ser castigados como huma perfidia. Esta resposta, e a entrada das Justiças nas terras dos Senhores, o invento das homenagens, que juraõ, e daõ aos Soberanos os Alcaides Móres, e Fidalgos, tudo agora mettido em uso por El-Rei D. Joaõ, descobríraõ bem os fundos do seu espirito. He verdade, que os Grandes se lavráraõ este freio com a desordem da sua conduta, que naõ soffria igualdades, e atropelava os inferiores: abuso com que sopravaõ a vaidade de retocar a figura da vassallagem com côres de Soberania, que pareciaõ desfigurar a verdadeira.

O

O Rei, cheio de espiritos para naõ tolerar desmanchos, foi avançando as idéas do bom governo, sem se embaraçar com o resentimento dos queixosos. Elle enviou Commissarios pelas Provincias, que examinassem a fórma da administraçaõ da justiça; que ouvissem sem distinçaõ as queixas dos Póvos; que de tudo se lhe désse parte para provêr segundo as necessidades, e que as queixas de qualquer dos particulares da infima plebe, essas seriaõ para elle as merecedoras da primeira attençaõ; pela sua Magestade amparados, por isso mesmo que a sórte os fizera desvalidos. Avançando maximas novas, que concebia a sua dexteridade, fez escolha para espias das mesmas Provincias, naõ a homens mercenarios, de condiçaõ baixa, pobres miseraveis, que vivem de mexericos, nem de humilde nascimento, que querem levantar-se sobre a ruina dos outros; mas aos Varões qualificados, próbos, independentes, virtuosos, que só quizessem a felicidade da Pátria, e naõ a sua: para que elles o informassem das oc-

Em 1629.

Era vulg. occupações da gente, do seu merecimento, o que diziaõ do seu caracter, da forma do seu governo, dos talentos do seu espirito, tudo com relaçaõ exacta, e fiel para se conduzir por ella nas cousas, que entendesse devia conservar, avançar, ou abster-se dellas.

Destas manobras resultavaõ no Principe dous effeitos, ambos estimaveis. O primeiro era o zelo, com que elle queria se respeitasse nos seus Ministros a authoridade, que elle lhes conferia; e por esta razaõ foi severo nas demonstrações contra aquelles, que recusavaõ obedecer-lhes. O segundo veio a ser o conhecimento pleno de todos os homens benemeritos da Monarquia para elle escolher os dignos dos empregos sem informes particulares de affeiçaõ, de interesses; dos padrinhos multiplicarem criaturas a expensas dos prejuisos do Estado. Infelices esses mesmos Officiaes informantes, se elles, como homens, se governavaõ alguma vez pelas paixões, ou se deixavaõ corromper da ambiçaõ, da avareza, dos maio-

maiores respeitos: que entaõ descarregava sobre elles inexoravel a severidade do Rei illuminado. Muitas vezes naõ era necessario, que désse golpes o Sceptro, nem que cortasse a espada. Humas reprehensões animadas pela Magestade, pezadas, e excitantes do pejo do infeliz, que as ouvia, ou ellas eraõ bastantes para os Ministros evitarem as reincidencias, ou para ficarem inhabeis de apparecer no mundo. He bom exemplo hum delles, que olhando mais para o que as partes tinhaõ, do que a sua justiça valia, chegando á noticia del Rei, lhe disse carrançudo: Tende conta em vós, eu sei que em vossa casa as portas estaõ fechadas, e que vós trazeis as mãos abertas.

Era vulg.

CA-

Em vulg

CAPITULO II.

Resulta da revogaçaõ das gratificações, principio do desagrado com o Duque de Bragança, e primeiras navegações no tempo deste reinado.

AS mesmas difficuldades que encontrou o Imperador Helio Pertinaz em derrotar as desordens introduzidas nas Cohortes Pretorianas, achou El-Rei D. Joaõ para vencer os abusos propagados em Portugal. As idéas da reforma sobíraõ a alto tom a murmuraçaõ dos Fidalgos, abertamente descontentes do Rei, e do seu Ministerio, quando víraõ, que as mercês pela maior parte eraõ revogadas; quando com algumas dellas tiradas a muitos, se remuneravaõ os serviços de outros; quando ouviaõ publicar, que as de maior vulto naõ tinhaõ recahido sobre merecimentos, mas as havia grangeado a industria, ou a protecçaõ; quando sentíraõ descarregado o golpe sobre as suas jurisdições civís, e criminaes;

quan-

quando o poder da sua vasta justiça particular ficou opprimido debaixo das forças do commum; quando aquelles, que entaõ lhes dobravaõ o joelho, naõ só subditos, mas como escravos, lhes fallavaõ direitos; em fim, quando percebêraõ as vozes, que enunciavaõ, como o Rei naõ queria vassallos, que se contrafizessem Principes, e que em Portugal só D. Joaõ II. era Soberano.

Era vulg. 1482

Eis-aqui a origem do desagrado do Rei com o Duque de Bragança D. Fernando II. do nome, e III. na ordem dos Duques. Ella mesma he huma prova da verdade, com que Mariana encarece os excessos dos Fidalgos das Hespanhas pelo amor da sua honra. O Duque D. Fernando, por todos os titulos respeitavel, fora em vida de seu pai Duque de Guimarães, que se conservou muito tempo na sua Real Casa, e além de Duque de Bragança, era Marquez de Villa-Viçosa, Conde de Ourem, de Barcellos, de Arraiolos, de Neyva, de Penafiel, e senhor de trinta Villas. Elle era casado com D. Isabel, filha do Infante, Duque de Vi-

Era vulg. Viseo, D. Fernando, irmã da Rainha reinante, e fazia huma róda illustrissima de parentes pelas allianças de seus irmãos, que eraõ D. Joaõ, Marquez de Monte-Mór, senhor das Alçovas, e do Peral, Condestavél do Reino, e marido de D. Isabel de Noronha, que era parenta de todos os senhores deste Appellido, como filha do Arcebispo de Lisboa D. Pedro de Noronha: D. Affonso, casado com D. Maria de Noronha, filha herdeira de D. Sancho de Noronha, primeiro Conde de Odemira: D. Alvaro de Portugal, senhor de Tentugal, do Cadaval, de Alvayazere, e outras terras, Regedor das Justiças, Chanceller Mór, vulgarmente chamado o Senhor D. Alvaro, que casou com D. Filippa de Mello, filha de D. Rodrigo de Mello, Conde, e Alcaide Mór de Olivença, tronco dos Duques de Cadaval.

Tinha o Duque D. Fernando irmãs D. Isabel, que naõ tomou estado; D. Brites, que foi mulher de D. Pedro de Menezes, I. Marquez, e III. Conde de Villa-Real: D. Guiomar, que ca-

casou com D. Henrique de Menezes, Em vulg. I Conde de Loulé, e D. Catharina, que esteve ajustada com D. Joaõ Coutinho, III. Conde de Marialva, e naõ teve effeito o matrimonio por morrer elle em Arzila. Ao nascimento Real do Duque D. Fernando, a estas allianças brilhantes se unia a oppulencia da sua grande casa, que resplandecia, naõ só nas occasiões luminosas, mas ainda nas mais ordinarias com pouca differença da magnificencia dos Reis. A extensaõ dos seus dominios, os grandes direitos, que tinha de representaçaõ, e padroados; sobre tudo o seu alto merecimento pessoal, quando lhe ganhava o affecto da Corte para tomar parte nos seus interesses; tanta agregaçaõ de cousas era ella hum estimulo bem capaz para despertar o ciume, o cuidado, o receio de hum Rei, sobre altivo, pouco affeiçoado; para o fazer conceber perigosas as idéas do Duque, que era neto de D. Affonso, instrumento da ruina de seu Avô o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, morto com violencia.

Se-

Era vulg. Seriaõ estas mesmas circunstancias taõ altas, que concorriaõ na pessoa do Duque D. Fernando, as que o fizeraõ entender que elle estava na situaçaõ de se queixar da injustiça, que El-Rei fazia á Nobreza com a publicaçaõ das novas Leis, que naõ sendo taõ duras no reinado de D. Joaõ I. em materia semelhante, affugentáraõ do Reino os primeiros Fidalgos, melhores servidores, para irem fundar casas illustres em Paizes estranhos, e comoveraõ toda a constancia, e amor do grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que esteve nos termos de seguir os passos dos descontentes. O Duque obrigado a obedecer como os mais, rodeado porém das razões de resentimento, se presumio que era decente ao seu caracter pedir ao Rei com viveza a revogaçaõ da Lei; a grandeza delle naõ servio de embaraço para o Duque ouvir a resposta secca, e sevéra: que aos vassallos naõ pertencia penetrar as intenções do Soberano: que huma obediencia céga ás suas vontades lhes convinha mais, que a ousadia de lhe perguntar-

gun-

guntar os porques; que se elles assim senaõ conduzissem, hum Soberano conservava em si o direito de lhes fazer conhecer, que os Reis tem as mãos maiores, que os outros homens. Era vulg.

Assim se hiaõ dispondo os animos do Rei, e dos vassallos para agitações funestas, cada qual dos partidos attrahindo gente, que houvesse de dar corpo aos negocios intestinos do Estado. Naõ eraõ estes bastantes para impedir ao espirito vasto del Rei a importante consideraçaõ da utilidade de avançar os descobrimentos, de que se tiravaõ tantos consideraveis interesses, que os embaraços da vida de seu pai tiveraõ suspensos. Elle se resolveo a proseguil-los com maior poder sem desistir do empenho, até levar a luz do Evangelho aos Paizes tenebrosos do mais remoto Gentilismo, e ao centro da barbaridade escura.

Com este designio já elle havia mandado a Sueiro Mendes á Ilha de Arguim a construir huma Fortaleza para freio da Negrecia, aonde se fizesse o resgate do ouro com mais segurança,

as-

Era vulg. assim do que se extrahia das minas, como do que se cambiava com os Mouros por meio do commercio. Como a experiencia mostrava a constancia dos interesses nesta parte de Africa, El-Rei, depois de Sueiro Mendes, havia mandado a ellas a Fernando Gomes, homem igualmente rico, que prático no negocio, que com elle contratára continuar á sua custa este descobrimento, com a condiçaõ de lhe deixar livre o contrato do marfim. Bastáraõ dous annos deste commercio de Fernaõ Gomes para El-Rei formar idéa da importancia delle; de quanto elle era interessante ao Reino; de que tinha necessidade de o sustentar com maiores forças; de que devia fazer-se senhor da navegaçaõ daquelles mares, para que ninguem lho perturbasse, e fez sobre esta materia huma consulta com bom número de Ministros intelligentes na materia, que propunha:

Sendo certo que os homens, que fazem todo o fundo da sua applicaçaõ nos Authores da Jurisprudencia, nos Mestres da Theologia, nos Doutores

do

do Moral, nada pódem, nem sabem dizer da nautica, da guerra, e do commercio; El-Rei, apenas fez a proposta, sentio trepidantes aquelles espiritos na consideraçaõ de se sustentar huma viagem taõ longa; na dos perigos da navegaçaõ de outros mares, que deviaõ imaginar, naõ de agoa, mas de fogo; na da perfidia dos Mouros, como se fosse o mesmo ir commerciar com elles, que prégar-lhes missaõ; na do ar inficionado, que diziaõ se respirava naquelles Paizes, aonde suppunhaõ a peste de viveiro; em fim, na da duvida de ir buscar conveniencias contingentes a troco de despezas certas.

Estavulg.

Pelo contrario os Cabos experimentados, que tinhaõ sido testemunhas dos interesses daquelle commercio; que haviaõ respirado os ares de Africa; que sabiaõ ser os Mouros na entidade fysica huns homens como os outros; que conheciaõ a qualidade dos mares daquellas Côstas; e que a distancia da viagem a figuravaõ como a da passagem do Téjo; elles representáraõ a

El-

Era vulg. El-Rei desprezasse os perigos imaginados, quando o homem em qualquer parte andava rodeado delles; naõ se embaraçasse nas considerações da intemperie do Paiz, aonde todos os dias estavaõ indo, e vindo Portuguezes, e aonde vivia gente; nem reparasse em despezas, que sem ellas precederem no commercio, naõ se tiravaõ lucros; que os designios, que queria emprehender, os executasse logo para naõ se defraudar a si, e aos vassallos das vantagens evidentes; que mandasse navios a Guiné, e segurasse o Paiz com fortificações.

Seguio El-Rei este parecer, e no anno em que vamos fallando, mandou de Lisboa com huma armada a Diogo da Azambuja, bem acompanhado de Missionarios, e soldados, como Ministros, que fizessem inseparaveis os negocios da Religiaõ, e do Estado. Quiz El-Rei, que estes nóvos navegantes levassem tambem hum instrumento novo de navegaçaõ, até entaõ ignorado de todas as Nações do Universo. Elle escolheo para inventores

do

do instrumento, que chamamos Astro- Era vulg. labio, aos Mestres Rodrigo, e José, seus Medicos, Astronomos célebres; ordenando-lhes conferissem o seu projecto com o habil Mathematico Martim de Bohemia, que se dizia ser discipulo do famoso Joaõ de Monte Regio. Vendo estes tres homens os erros, e enganos da estimativa, em que cahiaõ os navegantes; depois de muitas conferencias acháraõ a maneira de navegar pela altura do Sol, de que fizeraõ as suas taboas pela declinaçaõ delle. Elles inventáraõ o Astrolabio; e se nós houvermos de crêr, que Ptolomeo o inventára antes, isso sería o Astrolabio dos Astronomos, sem a perfeiçaõ, que tem hoje, e que chamáraõ Planisferio, em razaõ de representar no seu plano toda a doutrina das Esféras celestes.

O Astrolabio porém, inventado pelos Portuguezes para o uso dos Pilotos, he de cobre sem tanto artificio como o dos Astronomos; constando sómente de tres circulos concentricos, hum que aponta, e divide os 360 gráos

gráos para tomar as alturas ; outro que dividido em 365 partes iguaes, marca os dias do anno ; e o terceiro, que em doze diſtancias com igualdade aſſignalla os doze Signos do Zodiaco, cada qual delles dividido em trinta gráos. Formado o Aſtrolabio, lhe fizéraõ o Annel ſuſpenſorio, ou aonde elle ſe ſuſpende, por cima com huma regra movel, que nós chamamos *Declina*, aonde ha duas Pinnulas, com que ſe recebem os raios do Sol, e por ellas ſe encaminha o raio viſuvial até ás Eſtrellas. A projecçaõ da Esféra ſobre hum plano Horiſontal, dizemos nós Aſtrolabio Horiſontal, que tem huma eſpecie de roda, e no centro della eſtá pegado o centro do Aſtrolabio ; repreſentando a roda o Zodiaco com os doze Signos, e os gráos delles por hum circulo excentrico. A projecçaõ da Esféra ſobre o plano de hum Meridiano chamamos nós Aſtrolabio Catholico.

Todas as mais idéas nauticas occupáraõ as applicações daquelles tres homens intelligentes. Com a ſua inven-

vençaõ maravilhosa para utilidade summa do Genero Humano, toda devida á habilidade Portugueza, os nossos Pilotos entráraõ a engolfar-se na altura do mar, regulando pelo curso dos Astros a sua carreira. Com este meio nós fomos os primeiros de todos os homens, que avançamos os descobrimentos a terras incognitas por mares nunca d'antes navegados: terras incognitas a todos os antigos, que naõ ousavaõ navegar senaõ ao longo das Cóstas, e perdida a terra de vista, elles se tinhaõ por perdidos: terras incognitas aos Sabios Gregos, e industriosos Romanos, que tinhaõ ao Mediterraneo por unico mar para as suas viagens; ao Estreito de Gibraltar por baliza das suas navegações; que muitos seculos tiveraõ por huma temeridade haver audacia, que rompesse as columnas de Hercules, aonde interpretavaõ o *Non plus ultra* por huma enunciativa, de que a terra se acabava sobmergida no Oceano, ou que nelle perderiaõ a vida errantes os que se engolfassem em hum mar sem tino, nem termo.

Era vulg.

Era vulg. A armada de Diogo da Azambuja pelo ſeu novo governo naõ houve miſter mais de quarenta dias de viagem para ferrar na Cóſta de Ouro de Guiné a enſeada de S. Jorge da Mina. Caramança era o Soberano daquelle Paiz, ao qual o noſſo Chéfe mandou huma Deputaçaõ para o informar da ſua chegada, e lhe pedir audiencia para tratar com elle os negocios, de que o encarregára El-Rei de Portugal ſeu amo. Obtida ella, deſembarcado o Azambuja, arvorado na praia o Eſtandarte Real, e celebrado nas Regiões brutas o Sacrificio tremendo do Altar, que commove os ſeus Principes das trévas até entaõ intruſos: o Chéfe Portuguez marcha á Corte de Caramança, que o recebe mageſtoſo, e acceita agradavel os ſeus ares civís. Havida licença para fallar, em tom féro, e inſinuante lhe diz: El-Rei de Portugal meu Soberano, Principe potentiſſimo do ultimo Occidente, dominante dos mares, Senhor de vaſſallos leões, me manda propôr-te, que a Religaõ Santa, que elle profeſſa, he a unica verdadeira, em

em que ha salvaçaõ em huma vida futura, que espera a todos os homens, e que elle te deseja fazer participante da sua felicidade na crença dos seus mesmos Dogmas para te estimar, como irmaõ: depois deseja tratar comtigo huma amizade, e commercio effectivos, para o que he necessario nos permittas licença de edificar nas tuas terras huma Fortaleza, que sirva de abrigo seguro aos seus vassallos, que negociarem com os teus.

Era vulg.

Caramança, que nas trévas da barbaridade deixava ver luzes de politico, e prudente, respondeo: Que elle naõ podia deixar de estimar por huma marca de amor aos homens da sua especie mandar El-Rei de Portugal de taõ longe convidallo para as felicidades, que cria depois desta vida presente: Que como lhe dizia, que para as conseguir era necessario abraçar a sua Religiaõ, elle naõ podia fazer esta mudança sem consultar os seus velhos Sábios: Que para o Commercio estava prompto, mas que duvidava na fabrica da Fortaleza, naõ succedesse ser ella o moti-

Era vulg. tivo de alguma alteraçaõ nos ſeus Pó-vos. O Azambuja, que queria reſpoſta mais favoravel, apertou os termos, e concluio, que nem trato, nem negociaçaõ podia haver entre os vaſſallos reſpectivos ſem preceder a conſtrucçaõ da Fortaleza. Rendeo-ſe Caramança a eſtas formalidades, mandou marcar o terreno para a Fortaleza, que foi chamada de S. Jorge da Mina em attençaõ á grande devoçaõ, que El-Rei tinha a eſte Santo, e ás minas de ouro, que havia nos ſeus contornos. Taõ copioſo foi o Commercio, que concorreo logo á nova fundaçaõ de toda a Ethiopia, e a povoáraõ tantos moradores, que El-Rei lhe deo o titulo de Cidade, e depois ajuntou aos ſeus o de *Senhor de Guiné*.

A extenſaõ do dominio, que nos ſugeitava a Fortaleza, e Cidade de S. Jorge era de quaſi ſetenta legoas entre os Reinos poderoſos de Axem, e de Cara, quatro gráos e meio ao Nórte da Equinocial na Cóſta de Ethiopia. O Fórte conſtava de tres baluartes, e hum cavalleiro ſobre hum rio para defen-

fender hum padraſto. A Cidade ficava pouco diſtante delle em ſitio doentio; mas a abundancia do commercio em quantidade de algalia, muitos eſcravos, e ouro finiſſimo fazia toleravel eſte incommodo. No fim de dous annos voltou Diogo da Azambuja a dar conta da ſua commiſſaõ a El-Rei, que vendo o fructo das diligencias nos groſſos intereſſes, que já lhe vinhaõ da nova conquiſta, e ponderando os futuros, que eſperava mais avultados, uſou da fina politica de ſe fingir arrependido do empenho, que empregára na conquiſta de Guiné.

Era vulg.

Deſviar as outras Nações deſte trafego, e naõ o entenderem os vaſſallos intereſſante era toda a idéa do Rei aſtuto. Para iſſo fez publicar, que navegaçaõ ſemelhante naõ ſe podia fazer, ſenaõ em embarcações ligeiras, capazes da abordagem do porto pouco fundo, e que ella eſtava cheia de perigos. Para lavrar melhor o eſtratagema, mandou que os navios velhos de maior buque foſſem carregados de materiaes para as obras, e que depois de chegarem

a

Era vulg. a S. Jorge os defpedaçaffem para naõ virem ao Reino. Idéa, com que perfuadia a nacionaes, e eftrangeiros, que elles fe haviaõ fobmergido na volta para Portugal, para que os primeiros naõ podeffem alcançar os feus defignios, e os fegundos temeffem os perigos de viagem taõ arrifcada.

CAPITULO III.

Os Caftelhanos intentaõ perturbar o noffo Commercio de Guiné, mas fem effeito, e continúa a fêllo o interior do Reino a refpeito do Duque de Bragança.

AINDA que os Reis de Hefpanha Fernando, e Ifabel andavaõ occupados em negocios de alto caracter depois da mórte de feu pai El-Rei de Aragaõ: que lhes levavaõ attenções as contendas affás pefadas de Navárra até a entrada no Reino de Francifco Febo, que viera de França a Pamplona, aonde foi jurado: que a guerra de Granada fufpendia a expectaçaõ das gentes, e

Era vulg.

e era o objecto mais importante do cuidado daquelles Principes, especialmente depois que os Barbaros tiveraõ a fortuna de derrotar ao Marquez de Cadiz, ao Mestre de Sant-Iago, de fazerem prisioneiro ao Conde de Cifuentes, e a seu irmaõ D. Pedro da Silva: ainda que a industria del Rei D. Joaõ havia querido persuadir á Europa, que a navegaçaõ de Guiné era taõ difficultosa, como a da Lagoa Estigia na barca de Acheronte, ou a dos Argonautas na náo de Jasson: os Castelhanos, naõ obstante estarem taõ divertidos, nem fazerem caso dos estrepitos ruidosos, que persuadiaõ intractaveis os mares de Africa, elles pozeraõ na sua tésta o Duque de Medina Sidonia para o fazerem author de huma navegaçaõ a Guiné, que contrapesasse a nossa, e nos diminuisse as ganancias.

Em nome do Duque foi pedida permissaõ a El-Rei Duarte de Inglaterra para nos portos do seu Reino se esquipar huma fróta, a que a fama pública dava destino differente do verdadeiro. El-Rei D. Joaõ, que vigiava tanto

nos

Era vulg. nos movimentos das Cortes estrangeiras, como nos da propria, foi sabedor do fim, aonde se dirigia aquelle apresto, que derrotava as suas maximas de prevençaõ, e com o pretexto de renovar as allianças antigas entre a sua Corte, e a de Inglaterra, mandou a Londres com o caracter de Embaixadores a Ruy de Sousa, e a Joaõ de Elvas, que soubéraõ negociar effectivamente com aquelle Soberano. A sua dexteridade lhe persuadio os designios da armada, que se aprestava em vóz do Duque; os justos titulos porque ao Rei seu Amo pertencia a conquista de Guiné; as excommunhões, que a Sé Apostolica tinha fulminado sobre os Principes, que o perturbassem nella: tudo intimado com tanta efficacia de razões, que o Rei Inglez convencido prohibio com penas sevéras, que se trabalhasse na armada.

Derrotados por este meio os intentos dos Castelhanos, El-Rei entrou em novas suspeitas a respeito do Duque de Bragança descontente, e dos mais Fidalgos seus alliados: scena formi-

mi-

midavel, que desfigura toda a gentile- Era vulg.
za do reinado de hum Principe, que
chamaõ Perfeito. Antes que o desprazer
se manifestasse rotura, El-Rei quiz
fazer observações dissimulado, e pretextou
divertimentos nas terras do Marquez
de Monte-Mór, Condestavel do
Reino, e irmaõ do Duque. O Marquez,
que para viver separado de seu
irmaõ, fora mandado para ellas desterrado,
e por isso estava resentido, naõ
obstante a sua dôr recebeo a El-Rei
com huma pompa brilhante. Se no fundo
das intenções dos Reis he permittido
entrarem discursos dos vassallos,
de todas as manobras até qui usadas por
D. Joaõ, e das muitas que depois metteo
em uso, se dizia, que todas as finezas
da sua politica a nada mais se
encaminhavaõ, que a enfraquecer o
partido do Duque, o dos Grandes Senhores
do Reino, para desterrar os sustos
panicos, com que a debilidade de
homem imagina dependente a Magestade
de Rei.

A condiçaõ ardente do Marquez estimulado
pelo desterro, agora mais
pe-

Era vulg. pela visita, bem póde ser, segundo dizem, que concebesse idéas altivas reprovadas pelo Duque seu irmaõ, e por outros do corpo da Nobreza, que elle quereria comover, e intentasse sustentallas com o poder da Corte de Castella, com quem tinha alliança taõ estreita, e que ainda naõ concebêra satisfaçaõ cabal das intenções del Rei, que em fim guardava no Reino á sua rival respeitavel a Princeza D. Joanna. Como quer que seja, D. Joaõ convocou Cortes em Evora, aonde determinou, que entre outros negocios, se examinassem os titulos das mercês, que haviaõ feito os Reis seus predecessores, como fermento azedo, que tinha bem de actividade para levedar a maça da Nobreza.

Naquellas Cortes, depois de hum discurso longo, que fez o Chanceler do Civel Vasco Fernandes de Lucena, mandou El-Rei fazer a nova fórma de homenagem, para que até entaõ naõ havia Lei, nem Regimento. O primeiro que practicou este acto por si, e como procurador do Duque de Viseo

D.

D. Diogo, que entaõ eſtava de refens em Caſtella, foi o Duque de Bragança. Depois delle ſeu irmaõ D. Alvaro pela ſua peſſoa, pela do Marquez de Monte-Mór, e pelo Conde de Fáro ſeus irmãos. Depois deſtas ſolemnidades até entaõ eſtranhas á Nobreza, foi a ida del Rei ás terras do Marquez de Monte-Mór, como diſſe, que o recebeo de galla, levando El-Rei ainda o luto de ſeu pai: politica do Marquez, que foi remunerada com huma reprehenſaõ dura, e caſtigado o encontro, que entaõ teve com o Arcebiſpo de Braga D. Joaõ Galvaõ com outro exterminio além do Téjo em Caſtello-Branco. Era vulg.

Juntos eſtes motivos de deſabrimento á reprovaçaõ das confirmaçoes geraes, que até entaõ ſe praticavaõ, e entaõ ſe ordenou foſſem particulares ás peſſoas Eccleſiaſticas, e Seculares, aos Moſteiros, e Igrejas, ás Cidades, e Villas do Reino: eſtas graças ſeparadas, e a entrada dos Corregedores del Rei pelas terras dos Donatarios com expreſſo deſprazer do Duque,

Era vulg. que, e mais Senhores, principiáraõ a perturbar os animos, que entráraõ a ter por pezado o governo de hum Rei feliz. O Duque, que queria mostrar-lhe pelos titulos da sua casa, como os seus predecessores haviaõ merecido as gratificaçőes recebidas dos Reis passados, para á vista dellas sustentar a sua justiça, mandou a Joaõ Affonso seu Mordomo, que do Archivo de Villa Viçosa lhe trouxesse os Originaes. Já a este tempo o Duque, sem que se nos diga com que intençőes, havia dado parte do que se passava a seu respeito, de seus irmãos, e parentes aos Reis Catholicos, que até aquelle tempo naõ deixavaõ perceber inclinaçaõ a favor de alguma das partes, e estas Cartas do Duque com as suas respostas saõ as que tem de ser origem de catastrofes funestos.

Joaõ Affonso encarregou a seu filho a commissaõ do Duque, e este elegeo para socio nella a Lopo de Figueiredo, que já fora criado da Casa de Bragança. Elle achou no Archivo do Duque as suas cartas para os Reis

Ca-

Catholicos juntas com as respostas; e por entender cumpria á sua fidelidade descobrillas a El-Rei, ou por lhe parecer a occasiaõ propria de ganhar fortuna, as tirou dissimulado, e as trouxe a Lisboa para instruir a El-Rei no motivo dos desgostos do Duque. Este Principe as fez copiar pelo seu Secretario Antonio de Faria, e ordenou a Joaõ Affonso, que com a mesma cautela, com que as havia tirado do Archivo, fosse a Villa Viçosa a metellas nelle. Lopo de Figueiredo tem dado o grande passo, que podendo bem ser naõ encontrasse algum tropeço se o movesse occulto, a sua publicidade foi a causa de tantos precipicios, quantos se vaõ a vêr nesta Historia.

Era vulg.

Contra a Corte de Castella assestou El-Rei D. Joaõ a primeira bataria; e lhe fez o fogo pela parte mais sensivel. Elle ordenou, que a Princeza D. Joanna sahisse do Convento de Santarém; que apparecesse na Corte; que se publicasse como entrava em ajustes para a casar com Francisco Febo, Rei de Navarra, que elles estavaõ nos termos

mos

Era vulg. mos de ſe concluir, e que o Rei Luis XI. de França era intereſſado neſta negociaçaõ. Quando os Reis Catholicos ſe ſobprendiaõ de huma novidade taõ eſtranha, que rompia os laços do Tratado precedente, entrava pela ſua Corte com o caracter de Embaixador D. Joaõ da Silveira, Baraõ de Alvito, para lhes repreſentar: Como o Rei de Portugal ſeu Amo naõ podia convir, que ſeu filho o Principe D. Affonſo, e a Infante D. Iſabel ſua futura eſpoſa, e filha delles Reis, eſtiveſſem mais tempo com a Duqueza de Viſeo D. Brites de refens na Villa de Moura, que de veraõ era muito doentia: que os Principes haviaõ vir para a Corte, ou para melhor lugar; e que ſe Suas Mageſtades niſſo naõ conviesſem, ſe deſmanchaſſe o ajuſte dos refens, voltaſſe a Infante para Caſtella, e ſe recolheſſe a Portugal o Duque de Viſeo D. Diogo.

Nada differio por entaõ o Rei D. Fernando a huma propoſta, que entendeo ſe encaminhava a declarar a guerra, e porque a frente, que ſe lhe

fa-

fazia com a Princeza D. Joanna, elle naõ a podia contrarrestar com força mais vigorosa, que a de conservar como refens em seu poder os primeiros Principes de Portugal. O Baraõ, que nada conseguia, se recolheo, sem querer acceitar as grandes mercês dos Reis, que ficavaõ atonitos, como ignorantes dos successos, dos motivos, que tinha a Corte de Portugal para fazer na sua officios semelhantes. D. Joaõ pouco satisfeito da falta de resoluçaõ de Castella, por suppôr aos Reis Senhores das suas instrucções mais occultas por meio da communicaçaõ do Duque de Bragança, tornou a mandar Ruy de Pina ao Mosteiro de Guadalupe, aonde estava a Corte, para reiterar com os Reis as mesmas instancias. Negociou este Ministro com tanta dexteridade, que conseguio a entrega mutua dos refens, que valia tanto como dar por desfeito o contrato do casamento dos Principes; mas para córar a negociaçaõ, pedio com maior dote a Infante D. Joanna por ser filha segunda, como se a sinceri-

Era vulg.

da-

Era vulg. dade permittiſſe o cambio de huma Senhora com fundamentos provaveis de vir a ſer herdeira de Heſpanha por outra dotada com mais humas poucas, oú muitas moedas.

1483 Quando ſe mettiaõ em uſo eſtas intrigas, a Rainha de Portugal teve hum máo ſucceſſo, que foi occaſiaõ de a viſitarem ſeu irmaõ o Duque de Viſeo, já reſtituido ao Reino, o Duque de Bragança, e outros muitos Senhores. Aproveitou El-Rei a conjuntura para ſe declarar com o de Bragança, fazello deſcobrir culpado, confeſſar o crime, e dar-lhe moſtras, que ſe ſatisfazia ſe o viſſe arrependido. Para iſſo; chamando-o de parte ſem mais teſtemunha, que D. Fernaõ Gonçalves de Miranda, Biſpo de Lamego ſeu Capellaõ Mór, lhe diſſe: Mui honrado Duque, quanto vou a dizer-vos he verdadeiro: eu tenho deſcoberto a voſſa perfidia, os voſſos deſignios contra o Eſtado, meſmo contra a minha peſſoa, e as intelligencias occultas, que tendes com o Rei de Caſtella; fazei troca de acções, e uni com os meus

os

os vossos sentimentos : se as allianças, Era vulg.
que tendes comigo, vos faz entender,
que vos privaõ da ordem de vassallo,
essas mesmas vos devem obrigar a seres de mim inseparavel : se vos inquietaõ as minhas ultimas Leis, he acçaõ bem propria de quem sois, sacrificar os vossos interesses á obediencia para dares della hum exemplo significante ao Reino : em fim, sabei que de quanto obrais no retiro mais secreto do vosso gabinete, de tudo estou informado : cuidai em corrigir-vos, que Eu naõ quizera com hum homem do vosso nascimento usar de expedientes mais fórtes, que esta advertencia affectuosa, e sincéra.

O Duque, que ou a consciencia naõ o accusava, ou se tinha algum leve escrupulo o entendia reconcentrado no asylo sagrado do peito do Rei de Castella, respondeo constante : Que elle naõ merecia as suspeitas injustas, que se faziaõ da sua impreterivel fidelidade, filha bem legitima do seu nascimento, e caracter : Que conhecia ser o primeiro dever da sua honra amal-

Era vulg. lo, servillo, e ter-lhe a reverencia devida de Rei, como seu vassallo, que era: que a correspondencia effectiva, que conservava com o Rei D. Fernando, naõ era intrigante, mas hum effeito proprio das allianças estreitas, que com elle tinha: que elle naõ se oppunha ás suas Leis, ainda que naõ negava haverem-lhe escapado algumas palavras de resentimento justo, por se vêr despojado dos estimaveis privilegios, que os Reis seus predecessores lhe haviaõ concedido em remuneraçaõ dos serviços relevantes, que sempre lhes fizéra a sua Casa: que hum Principe taõ generoso, como elle, naõ devia fazer caso de palavras sentidas, quando sahiaõ de hum coraçaõ no seu serviço officioso, efficaz, e fidelissimo.

Depois que no Reino se soube esta resposta do Duque, elle a teve por leal, e verdadeira; mas o Rei, que sabia dissimular, estimando-a hum fingimento, lhe deo demonstrações de satisfeito. Como os poderosos sempre tem inimigos grandes, naõ faltou quem dicesse, que o Duque tivera a admoesta-

taçaõ del Rei por falta de valor; por medo, que concebia delle; por se recear del Rei de Hespanha, e que disso capacitára ao Duque de Viseo, e a seus irmãos nas conferencias, que tivéraõ no Vimieiro. Tambem publicou a calúmnia, que estes Senhores ajustáraõ entre si resistirem á entrada dos Corregedores, quando era certo, que estas, e outras demonstrações fórtes, sendo dellas manutendor o Marquez de Monte-Mór, todos os outros Principes, e Fidalgos as impugnáraõ; resolvendo, que na situaçaõ mais critica, elles de fórte alguma haviaõ desobedecer a El-Rei, antes na consternaçaõ ultima tomariaõ o partido de se desnaturalisar, como em muitas occasiões tinhaõ praticado Portuguezes do seu caracter. As primeiras vozes falsas fizéraõ impressaõ no animo del Rei, que por evitar entaõ as contingencias do successo, assegurou ao Senhor D. Alvaro, que elle suspendia a entrada dos Corregedores nas terras dos Donatarios.

Era vulg.

Esta politica durou pouco em El-

D ii Rei,

Era vulg. Rei, que naõ tardou em uſar de outra bem perigoſa, qual foi a de ordenar ſe obſervaſſe naquella materia á riſca, quanto havia determinado. Todo o mundo entendeo logo, que eſta ordem ſe encaminhava a buſcar hum pretexto, que ſerviſſe aos ſeus deſignios; a tecer na face das gentes huma deſculpa ao ſeu projecto, que era caſtigar como rebelliaõ a falta de obſervancia á meſma ordem. Naſceo eſta reſoluçaõ ſevéra de ſe haver perſuadido a El-Rei, eſpecialmente os dous irmãos Gaſpar, e Pedro Juſarte, que entaõ foraõ premiados com muitas mercês, e o ultimo obteve o Senhorio de Arrayolos: como na Caſa do Duque em Villa Viçoſa eſtivéra disfarçado o Caſtelhano Triſtaõ de Villa Real, que da parte do ſeu Rei viéra negociar com elle as inſtancias, que devia fazer ao de Portugal pará conſeguir que lhe entregaſſe a peſſoa de D. Joanna com o fim delle Duque a tratar em ſua Caſa como Princeza; mas fazendo-a viver Religioſa; e para que conſentiſſe, que os Caſtelhanos promiſcuamen-

te

te com os Portuguezes podessem commerciar em Guiné: porque naõ convindo El-Rei nestas propostas, D. Fernando tinha motivos justos para lhe declarar a guerra, e os vassallos descontentes occasiaõ de mettêrem os Castelhanos nas suas terras, e elles depois passarem para Hespanha a segurar as pessoas.

Era vulg.

CAPITULO IV.

Negociações de Castella na Corte de Portugal, e outros successos, com o da prisaõ do Duque de Bragança.

QUANDO o Duque de Bragança, e seus irmãos D. Alvaro, e o Conde de Fáro divertiaõ ao Marquez de Monte-Mór, tambem ser irmaõ, as perturbações, que a sua paixaõ céga intentava atiçar na Pátria; o Rei de Castella naõ podia dissimular, que a Princeza D. Joanna sua competidora houvesse sahido do Convento; que sendo Religiosa, tivesse pensamentos de casar; que naõ a fizessem recolher a el-

Em vulg. elle; e que a eſtar fóra, naõ foſſe em poder do Duque, ou de algum de ſeus irmãos, como ſe havia ajuſtado no Tratado ultimo. Eſta pretençaõ de D. Fernando fazia confirmar a El-Rei na certeza de ter havido a negociaçaõ occulta, que o Duque fora tratar á Vidigueira com o disfarçado Triſtaõ de Villa Real, e que ſe dizia elle levára para Caſtella mettida em huma bolla de cêra. Tudo El-Rei attribuia aos humores aballados do Duque, que para inſtrumentos de avançar os deſignios, ſe queria ſervir da peſſoa da Princeza D. Joanna: motivo ſuperabundante para elle em nada differir ás pretençóes do Rei Catholico neſta parte.

Em quanto eſtes futuros ſe preveniaõ, El-Rei em lances taõ criticos, quando cuidava em deſcartar-ſe do Duque a todo o cuſto, foſſe em attençaõ á ſegurança da ſua peſſoa, foſſe para vingar neſte neto do Duque D. Affonſo a morte injurioſa de ſeu Avô, o Infante Duque de Coimbra D. Pedro, foſſe por preſumir tinha juſtiça para naõ deixar de uſar de ſeveridade in-

inflexivel contra taõ alta pessoa: elle recebeo em Santarém, donde havia chegado de visitar em Aveiro sua irmã a Infante Santa D. Joanna, a noticia, de que estava em Avís o Prior do Prado, Confessor do Rei Catholico, depois Arcebispo de Granada, que vinha com o caracter de seu Embaixador. Sem demóra veio El-Rei a Avís para saber, que negocio trazia a Portugal o Prior D. Fernando de Talavera, que em discurso breve lhe propôz como a paz entaõ firmada na entrega, e posse dos altos Refens, que a seguravaõ, naõ deviaõ ter mais garante, que a palavra Real dos dous Soberanos: que por esta razaõ os Principes retidos em Moura com a Duqueza de Viseo, era tempo de voltarem, o Principe D. Affonso para a Corte de Portugal, a Infante D. Isabel para a de Castella: que o Duque de Viseo D. Diogo já estava neste Reino, e seu irmaõ D. Manoel logo viría para elle, tanto que a Infante sahisse.

Era volg.

Na mesma occasiaõ se desfez o casamento destes dous Principes; mas

pro-

Era vulg. procedeo-se a novo ajuste do mesmo D. Affonso com a Infante D. Joanna, filha segunda dos Reis Catholicos por mais déz contos de réis do que havia trazer D. Isabel : com condiçaõ porém, que se ella estivesse por casar, quando o Principe tivesse idade de o fazer, que entaõ em lugar de D. Joanna, contrahiria com ella o matrimonio. Celebrados estes ajustes, para receberem o Principe em Moura, e o trazerem á Corte, nomeou El-Rei ao Mordomo Mór D. Pedro de Noronha, ao Chanceller Mór Joaõ Teixeira, ao seu Confessor Fr. Antonio, da Ordem de S. Francisco, que com o Embaixador de Castella foraõ para Moura, e El-Rei veio esperar o Principe a Evora. Dizem, que a esta Cidade lhe viera trazer Pedro Jusarte a instrucçaõ, que levára a Castella o disfarçado Villa-Real; que lhe revelára muitos segredos importantes; que desde logo ficára resoluta a prisaõ do Duque, que nada menos elle receava, ainda que a restituiçaõ dos refens o privava do apoio mais firme para a sua tranquillidade.

Com

Com bem pouco apparato eſtava o Duque na Villa de Portel, quando paſſáraõ por ella para Moura os Miniſtros nomeados. Elle lhes moſtrou complacencia extrema da vinda do Principe, e lhes pedio o aconſelhaſſem ſe tocava aos ſeus deveres ir elle meſmo a Moura ſervillo, e acompanhallo á Corte, ſe entendiaõ que niſſo agradaria a El-Rei. Todos aſſentáraõ, que eſta acçaõ era propria da ſua grandeza: mas fazendo depois reflexaõ no genio do Principe, lhe mandáraõ do caminho hum expreſſo com aviſo deſta determinaçaõ do Duque; pedindo-lhe inſtrucçaõ do modo, com que ſe haviaõ conduzir. El-Rei com huma apparencia viſtoſa ſe deo por muito ſatisfeito do obſequio, que em ſeu ſerviço quèria fazer o Duque, conduzindo o Princípe, e hoſpedando-o nas ſuas terras: tudo com vozes taõ doces, e ſuaves, que ninguem podia entender ſe occultava o aſpide nas flores deſta carta. O Duque foi o primeiro, que ſe encheo com ella do prazer ſummo, que fez evidente na magnificencia da jornada de Moura

Era vulg.

até

Era vulg. até Evora, donde logo ſahio El-Rei com gente armada para o prender no meſmo acto de receber o Principe, e o naõ fez á viſta da confiança, com que o Duque, deſpreſando muitos aviſos, para que naõ entraſſe em Evora, ſe mettia ſem perturbaçaõ na Cidade.

A tranquillidade do animo do Duque ainda deixou paſſar em feſtejos o dia ſeguinte á entrada do Principe, que era veſpera do Corpo de Deos; e o agrado, que ſe via no ſemblante do Rei, fez que o Duque naõ déſſe credito a huma carta de ſeu irmaõ o Marquez de Monte-Mór, que lhe pedia ſahiſſe de Evora, e ſe pozeſſe em ſeguro. Dentro na Cidade, aonde ſe tinhaõ dado as ordens para elle ſer preſo na ſua entrada, quando ſe fizeſſe certo ſinal, o ſegredo andava entre muitas peſſoas, e algumas o participáraõ ao Duque. Se nelle haviaõ crimes, a conſciencia o accuſava taõ pouco da ſua gravidade, que ninguem lhe percebeo perturbaçaõ pelo infortunio, que o eſperava: taõ firme a ſua conſtancia, que no conceito das gentes, ella era huma próva ter-

terminante da sua innocencia; ella fazia notar de injustiça a sua accusaçaõ; ella estimulou a Nobreza a interessar-se a seu favor ao mesmo tempo, que com modos ternos, e compassivos, com representações heroicas, e sublimes.

Era vulg.

O rumor crescia tanto na Corte, que era o objecto de todas as conversações, já derrotado em negocio taõ grave, quanto nelle o segredo de Estado queria fazer de mysterioso. Todos pareciaõ consternados, menos o Duque, que vencia o rumor com a corage, e só com a sua companhia entrou no Paço dia do Corpo de Deos a 29 de Maio para se despedir del Rei, e pedir licença para se recolher ás suas terras. Elle estava em despacho com os Desembargadores; recebeo ao Duque com agrado; mandou vir cadeira, em que se assentou, e na sua presença despachou alguns negocios. A Infante Duqueza de Viseo, sogra del Rei, e do Duque, tinha vindo á Evora conduzindo os Principes, e seu filho D. Diogo havia ido acompanhar até á fron-

tei-

Era vulg. teira a Infante D. Isabel, que se recolhia a Castella. Acabado o despacho, El-Rei ficou só com o Duque, e este naõ quiz perder a occasiaõ de se justificar para desfazer o ruido, que entendia nascer da perversidade dos seus emulos.

Com os affectos expressivos, que o coraçaõ mandava á lingoa, o Duque disse ao Soberano a consternaçaõ do seu espirito ao perceber os éccos da calumnia, que em huma pessoa do seu caracter desfigurava a candura do zelo, e a ingenuidade do affecto, com que elle se empregava no Real serviço: que tantas vozes perdidas bastavaõ para o deshonrar na face do mundo, que o teria em conta de vassallo infiel, de parente trahidor, quando a Casa de Bragança da Época do seu estabelecimento até entaõ, em nada cuidava tanto, como em se mostrar aos seus Reis parenta officiosa, vassalla fidelissima: que instantemente lhe pedia naõ désse ouvidos aos officios abominaveis dos seus emulos, antes contra elles requeria huma justiça taõ rigorosa,

ſa, quanto era alta a peſſoa, que elles atacavaõ, e grave a materia, em que a offendiaõ. A eſta propoſta reſpondeo El-Rei de hum tom firme: *Eu quero bem fazer juſtiça; eu vo-lo prometto*: e ſobindo com o Duque a huma torre do Paço, elle meſmo o prendeo nella, e o entregou a Ayres da Silva, e a Antaõ de Faria para o guardarem com cautela vigilante. O primeiro deſtes Fidalgos, para o conſolar, lhe diſſe, que daquella demonſtraçaõ del Rei proveria a elle Duque maior honra, e naõ devia por iſſo entriſtecer-ſe, ao que o Duque reſpondeo: *Que os homens, como elle, naõ ſe prendiaõ para ſe ſoltarem.*

Era vulg.

Preſo o Duque por El-Rei na meſma Caſa Real, que lhe déra o ſer, a honra, a grandeza, foi logo chamada a Conſelho a gente de maior authoridade, que ſe achava na Corte. Ao meſmo tempo o Povo, que ouvio dizer eſtava o Duque prezo por trahidor, correo em bandos ao terreiro do Paço, pedindo juſtiça contra elle. Entre tanto no Conſelho formava El-Rei o

pro-

Era vulg. processo do Duque, allegando as culpas, que contra elle tinha, e provando-as, como se diz, com a cópia das cartas extrahidas do seu Archivo, e com as instrucções, que podérão haver os seus accusadores. Determinou-se por então, que a pessoa do Duque se guardasse com segurança; que de tudo se désse parte a El-Rei de Castella, e que se mandasse tomar posse das Villas, e Castellos da Casa de Bragança. He caso insolito, digno de reflexaõ, que trinta Praças guarnecidas, de que o Duque era senhor, sem apparecer á vista dellas a pessoa del Rei, bastou ser ouvida a voz do seu preceito para naõ haver entre os seus Alcaides Móres hum só, que fizesse a menor resistencia; mais attentos aquelles Chéfes, e moradores á fidelidade devida ao seu Rei, que á observancia dos juramentos dados ao Duque, de quem as haviaõ recebido.

O Marquez de Monte-Mór, que estava nas Alcaçovas, com a noticia da prisaõ fogio para Castella, e da terra de Campos mandou á Marqueza, sua

mu-

mulher, fosse para Sevilha. O innocente Conde de Fáro, vendo hum irmaõ preso, outro fogido, como homem temeroso se retirou para Andaluzia, como honrado afflicto em poucos dias perdeo a vida. Ao quarto irmaõ o Senhor D. Alvaro permittio El-Rei, que sahisse de Portugal, promettendo de lhe mandar as suas rendas a qualquer parte, aonde se estabelecesse, menos ás Cortes de Roma, e Castella, que lhe pôz interdictas. Elle partio com o destino de peregrinar a Jerusalem; mas sendo taõ grandes as honras, com que os Reis Catholicos o recebêraõ, ellas o fizeraõ esquecer a obediencia forçada, e mandando ir para Castella a sua mulher, e filhos, aquelles Soberanos em desconto dos seus bens por esta causa confiscados, o fizeraõ Presidente do Conselho Real de Castella, seu Contador Mór, senhor do Estado de Gelves, Alcaide Mór de Sevilha, e de Andujar.

Era vulg.

A Infante Duqueza D. Isabel avisada da prizaõ de seu marido, no mesmo instante mandou para Castella a seus fi-

Era vulg. filhos D. Filippe, D. Jayme, D. Deniz, e deixou na sua companhia a Senhora D. Margarida, que falleceo poucos annos depois. Os Reis Catholicos tratáraõ aos tres Principes com a grandeza correspondente ao seu Real caracter; e quando levavaõ mudos todo o catastrofe do Duque, em acções de magnificencia extraordinaria com seus filhos, e irmãos desapprovavaõ quanto se practicava em Portugal com a cabeça da sua familia, que com brevidade esperavaõ ouvir dizer fora cortada. Os Fidalgos se dividíraõ em sentimentos. Os poucos inimigos do Duque descobríaõ huma affectaçaõ de melancolia magnanima, que se queixava do Rei lhes naõ permittir, que o seu valor fosse quem castigasse no Duque os crimes atrozes, que comettêra contra o Real decóro. Outros poucos contemplativos davaõ graças a Deos com ais maviosos, por haver permittido se descobrisse a perfidia, que a laborar mais tempo occulta, carretaria ao Rei, e á Pátria calamidades tristes.

Pelo contrario o número maior, ou

ou quasi todo o corpo da Nóbreza; Era vulgo, que naõ podia crêr na galla brilhante do Duque a nodoa feia da infidelidade; elle se arroja aos pés do Rei, e lhe pede, que mande tomar entrega de todos os Fórtes, Villas, e Castellos, de que elles eraõ senhores, todos os bens da Coroa, que possuiaõ, e que além deste penhor, offereciaõ as cabeças, tudo para segurança da lealdade do Duque dalli em diante, a que toda a Nobreza ficava responsavel; que em attençaõ a ella, usasse de hum lance forte, esforçado da sua clemencia innata, digno delle, proprio de Rei; que mandasse soltar; que deixasse viver o Duque. A dissimulaçaõ em público recebeo com circunspecçaõ o requerimento, em particular foi notado de audaz; mas a mesma circunspecçaõ se necessitou a deixallo indeciso. Ainda se ignorava como na Corte de Castella sería recebido este successo; devia-se ganhar tempo para assegurar as terras do Duque, que com qualquer resistencia perturbariaõ muito; e pedia a prudencia, que se affectasse

Era vulg. hum espirito de tranquillidade, que fizesse naõ desesperar a conclusaõ de hum ajuste.

Entretanto o ardor del Rei, que se queria prevenir aos movimentos já concebidos contra D. Diogo, Duque de Viseo, seu cunhado, que logo temos de vêr outro despojo lamentavel, naõ tanto das forças da justiça, quanto dos impulsos da cólera; elle o mandou vir ao quarto da Rainha sua irmã para o arguir, e lhe perdoar. Tendo-o El-Rei presente como co-réo nos crimes do Duque de Bragança, e do Marquez de Monte-Mór, seu irmaõ, com o semblante revestido de magestade lhe lembrou: que elle era filho do Infante D. Fernando seu tio, irmaõ da Rainha sua mulher; mas que estas relações naõ o desobrigavaõ de conhecer os perigos, em que o involveria a sua falta de fidelidade, e obediencia: que elle tomava por testemunha a Rainha presente para em tempo algum se naõ queixar, de que deixára de o advertir: que em attençaõ a esta irmã, e á memoria daquelle pai lhe perdoa-

và as faltas paſſadas, naõ ſe fiando em razaõ alguma, com que ſe quizeſſe deſculpar, ſe commetteſſe as poſſiveis, e futuras. A Rainha reſpondeo a eſta mercê del Rei com expreſsões tocantes de agradecida; o Duque com hum ſilencio reſpeitoſo, que nem confeſſava culpa, nem acceitava o perdaõ.

Era vulg.

Conſervava El-Rei a politica de indifferença, em quanto ſe informava do que ſuccedia em Caſtella, do que ſe paſſava na entrega das Praças do Duque, para tomar pelas côres dos ſemblantes as medidas, ou de o punir, ou de o ſoltar. O ſilencio, que foi obſervando nos Reis Catholicos, o teve por huma próva de convicçaõ de ſerem verdadeiras as Cartas achadas no Cartorio do Duque; que aſſim ata a deſgraça as pontas dos indicios, quando quer perſeguir hum infeliz. As Praças ſe entregáraõ como diſſemos; e vendo-ſe El-Rei deſaſſombrado dos ſuſtos de Caſtella, ſem reſiſtencia alguma em Portugal, elle determina que com o ſangue do Duque de Bragança ſe apague no ſeu interior o incendio

Era vulg. dos receios de que lhe arranquem da maõ o Sceptro taõ firme. Entaõ foraõ chamados à Evora muitos Miniſtros de juſtiça, e na téſta delles Ruy da Gran por primeiro Juiz. Joaõ de Elvas foi nomeado Procurador del Rei, e do Duque Diogo Pinheiro, depois Biſpo do Funchal, e Affonſo de Barros. Em quanto ſe formava o Libello contra o Duque, e ſe provava com os depoimentos de Pedro Juſarte, Lopo de Figueiredo, Affonſo Vaz, Joaõ Velho, Lopo da Gama, Diogo Lourenço, Jeronymo Fernandes, e Fernaõ de Lemos, que ſe entendêraõ teſtemunhas deſintereſſadas incapazes de faltar á verdade: o Povo, ou melhor informado, ou compadecido do Duque, clamava contra os Reis de Caſtella por ſe moſtrarem inſenſiveis ao eſpectaculo eminente de ſe vêr derramar ás mãos de hum verdugo o meſmo ſangue Real, que circulava nas ſuas veias reaes, e poderoſas.

Foi o Juiz á prizaõ do Duque examinallo, e apreſentar-lhe o Libello, fazendo-lhe ſaber: que elle eſtava conven-

vencido de perturbador do Governo do seu Soberano, e que da sua pessoa fallava sem respeito, e com injúria: que das palavras elle passava ás acções, entretendo com o Rei de Castella intelligencias perfidas, e perniciosas: que esquecido das razões de parente, e da obrigação de vassallo, quanto o seu Principe lhe mostrava em confiança, elle o communicava nas partes, donde lhe podia vir o maior damno: que não ignorando de vêr manifestar ao Rei as intrigas perversas do Condestavel Marquez de Monte Mor seu irmão, elle as cobria de muitos véos, como se fossem os mysterios mais adoraveis: que da difficuldade da entrega dos Refens da ultima paz era elle o Promotor tão efficaz, quanto na retenção dos Principes contemplava de interessante aos seus designios: que só elle tinha sido a causa da perturbação, que os Castelhanos tinhão causado ao Rei na navegação de Guiné: que elle prevenia os Estados do Reino para se oppôrem nas decisões das Cortes aos sentimentos justos do Soberano; e que sen-

Era vulg.

Era vulg. sendo taõ duro com os seus proprios vassallos, depois de os tratar com injustiça, lhes fechava todas as portas, para que os seus clamores naõ entrassem á presença dos Juizes legitimos, que podiaõ remediallos.

O Duque com a mesma constancia com que ouvio estes cargos, disse a Ruy de Pina, que estava presente: Ide dizer a El-Rei meu Senhor, que na situaçaõ, e no tempo em que está o Duque de Bragança, replîca a quanto acaba de ouvir com as palavras de David: Senhor naõ entreis com o vosso servo em Juizo, porque na vossa presença vivente algum será justificado: que lhe persuadisse, como a sua causa naõ devia ser julgada por Desembargadores, mas por Principes, e Duques, que fossem como elle. A nada destes requerimentos se differio. O Duque foi sentenciado como os outros homens, e na presença de seu Senhor naõ encontrou justificaçaõ este vivente, quando se entrou com elle em juizo. Foi o Duque sentenciado á morte. Tanto esperava elle por este

Acor-

Acordaõ, que sendo chamado para assistir á repergunta das testemunhas, mandou a Ruy de Pina fosse dizer a El-Rei: Que elle acabára de se confessar, e Commungar; que estava com o seu Confessor o Padre Paulo tratando cousas do espirito, e da eternidade; que essas para que o chamavaõ eraõ temporaes, do mundo, do seu Reino, aonde só elle era Juiz; que as julgasse como bem lhe parecesse, e que para isso a sua pessoa naõ era necessaria.

A sala, aonde se havia dar a sentença, mandou El-Rei guarnecella de pannos de raz, que representavaõ a justiça mandada fazer pelo clemente Imperador Trajano no revoltoso Decebalo, Rei dos Dacios. Dous dias inteiros gastáraõ os Ministros em proferir os seus pareceres decisivos; que tanto tempo necessitáraõ as consciencias para depôr os remorsos, que necessariamente havia fazer nellas hum negocio taõ carregado no pezo proprio, como no das suas consequencias. Em fim, presente o Rei, na fórma das Leis

Em mão

Era vulg. Leis Patrias, e Romanas, acordáraõ unanimes os votos: Que o Duque de Bragança D. Fernando, II. do nome morresse mórte natural, sendo degollado na Praça de Evora publicamente, e que perdesse todos os seus bens, assim os patrimoniaes, como os da Coroa, para o Fisco Real. Naõ pode entaõ El-Rei occultar a ternura, a sensibilidade de homem; negar-se aos officios da natureza; deixar de arguir a Dignidade Real, que pelas suas razões de Estado o forçava a fazer á Justiça hum sacrificio involuntario da sua clemencia: sacrificio taõ duro, que o obrigava a consentir se abandonasse ao juizo dos homens o merecimento de hum Principe seu cunhado, e que a sua cabeça fosse entregue ás mãos de hum verdugo.

Naõ estava a sentença firmada, quando El-Rei se revestio destas exterioridades apparentes, que quiz fazer criveis em huma como plena effusaõ do coraçaõ, que persuadia aos Juizes as dúvidas, que tinha, se as próvas dos indicios seríaõ cathegoricas; se

o

o processo bem formado; se o Duque Era vulg.
digno de mórte: que elles deviaõ pezar os seus votos mais, e melhor nas balanças do Santuario; fazer huma attençaõ mais séria no merecimento da causa; reparar attentos, que nella se interessava quanto na sua Real Pessoa havia de grande, de reputavel, de magestoso. Como os Ministros estavaõ bem instruidos, que estas vozes del-Rei se desconformavaõ muito do fundo das suas intenções, todos se callárаõ, tivéraõ o Acordaõ por muito bem lançado, como provava o seu silencio; menos Diogo Pinheiro, que respondeo intrépido: Senhor, he contra a disposiçaõ de Direito, contra a equidade assistir a Real Pessoa de Vossa Alteza aos termos deste negocio; quando V. Alteza he olhado como parte contra o Duque. Se este desembaraço de Diogo Pinheiro attrahíra tanto a attençaõ Régia, como levou depois o louvor público, a Historia do Rei D. Joaõ II. naõ se tisnaria agora com esta nodoa, nem talvez que depois com outra mais feia.

Fi-

Era vulg. Finalmente o Duque, ſem ſe lhe dizer para que, foi conduzido á Praça de Evora, e o mettêraõ nas caſas de Gonçalo Vaz dos baraços, aſſim chamado por ſer elle o unico, que na Cidade vendia cordas. Aqui ſoube o Duque o a que hia, quando vio o ſeu Confeſſor o Padre Paulo, que o eſperava para o confortar no acto de ſe lhe lêr a ſentença, que neſſa meſma manhã do dia 20 de Junho ſe havia excutar: Prevençaõ ſaudavel para os homens da plebe; mas deſneceſſario conforto para ſe intimar a mórte a hum Duque de Bragança, rodeado por hum lado de Chriſtandade, pelo outro de heroiſmo. Depois delle ſer conduzido da prizaõ do Paço para caſa de Gonçalo Vaz dos baraços com ſemblante alegre, montado em huma mulla levando Ruy Telles de ancas abraçado com elle, e cercado de gente armada, naõ lhe reſtava que temer em largar a meia vida, que lhe ficára. A chegada do Duque á Praça era o ſignal para ſe entrar a trabalhar no cadafalſo junto ás paredes da Igreja de San-

Santo Antaõ, e em huma varanda até á janella das casas de Gonçalo Vaz, por onde havia sahir o Duque. Intimou-se-lhe a sentença. Elle estava preparado para morrer. Tornou a repetir os mesmos actos; dispôz o que respeitava á sua Augusta Familia, e sem já mais se lhe perceber declaraçaõ, de que morria culpado, fez na ultima hora saber a El-Rei: Era vulg.

Que elle naõ cuidava em justificar-se na sua presença, mas em empregar os instantes nos esforços da resignaçaõ, com que recebia humilde a mórte, bem merecida pelos seus grandes peccados, e desordens da vida passada, de que era reponsavel só a Deos: Que elle em si mesmo estava sentindo os golpes da maõ suave, que o tocavaõ; que a adorava occulta, e naõ podia deixar de agradecer a S. Alteza o tempo, que lhe havia dado para receber desta maõ aberta a liberalidade, que enche de bençãos a todo o animal: que nada o confundia, senaõ padecer hum genero de mórte honrada, taõ desconforme em tudo á ignominiosa,

que

Era vulg.

que padeceo o Redemptor ſendo Deos, e por iſſo na deſigualdade nada o conſolava, ſenaõ a ſobmiſſaõ profunda ás permiſsões divinas, e aos decretos humanos: que como elle morria, a cólera ſe ſoffocaſſe, ſem produzir outros effeitos na ſua familia, que tanto lhe tocava; que muito lhe merecia, para que a chamma naõ ateaſſe mais incendio que aquelle, que hia a eſconder-ſe nas cinzas do ſeu ſepulcro: Que a meſma graça lhe pedia para ſeus irmãos, e que tapaſſe os ouvidos ás ſuggeſtões dos ſeus inimigos, liſongeiros déſtros, que ſobiaõ ás alturas para arrojarem dellas os Gigantes, e ficarem os fulminantes dos opprobrios occupando com ludibrio as eminencias: Que elle morria goſtoſo na certeza, de que ſe Sua Alteza aprofundaſſe as informações reſpectivas ao merecimento daquelles perſeguidores, acharia huma innocencia irreprehenſivel, que lhes inclinaſſe huma juſtiça bem differente, da que com elle ſe praticava: Que elles eraõ taes, que ſe eſqueceriaõ do genero da ſua mor-

te,

te, ſendo irmaõ, quando viſſem, que a' fidelidade de vaſſallos era nelles conhecida: Que ſó eſta conſideraçaõ da deſgraça naõ merecida dos ſeus o magoava; que em quanto ao mais, o Duque de Bragança naõ o tranſportava ir morrer em hum cadafalço, porque El-Rei queria, quando elle pelo ſervir, por vontade propria, tantas vezes arriſcára a meſma vida nos combates.

Era vulg.

CAPITULO V.

Da morte do Duque de Bragança, D. Fernando II., e ſucceſſos depois della.

DAVAÕ as déz horas da manhã do dia 20 de Junho do anno, que trato, quando o Duque D. Fernando appareceo como réo ſobre o cadafalço na praça de Evora, que eſtava bordada de trópas para impedirem, que alguem intentaſſe livrallo das mãos da Juſtiça, animados pelo clamor da ſua innocencia, pela eſtranheza das vozes, que di-

Era vulg dizia hia morrer hum Principe como o Duque de Bragança por esforço do odio poderoso. Assentou-se elle em huma cadeira com espirito taõ sereno, que por haver passado a noite desvelado, dormio hum pouco com todo o socego. Pedio alguma cousa de alimento, e chamando o seu Confessor, reiterou o Sacramento da Penitencia, e disse fizessem delle o que quizessem, que elle da sua parte tinha feito tudo. Appareceo entaõ Francisco da Silva com a vara de Meirinho Mór em lugar do Conde de Marialva, que pedio a El-Rei o dispensasse por aquella vez das obrigações do seu officio na face do réo, que era o seu maior amigo; e o Duque quando vio o novo Meirinho, disse como quem se lastimava: Francisco da Silva está hoje bem galante.

Sem se perceber neste espectaculo decadencia de espiritos, senaõ nos assistentes magoados, chegou ao Duque hum homem alto todo coberto de preto, que dizem ser hum criminoso honrado, e até hoje se soube quem era, e

ta-

tapou-lhe os olhos; deitou-o de coſtas, e depois de ouvir neſta poſtura o pregaõ eſpantoſo da Juſtiça, que mandava fazer El-Rei em D. Fernando, Duque, que fora de Bragança, por ſer trahidor ao ſeu Rei, e inimigo da Patria: tirou debaixo da loba hum cutelo, e lhe cortou a cabeça. Eſtava ordenado tocaſſe o ſino de Santo Antaõ, logo que a execuçaõ foſſe feita. Quando El-Rei o ouvio ſe pôz de joelhos com os aſſiſtentes, e banhado em lagrimas de compaixaõ, lhe encomendou a alma a Deos.

Era vulg.

O cadaver eſteve huma hora no cadafalço, tudo em ſilencio, ſem ſe ſaber quem havia dar-lhe ſepultura. Hum tempo taõ critico, em que os homens ſe affectavaõ inſenſiveis como as pedras, naõ teve juriſdiçaõ nos eſpiritos pios, e generoſos do Cabido, e Cléro da Cidade, que formados em hum corpo, com magnanimidade catholica ſobíraõ ao cadafalço, e carregando o cadaver ſobre os ſeus hombros, com pompa funebre, mas brilhante, o leváraõ a ſepultar na Capella Mór do

Con-

Era vulg. Convento de S. Domingos. Os mesmos politicos, que escondiaõ as lagrimas, e disfarçavaõ a dôr, naõ acabavaõ de louvar o zelo dos Conegos, que antepunhaõ o exercicio da sua caridade a todos os outros respeitos. El-Rei naõ fallou tres dias, e descobrio no luto rigoroso, que sentia homem a justiça, que em seu primo, e cunhado o Duque de Bragança acabava de fazer Rei.

Este foi o fim tragico do memoravel Duque D. Fernando II., que naõ teve em Portugal mais inimigos, que aquelles que o eraõ do Estado; por amigos a todos os servidores fieis do seu Soberano: em todas as suas acções taõ próbo, que se fez amar dos iguaes, respeitar dos inferiores, venerar dos bons, temer dos criminosos. As suas qualidades unidas ao nascimento lhe atrrahiraõ os corações. Fossem ellas, ou a reputaçaõ de grande Capitaõ, de valente soldado, adquirida nas expedições de Africa; fossem os grandes cargos, que occupava, ou a alliança dos Principes de alto caracter, com quem se

pren-

prendia: elle naõ violentou o genio para viver conforme ao do Rei, que governava, entendendo que no seu reinado bastava ser quem era para se lhe continuarem os agrados do precedente. Enganou-se, e em si sentio, que no primeiro foi exaltado a huma estimaçaõ summa, no segundo abattido a hum summo vilipendio. A gravidade o fez parecer sedicioso, a circunspecçaõ lhe deo o nome de trahidor, ser taõ aparentado, e taõ grande, neto do primeiro Duque D. Affonso, inimigo do Infante D. Pedro, lhe mereceo odio de graça, que o fez morrer por justiça. Era vulg.

Soou pelo mundo o ecco deste catastrofe, e até hoje tem sido raros os politicos de complacencia, que approvassem este esforço do poder. Daquella Epoca vem a nós correndo o ruido imparcial, de que a morte do Duque de Bragança foi hum parto do odio, da vingança, do rancor do Rei de Portugal: que os crimes, que contra elle se publicáraõ, todos foraõ suppostos, e inventados, sem próvas

conſtantes, nem indicios vehementes; que foraõ ſuſpeitoſas as cópias extrahidas das cartas do Duque, naõ ſe eduzindo dellas mais que humas conſequencias ligeiras, indignas de ſe tomarem para aſſumpto da mórte de hum Principe taõ grande: Que as teſtemunhas, que eu deixo nomeadas, ellas eraõ as benemeritas de paſſarem pelas mãos dos carraſcos pelo ſeu ſoborno, pelos ſeus crimès, pelos ſeus eſcandalos: circunſtancias abominaveis para ſemelhantes peſſoas ſerem confrontadas cóm hum Duque de Bragança: que no ſeu proceſſo, nem as Leis, nem os coſtumes do Reino ſe obſerváraõ, e por iſſo da accuſaçaõ á execuçaõ foraõ os dias taõ poucos, quando huma cauſa deſta natureza requeria diſcuſſaõ longa: que andando á luz do dia o odio, que El-Rei moſtrava a tudo o que tinha nome de Bragança, como era poſſivel eſconder, que a morte do ſeu Duque fora hum effeito daquelle odio?

Quanto eu acabo de dizer he tirado da bocca de Ruy de Pina, de Reſende, de Damiaõ de Goes, de Dio-

go

go de Mello Pereira, de Mariana, de Fr. Jeronymo Roman, de Antonio de Lebrija, de Jeronymo de Zurita, e de huma quantidade de Authores sem serem Portuguezes, nem Hespanhoes. Eu só me admiro, que em huma conjuraçaõ tál, que involvia os interesses de Portugal, e Castella; que a fomentava hum Rei como D. Fernando, e hum Duque como o de Bragança, só este fosse o conjurado; naõ houvessem socios; co-réos, interessados no mesmo crime; que morresse o Duque, e se acabasse a conjuraçaõ; naõ se fallasse mais nella, nem houvessem outras consequencias além da desconfiança del Rei com todos, de todos com elle; de passar o resto da vida aborrecido hum Principe taõ amavel, e de chegar ao fim della, naõ sem suspeitas de ser a morte fabricada; de tudo o que he consolaçaõ humana taõ desamparado, que naõ tinha filhos, nem parentes; lastimosamente morto o unico herdeiro da quéda de hum cavallo no meio dos prazeres da sua voda, que lhe trazia a successaõ dos Reinos de Hespa-

Era vulg.

 nha:

nha: golpes pesados, com que a maõ de Deos quiz purificar os seus defeitos para lhe dar o premio das suas grandes virtudes, que soube exercitar arrependido.

Já D. Manoel, irmaõ do Duque de Viseo D. Diogo, tinha vindo de Castella, aonde estivera em refens, e sendo vivos com prioridade de nascimento varios herdeiros da Coroa, as disposições, que com elle practicava El-Rei, pareciaõ huns pressagios da successaõ, que a Providencia lhe destinára. Elle lhe pôz logo casa de Principe, e nomeou por ayo a Diogo da Silva de Menezes, depois Conde de Portalegre: deo-lhe huma educaçaõ sublime, criou-o na sua mesma cama como filho, e destinou para sua Devisa a Esféra, como se já o mettesse na posse dos descobrimentos do Universo, de que tinha de ser author.

Poucos dias depois da morte do Duque, El-Rei partio de Evora para Abrantes, aonde foi notificado da parte do Papa Xisto IV. para apparecer em Roma em pessoa, ou na de seus

pro-

procuradores, a fim de responder ás accusações, que o Clero, e as Igrejas do Reino fizeraõ contra elle. Fundava-se esta queixa na privaçaõ dos privilegios, e isenções Ecclesiasticas, que os Canones concediaõ aos queixosos. Este procedimento inquietou os espiritos, que ignoravaõ houvesse El-Rei dado causa para elle, e se entendia effeito de alguma entrepreza extraordinaria. Como El-Rei aborrecia ao Cardeal da Costa, por entender faltava ao respeito devido á sua Soberania, elle foi tido pelo agente desta naõ ouvida novidade, com que o Papa sobprendido queria sobmetter a pessoa do Rei á jurisdiçaõ do seu Tribunal. Como o Cardeal Arcebispo de Lisboa, temeroso de ir ao fundo do Téjo, depois que vio lançar nelle a pedra, em que já fallamos, havia buscado o azylo de Roma, aonde era taõ estimado do Papa, como em Portugal menos attendido do Rei. Este Principe, naõ contente de se desculpar pelo mesmo Nuncio, que trouxe o Breve, nomeou por Embaixadores, que desabusassem o Chéfe

Era vulg.

fe

Em vulg. fe da Igreja, ao Coudel Mór Fernaõ da Silveira, e ao Doutor Joaõ de Elvas.

O Cardeal informado do deftino defta Embaixada, que fe dirigia a derrotar-lhe o crédito bem eftabelecido em Roma, e a eftimaçaõ, que devia ao Papa, tanto trabalhou pela revogaçaõ do emprazamento, que a confeguio, e com ella a fufpenfaõ da partida dos Miniftros nomeados. Eftes, e outros negocios, que occorêraõ em Abrantes, naõ divertíraõ El-Rei da refoluçaõ de praticar com a eftatua do Marquez de Monte-Mór, Condeftavel de Portugal, o mefmo que mandára fazer em Evora á peffoa do Duque de Bragança feu irmaõ. Elle fe havia retirado a Caftella, e podendo a retirada fazello efquecido, para a injúria da memoria foi lembrado. Com todas as ceremonias do coftume em actos femelhantes, quando na realidade fe executaõ, appareceo em hum cadafalfo a eftatua do Marquez armado como Condeftavel. Foraõ-o defpojando das infignias, degradando das honras,

e hum verdugo cortou a cabeça postiça, que no oco levava hum vaso para mostrar a invençaõ de sahir delle sangue depois do golpe, e representar o do Marquez. Se o que descarregou o cutelo o naõ ferio, elle em Castella sentio o da affronta, que sem derramar o sangue, perdeo a vida.

Era vulg.

Tanta severidade no Principe, a que naõ estavaõ costumados os Portuguezes, derramou hum terror universal, naõ havendo alguem, que deixasse de se temer suspeitoso. Todos os homens desconfiavaõ, e El-Rei desconfiava de todos. A confiscaçaõ dos bens de D. Alvaro contra a palavra, que se lhe déra, ainda que elle ficára em Hespanha, foi outro assumpto da murmuraçaõ, e se assentava que o odio contra a Casa de Bragança naõ se extinguia. As visitas de Provincia em Provincia para observar as Praças do Duque, e o animo dos homens, se alguns do Povo, que se tinhaõ por vexados as estimavaõ, as outras gentes naõ as soffriaõ. Em Aveiro se demorou mais a Corte para tratar o casamen-

1484

Era vulg. mento da Infante Santa Joanna com D. Diogo, Duque de Viseo; mas esta Senhora, que havia desprezado as tres Coroas mais poderosas da Europa, impressaõ alguma lhe podia fazer o ser Duqueza.

Conselheiros abominaveis principiáraõ a dispôr em Santarém o animo del Rei para fazer, que este Principe infeliz, irmaõ da Rainha, fosse objecto de outra lástima semelhante á do Duque de Bragança, ainda mais escandalosa. A mesma qualidade de suggestores induzíraõ este Principe de taõ alto caracter a aborrecer a El-Rei para ser elle o instrumento, que desaggravasse a todos os que se imaginavaõ offendidos. Como se naõ ajustou o casamento do Duque com a Infante D. Joanna, teve prática outro com D. Leonor, filha natural del Rei de Castella, que naõ duvidava dar-lhe em dote huma grossa quantia de dinheiro pela bem fundada esperança, de que algum dia veria esta filha assentada no Throno de Portugal. As idéas desta alliança, que traziaõ ao Duque huma

apoio

apoio taõ consideravel, qual era o del Rei D. Fernando, facilitou aos espiritos revoltosos tratar com o Duque se fizesse cabeça do seu partido para vingarem na vida do Rei a morte do Duque de Bragança, e as mais severidades da sua condiçaõ austéra. Era vulg.

De quanto se tratava foraõ complices, e sabedores, o Bispo de Evora D. Garcia de Menezes; seu irmaõ D. Fernando, que naõ gostou de ouvir tratar o abominavel parricidio; Fernaõ da Silveira, Escrivaõ da Puridade; D. Guterre Coutinho, filho do Marechal; D. Alvaro de Attaide, irmaõ do Conde de Atouguia; seu filho D. Pedro de Attaide; D. Lopo de Albuquerque, Conde de Penamacor, e seu irmaõ Pedro de Albuquerque, Alcaide Mór do Sabugal. O Duque ambicioso de reinar, arrebatado do fervor da idade, condescendeo ao projecto infame de desoccupar o Throno do Rei actual, e do direito do Principe successor com a vida de ambos: O Throno, que a Providencia lhe tinha destinado, se elle antes de tem-

po,

Era vulg. po, e por modo taõ indigno naõ o pretendêra. O ſegredo vil repartido entre tantos, chegou á noticia de Diogo Tinoco, que alimentando a ſua baixeza com os fructos do procedimento de ſua irmã Margarida Tinoca, amiga do Biſpo de Evora, neſtas aguas envoltas peſcou a ſua fortuna, ſoubeſſe fazer rico, e fez-ſe célebre, como ſuccede neſtes caſos.

Achava-ſe a Corte em Setuval, quando o Biſpo revelou o ſegredo á amiga, ella ao irmaõ, eſte a Antaõ de Faría para o communicar a El-Rei; mas ſem as circumſtancias individuaes da conjuraçaõ, e conjurados. Succedeo entaõ, que D. Guterre Coutinho, inſtrumento principal do crime execravel, ferido do horror, que os caſos deſta natureza coſtumaõ imprimir nos eſpiritos, já duvidoſo, heſitante, e como arrependido, communicou tudo a ſeu irmaõ D. Vaſco Coutinho. Facilitou-ſe D. Guterre a eſta communicaçaõ por ſaber, que D. Vaſco era hum dos queixoſos del Rei; que por iſſo eſtava reſoluto a ſahir do Reino

pa-

para servir a Principe, que lhe pagasse melhor; que como irmaõ adornado de bellas qualidades lhe sería fiel em taõ grande designio, e que à isso o obrigaria a esperança de ser mais bem recompensado pelo Duque de Viseo designado Rei. A politica honrada de D. Vasco, que queria instruir-se em tudo, naõ teve mais razaõ para duvidar, que fingir naõ bastarem elles ambos para levarem ao fim hum tal projecto, e que era necessario attrahir amigos.

Era vulg. 1

D. Guterre mais confortado se abrio todo com D. Vasco. Elle lhe declarou quem era o Chéfe da conjuraçaõ, quaes os conjurados, com todos os modos, e circunstancias previstas para sahirem della. O illustre D. Vasco, mais illustre por obrar o que devêra, quando mais offendido se considerava do seu Rei, por meio de Antaõ de Faria solicitou fallar-lhe, para mostrar ao mundo ser hum vassallo, que sabia preferir a conservaçaõ da vida do seu Principe, e a tranquillidade do Estado á da vida, e interesses

de

Ept. vulg. de seu mesmo irmaõ, da sua propria fortuna, e resentimento. Elle pessoalmente declárou a El-Rei quaes eraõ os seus inimigos, que intentavaõ matallo á ponta do ferro barbaro, levarem o Principe D. Affonso para Cezimbra á discriçaõ do Duque de Viseo, que o faria Rei se quizesse, ou lhe daria o destino, que lhe parecesse; e que Sua Alteza para evitar hum caso taõ fatal se prevenisse.

Como El-Rei depois da mórte do Duque de Bragança tinha augmentado a sua guarda com huma trópa de ginetes, de que fez Capitaõ a Fernaõ Martins Mascarenhas, sem fazer novidade, cuidou em andar acautelado, e ordenou a Fernaõ Martins, que nunca o perdesse de vista. Em tres occasiões intentáraõ os trahidores sacrilegos executar na pessoa Real os seus intentos. A primeira descendo huma escada fingio D. Pedro de Ataide, que tropeçava para dar lugar a D. Guterre, que vinha pouco distante del Rei, a meter-lhe a espada; ao estrondo da quéda voltou o Principe colerico, e perguntou

tou com enfado, que movimento era o seu. Desculpou-se D. Pedro com o casual tropeço; mas El-Rei lhe tornou com o mesmo imperio: tende conta em vós, vede naõ cahais. Ao mesmo passo observou, que D. Guterre hia pegando na espada; mas o semblante feróz do Rei, que por entaõ naõ quiz fulminar mais, de tal sórte atemorisou o trahidor, que suspendeo a resoluçaõ, naõ succedesse mostrar sem effeito, que o era.

Era vulg.

Passeando no campo a cavallo percebeo El-Rei movimentos semelhantes. Com dissimulaçaõ encostou elle a garupa ás paredes da Igreja da Annunciada, certo em que covardes infames naõ o haviaõ atacar pela vanguarda, para assim dar tempo a Fernaõ Martins de chegar com os ginetes. O terceiro encontro havia ser no mar, quando voltasse de Alcacere do Sal para Setuval; mas avisado por D. Vasco, fez a jornada por terra, e entrou em Setuval a 22 de Agosto. A entrada feliz del Rei foi o motivo, que obrigou o Duque de Viseo a recolher-se a Pal-

me-

Est. vulg. mela, com o pretexto de ir ver a Duqueza sua mãi, donde dizem escrevêra logo aos conjurados estranhando-lhes a pouca resoluçaõ, que deixára perder tres occasiões opportunas: que a morte del Rei naõ permittia dilações; porque se chegasse a saber as suas intenções, sería inexoravel no perdaõ: que em taes lances a temeridade era valor, que ensinava a atropelar a ordem vulgar, com que os successos de outra natureza se emprehendiaõ; e que para se animarem a hum arrojo heroico, bastava a consideraçaõ, de que todo o mundo os louvaria por vingadores de hum tyranno, libertadores da Pátria, e promotores do bem público.

El-Rei, que se occupava dos mesmos sentimentos; que soubera tinha marchado D. Alvaro de Ataide a Santarem para se encarregar da pessoa da Princeza D. Joanna, logo que fosse informado do parricidio, para com esta prenda se empenhar o Rei de Castella, que entretido na guerra gloriosa de Granada, em nada menos se occupava,

va, que nas revoltas de Portugal; logo no dia seguinte ao da sua chegada, que era o de 23 de Agosto, mandou chamar o Duque a Palmela, que veio afflicto, como que presagiando o catastrofe, que o esperava. O Duque, ainda que consternado, era muito politico para deixar de obedecer a esta ordem, e naõ obstante trazer gravada em si a face do crime, entrou na antecamara del Rei com o rosto taõ sereno, como se elle fosse o mais innocente, o mais fiel, o mais officioso dos seus vassallos. A porta do Gabinete tinha El-Rei prevenidos a D. Pedro de Eça, Alcaide Mór de Moura, a Diogo da Azambuja, e a Diogo Mendes do Rio para testemunhas da audiencia, que tinha de dar ao Duque.

Naõ gastou El-Rei com elle muitos cumprimentos. Como ficáraõ sós, e a porta estava fechada, o Soberano sem mais lembranças, que as que costuma ter qualquer homem, que deixa correr a cólera sem freio, lhe perguntou: primo, vós que farieis a quem soubesses, que intentava tirar-vos a vida?

Era vulgi

da?

Era vulg. da? Discorresse, ou naõ o Duque no intervallo breve, que a sua dependia de reposta prompta, que o fizesse entender innocente, elle disse com firmeza sem demora: Senhor, eu lhe tirára a sua primeiro, se podesse. Vós mesmo vos haveis julgado, replicou El-Rei, e tirando de hum punhal, pela propria maõ matou ao Duque seu primo irmaõ, e cunhado. Causa justa deo elle a El-Rei para a sua indignaçaõ; mas o Rei, que o tinha seguro no seu quarto para prendello, e processallo conforme a justiça, todos os seculos naõ tem podido até agora apagar a nodoa delle obrar Rei indignado, ser Juiz, e Executor na causa propria. E se houver de sobir mais alta a consideraçaõ, hum Principe moço, póde ser que mal preparado para morrer, sem se lhe dar tempo de expiaçaõ, de reconciliaçaõ com Deos, matallo sem preparo, na duvida de se perder; que direito sem impiedade o permittio já mais aos Juizes Catholicos?

O cadaver esteve occulto em quanto

to se fechavaõ as portas da Villa, se Era vulg.
postavaõ guardas dobradas, sahiaõ batedores ao campo, se publicavaõ pregões horrorosos, que declaravaõ a conjuraçaõ, com penas sevéras aos que escondessem, ou dessem passágem aos conjurados. Na madrugada foi o corpo levado em humas andas cobertas de negro á Igreja, aonde esteve até a tarde exposto á vista do povo. A todo o instante crescia a desordem; os moradores da Villa, e do campo pegáraõ nas armas sem advertirem o para que; mas individuados os motivos do successo, a fidelidade Portugueza clamava por justiça contra os co-réos do crime do Duque morto. El-Rei mandou logo fazer hum acto pelo Juiz Nuno Gonçalves, e por Gil Fernandes, Escrivaõ da sua Camara, em que elle fez a acçaõ digna de hum Principe justo, e sevéro, sobmettendo-se á formalidade da Lei, sugeitando-se a ser o primeiro que fosse perguntado a respeito dos factos, e artigos allegados, e depois delle D. Vasco Coutinho, e Diogo Tinoco, que justificáraõ a morte do Duque.

Era vulg. Immediatamente mandou El-Rei trazer á sua presença a D. Manoel, que estava enfermo, e veio occupado do temor, que o semblante do dia funesto introduzíra nos mais robustos. Depois de lhe mostrar muito agrado, El-Rei lhe disse: Que elle matára ao Duque seu irmaõ, porque este atentára ingrato contra a sua vida: que ficando vagos para a Coroa todos os seus bens, desde já lhe fazia delles mercê, e doaçaõ perpetua, como a filho, que muito amava: que se succedesse morrer o Principe sem successaõ, o nomeava por herdeiro destes Reinos; e que nas desgraças, que lhe succediaõ, elle attribuia a castigo dos peccados proprios o que eraõ culpas alheias. Ditas estas, que o tempo mostrou parecerem profecias, D. Manoel, e o seu ayo Diogo da Silva, que estava presente, beijáraõ a maõ a El-Rei com lagrimas mutuas, que nascidas de taes origens, saõ expressões bem improprias dos affectos no semblante da Magestade. Ao mesmo Principe mudou El-Rei o Titulo, que havia ter de Duque de Viseo no

de

de Duque de Beja, ſenhor de Viſeo, ajuſtando com elle a troca das Villas de Serpa, e Moura, que queria para ſi, e lhe deo em ſua vida a propriedade da Ilha da Madeira. Era vulg.

Depois de tomadas eſtas precauções, mandou El-Rei ao Doutor Nuno Gonçalves do ſeu Dezembargo, e ao Eſcrivaõ da ſua Camara, Gil Fernandes foſſem a Palmela notificar á Infante D. Brites a mórte de ſeu filho; lhe fizeſſem ſaber a cauſa della; os juſtos motivos que tivera para naõ uſar com elle formalidades; a reſpoſta, que na ſua meſma maõ dera hum punhal, como executor da ſentença, que contra ſi proferira o Duque, e as mercês que acabava de fazer a ſeu filho D. Manoel. Recomendou-lhes, que da ſua parte a confortaſſem muito, lhe lembraſſem o merecimento da paciencia: expreſsões inſinuantes, a que a Infante reſpondeo com os olhos, para naõ deſconformar a lingoa das configurações do tempo. Para ſe evitar algum tumulto nas terras do Duque, ſem perda de tempo foi gente por ordem del

Era vulg. Rei encarregar-se dellas, e todas se entregáraõ, excepto o Sabugal, aonde estava a mulher de Pedro de Albuquerque, que a tendeo a D. Pedro de Noronha depois de saber da prizaõ de seu marido.

CAPITULO VI.

Como o mundo teve a morte do Duque por hum acto de crueldade do Rei, e dos mais castigos, que se deraõ aos outros conjurados.

OS successos estranhos pelas suas qualidades, e circunstancias sempre se fizeraõ reparaveis ás Nações civilisadas, que se governaõ pelas Leis, e Equidade. Ainda os eccos da injusta mórte do Duque de Bragança retombavaõ nos ambitos do universo, quando soou com pequeno intervallo de tempo o novo estrondo da do Duque de Viseo ás mesmas mãos do Rei, seu primo irmaõ, e cunhado, e a dos Fidalgos mais principaes do Reino, sem terem contra si mais próva, que a de duas tes-

testemunhas, que eraõ D. Vasco Coutinho, cavalheiro antes pouco affortunado, e Diogo Tinoco, homem taõ vil, que consentia na prostituiçaõ infame de sua irmã com o Bispo de Evora. Ainda que El-Rei, depois de lhe passar a cólera, que he eclypse escuro do Throno, havia tomado todo o genero de precauções para salvar a sua reputaçaõ na Tragedia, que representava verdugo hum Soberano: ainda que elle tinha feito esgotar todas as forças da eloquencia adulatoria para justificar o seu procedimento: ainda que a perfidia se havia pintado com todas as côres de horrorosa, para naõ parecerem á sua vista deformes nos castigos as nodoas da atrocidade; as lingoas se soltáraõ, e foraõ na Europa raros os sentimentos, que naõ notassem a D. Joaõ de Tyranno; poucos no Reino, que naõ lhe imprimissem a marca de Rei aborrecivel.

Era vulg.

Para fallarem livres os espiritos dos independentes, que naõ eraõ vassallos, elles naõ se embaraçavaõ em romper os véos da politica, que que-

riaõ

Era vulg. riaõ cobrir de justiça a acçaõ do Rei com os fundamentos, de que a hum Soberano tudo he permittido, quando se trata da segurança da pessoa, e da tranquillidade do Estado. Que se o de Portugal mandasse instruir em fórma o processo do Duque, e fazello executar em público, se expunha ás consequencias de huma revolta, que naõ deixariaõ de mover os partidarios de hum Principe taõ grande. Impressaõ alguma fez nos mesmos espiritos a declaraçaõ Real, que se estabelecia em muita parte no poder, que o seu caracter de Rei lhe dava sobre as pessoas, e as vidas dos seus vassallos. Naõ se calláraõ por ouvirem dizer, que nos casos de trahiçaõ, quando se intentava tirar a vida ao Principe, e este intento se provava; des de logo lhe era permittido apartar-se das regras ordinarias da justiça para acautelar o damno de contingencias naõ previstas. Naõ emudecêraõ por se lhes persuadir, que o Rei D. Joaõ nada obrára reprehensivel; nada sem conselho; e que na situaçaõ dos negocios de Portugal, el-

elle ſe conduzíra como devêra para evitar na execuçaõ os perigos grandes, a que ſe expunha, que lhe ſeriaõ inevitaveis.

Era vulg

Diſcurſo algum deſtes, e outros muitos ſemelhantes impedio áquelles eſpiritos levantarem altas as vozes, e clamar na face da terra: Que o Rei de Portugal ſacrificára indignamente á ſua crueldade hum Principe alto, o mais conjuncto ao ſeu ſangue, ſem o deixar morrer como Chriſtaõ; e tendo-o fechado em hum quarto do ſeu meſmo Palacio ao menos dar-lhe tempo para ſe confeſſar; acçaõ, que ſó era propria em hum barbaro: que tudo quanto elle havia feito, e de ordem ſua ſe tinha obrado, ſe oppunha formalmente ás determinações de Direito, e regras ordinarias da Juſtiça, naõ precedendo ao caſtigo do culpado a citaçaõ, e accuſaçaõ peſſoal, naõ ſe lhe dando tempo para juſtificar o crime, ou moſtrallo nelle convencido, nem ſe lhe concedendo para iſſo os dias neceſſarios: que em caſo tal naõ baſtavaõ os ditos de duas teſtemunhas

pa-

Era vulg. para por elles se condemnar á morte hum Principe, muito mais attendendo ao caracter de ambas; D. Vasco, sendo hum cavalleiro desvalído, que quería deixar o Reino, porque o Rei lhe naõ despachava os serviços passados, e que se fazia suspeitoso, de que pelo presente iria a segurar o despacho; Diogo Tinoco por naõ ser figura capaz de se confrontar com hum Duque filho do Infante, e irmaõ da Rainha de Portugal, quando elle consentia, que sua irmã se emparelhasse com as prostitutas públicas: que o depoimento do Rei naõ devia receber-se, como producçaõ, que era de quem se fez testemunha, se mostrou Parte, sentenciou Juiz, e foi Executor.

Redobrou-se o clamor com os raios, que o Papa fulminou sobre o Rei. Elle se queixava de que este Principe, naõ contente com profanar o Paço, que salpicára com o seu mesmo Sangue Real, lançára maõ ao thuribulo para violar o Templo no concurso, que déra para a mórte de hum Ministro da Igreja, que tinha impresso o ca-

caracter do Episcopado. Mas quando o mundo assim notava os casos insolitos succedidos em Portugal, o seu Rei em nada cuidava tanto, como no castigo dos criminosos. O Bispo de Evora, que estava no quarto da Rainha, foi tirado delle pelo Capitaõ dos Ginetes Fernaõ Martins Mascarenhas, e levado para o fundo de huma cisterna de Palmela; aonde Garcia de Resende, hum Official da Casa do mesmo Rei, todo abandonado aos seus sentimentos, naõ duvidou confessar, que morrêra no fim de tres dias, e se dizia, que de veneno.

Era vulg.

El-Rei assistio na Relaçaõ, a que foraõ chamados D. Fernando Menezes, e D. Guterre Coutinho. O primeiro, que se entendia innocente, e era esforçado, recitou ao Rei hum discurso vivo, e patetico; mas taõ denodado, e pouco respeitoso, que o foi pagar com a cabeça em hum cadafalso na Praça de Setuval. D. Guterre quiz fallar com sobmissaõ; mas o Rei o mandou tirar da sua presença sem o ouvir, por ter promettido

a

Era vulg. a ſeu irmaõ D. Vaſco de lhe comutar a pena de mórte em priſaõ perpetua, que ſe lhe deo no Caſtello de Avís, aonde a palavra, que lhe poupou a vida a ferro, pouco depois lha mandou tirar com veneno. Fernaõ da Silveira deveo ao cego amor de hum criado, que o ſervíra, tello muito tempo occulto em ſua caſa, ſem temer, nem ſe cativar das grandes promeſſas, e eſpantoſas ameaças, que ſe mandáraõ publicar contra, e a favor de quem o entregaſſe, e encobriſſe. Naõ valeo a Fernaõ da Silveira o refugio de França, aonde El-Rei o mandou matar pelo Conde de Palhaes, Cavalleiro Catalaõ, que o Rei de França mandou ſentenciar á mórte, ſem que as inſtancias do de Portugal conſeguiſſem mais da equidade daquelle Soberano, que mudar a primeira pena na de rigoroſa prizaõ perpetua.

D. Alvaro de Attaide, que ſegundo ſe dizia tinha ido a Santarem por ordem dos conjurados para ſe encarregar da peſſoa da Princeza D. Joanna, com

com a noticia do que se passava, soube valer-se melhor que todos dos grandes talentos, de que era dotado, e naõ obstante se qualificar innocente a beneficio do tempo, eludio todas as diligencias, passando para Castella, aonde pedio a protecçaõ dos Reis Catholicos, que desaprovavaõ estes catastrofes de Portugal. Elles o tiveraõ na sua Monarquia com tanta segurança, que naõ houve para a sua pessoa hum Conde de Palhaes; mas hum Rei D. Manoel, que o chamou ao Reino, o declarou sem culpa, restituindo-lhe a honra, e a fazenda. Pedro de Albuquerque foi prezo em Lisboa, e levado á Casa da Suplicaçaõ, aonde fez a El-Rei huma falla eloquente, e respeitosa, em que implorava a sua clemencia, e lhe representava os seus muitos serviços nos encontros mais perigosos da guerra; mas todas as diligencias foraõ inuteis, e lhe cortáraõ a cabeça. A sua mulher D. Catharina da Costa, irmã do Cardeal deste apellido, fez El-Rei merce dos bens, que se lhe confiscáraõ, em attençaõ a lhe en-

Era vulg.

Erà vulg. entregar a Praça do Sabugal, que fora de seu marido.

O Conde de Penamacor foi o unico, que recolhendo-se nesta Villa do seu Titulo, resistio ás ordens do Rei. Elle se pôz em estado de defensa, quando este Principe marchava ao Sabugal contra sua cunhada. Como El-Rei voltou do caminho para Santarem com a noticia, de que D. Catharina da Costa tinha entregue a Villa a D. Pedro de Noronha; o Conde com Salvo-conduto Real lhe veio fallar no lugar das Cortiçadas. Naõ conseguindo nada del Rei nesta conferencia, tomou o expediente de se retirar com sua mulher, e filhos para Castella, aonde naõ cessou de ser hum clarim surdo, das que elle chamava atrocidades no seu Principe. Por este modo se dissipou a temida conjuraçaõ, que affligindo a muitos, a parte della mais sensivel cahio pesada sobre a reputaçaõ del Rei, que quando a gratidaõ o queria louvar de benefico, o temor lhe imprimia nos actos da vingança o caracter de indomavel.

Em

Em Castello-Branco, quando El-Rei voltava do Sabugal, deo audiencia ao Bispo de Cordova, e a Gaspar de Fabra, Embaixadores de Castella, que da parte dos Reis Catholicos vinhaõ pedir a restituiçaõ dos filhos do Duque de Bragança ao Reino. Elle lhes respondeo decisivamente dissessem aos Reis seus Amos, que havendo de ser Rainha de Portugal huma de suas filhas ajustada a casar com o Principe D. Affonso, que a ambos havia ser prejudicial a restituiçaõ, que se lhe requeria. Vindo logo a Monte-Mór, premiou a fidelidade de D. Vasco Coutinho com o senhorio, e Titulo de Conde de Borba, que os seus descendentes trocáraõ depois com a Casa de Bragança pela Villa do Redondo. O zelo de Diogo Tinoco foi remunerado com grossas quantias de dinheiro, e o provimento de muitos beneficios, que lhe duráraõ pouco pela morte naõ pensada, que foi para os contemplativos outro mysterio novo.

Era vulgar

Os Embaixadores de Castella, que logo depois da resposta del Rei se re-

ti-

Era vulg. tiráraõ, elles a communicáraõ aos ſeus Soberanos. D. Fernando, naõ ſe moſtrou ſó ſentido, mas ſe deixou vêr eſtimulado. Com tudo, ou foſſe por naõ ſe querer embaraçar em novas guerras com prejuiſo da conquiſta de Granada, ou por naõ romper o ajuſte do caſamento de ſua filha com o Principe de Portugal; tomou o expediente de naõ fallar mais palavra neſtes negocios, em quanto viveſſe o Rei D. Joaõ. De nada importáraõ os esforços deſte Principe para arruinar na Caſa de Bragança o alto objecto do ſeu odio. O Ceo a preſervou no meio das maiores adverſidades para dar o ſeu ſangue a todos os Reis, eſmalte a todas as Coroas, á Coroa, e Reis a Portugal. Naõ tardará hum D. Manoel benigno, que chame á Pátria os deſterrados, lhes reſtitua honra, e fazenda, e declare a hum delles, que era o Duque D. Jayme, filho do meſmo infeliz D. Fernando II. por ſeu Succeſſor á Coroa, no caſo delle morrêr ſem geraçaõ, como veio a ſucceder aos deſcendentes do Duque hum ſeculo depois.

Bem

Bem póde ser, que com o fim de destruir no conceito das gentes as idéas do odio concebido ao nome de Bragança, ou ás pessoas, que eraõ da sua Casa, El-Rei entaõ nomeasse Bispo de Evora ao unico parente della, que havia no Reino, D. Affonso de Portugal, filho natural do Marquez de Valença, que fora primogenito do Duque D. Fernando I. Todos se enganáraõ com esta nomeaçaõ, entendendo vinha chegando o tempo do Rei depôr as suas suspeitas para reconhecer o merecimento, e a fidelidade dos Senhores de Bragança. Este Prelado illustre he o tronco da grande casa dos Condes do Vimioso, Marquezes de Valença, como pai de D. Francisco de Portugal, que foi o primeiro Conde, Senhor de Aguiar, e Camareiro Mór do Principe. O Bispo do Funchal, Primáz das Indias D. Martinho de Portugal, tambem foi filho do Bispo de Evora, e Varaõ memoravel entre os do seu tempo.

Era vulg.

Seria providencia de Deos ordinaria a peste, que se seguio ás revoltas

re-

Era vulg. referidas, e o povo credulo attribuia a flagello da indignaçaõ Divina. O certo he, que elle naõ se suspendeo senaõ á efficacia de preces fervorosas, e penitencias públicas, especialmente na Provincia do Alem-Téjo, aonde o contagio era taõ mortal, que se temeo a despovoaçaõ dos lugares, que elle atacou. Ainda que magnanimo o espirito del Rei, este aggregado de infelicidades naõ lhe permittiaõ executar as suas vastas idéas, que sentia prézas em huma cadeia de infortunios. Acalmou a tormenta, em que se deixou vêr Palinuro destro, e entrou logo a mostrar-se politico eminente. A delicadeza deste caracter, quando o Rei de Inglaterra perguntou ao Senhor Descalas, que vira de raro em Portugal, lhe deo assumpto para responder: Que a cousa mais singular, que vira naquelle Reino, era hum homem, que mándava á todos, e que ninguem o mandava a elle.

Tal era a fina politica del Rei D. Joaõ II., que entaõ fez florecer a Agricultura, e as Artes, as Fabricas, e o Com-

Commercio; mandando vir Professores de humas dos paizes estranhos, e os experimentados no outro á Persia, á Arabia, ao Egypto, que foraõ as primeiras fontes, donde depois manáraõ para o Reino innundações de generos, e riquezas. Estando em Béja, reformou o Escudo das Armas Reaes, tirando-lhe a Cruz verde de Avís, e pondo-o na fórma, em que hoje o vemos. Acrescentou aos seus Titulos o de Senhor de Guiné: mandou lavrar as suas primeiras moedas de ouro, humas, que fez chamar Justos, outras Espadins, alludindo o nome da primeira á sua Imagem assentada, como inculcando segurança, e por orla as palavras de David: *Justus ut palma florebit*, e o da segunda a huma espada nûa com a ponta para o alto em acçaõ de naõ temer, como o persuadia a letra do mesmo Rei Profeta na sua circunferencia: *Dominus protector vitæ meæ, a quo trepidabo.*

Era vulg.

As moedas chamadas vintens, e meios vintens, os reaes, e reaes e meio tambem foraõ fabrica inventada

Era vulg. por este Rei; mas como os Successores estudaõ muito em naõ ser escravos das vontades dos seus Predecessores, estes, e outros muitos usos do tempo del Rei D. Joaõ espirárão com a sua vida. As novas moedas, e Leis novas respectivas ás cobrança dos Direitos, se enriquecêraõ mais ao Rei, diminuíraõ muito as utilidades dos vassallos no commercio com os Estrangeiros. Dizia-se, que era necessario remediar, e com isto se conseguio o remedio dos abusos dos Recebedores, e Ministros, taõ indulgentes, e trataveis, que se affirmava serem elles a causa com o seu facil accesso de naõ haver em todas as margens do Oceano pórtos mais frequentados de náos, que as do rio de Lisboa.

Em Setuval, para onde a Corte se mudára de Béja, recebeo El-Rei a noticia da mórte do Papa Xisto IV., e eleiçaõ de Innocencio VIII. Para lhe render obediencia mandou por Embaixadores a Roma o Mordomo Mór D. Pedro de Noronha, o Doutor Vasco Fernandes de Lucena, e por Secreta-

rio da Embaixada a Ruy de Pina, que ao mesmo tempo hiaõ encarregados de solicitar a publicaçaõ da Cruzada para a continuaçaõ da guerra de Africa, e outros muitos indultos para a economia espiritual do Reino. Como nós haviamos feito hum grande serviço á Républica de Veneza, amparando as equipagens de quatro galés suas, que os Francezes lhe tomáraõ no Cabo de S. Vicente, e tratando-as com todas as delicadezas da hospitalidade. Os nossos Embaixadores, como particulares, foraõ vêr aquella Cidade; mas sabendo a Républica qual era o seu caracter, os distinguio com as maiores honras, fez em seu obsequio festas magnificas, e os obsequiou com ricos presentes. Pelo mesmo tempo a reputaçaõ del Rei estimulou a Carlos VIII. Rei de França, para formar com elle hum Tratado de amizade, em que mutuamente consentiaõ, que os seus vassallos respectivos podessem livremente entrar, sahir, estabelecer-se, e commerciar nos pórtos dos seus Dominios.

Era vulg.

1485

He

Era vulg. He memoravel este anno pela vinda a Lisboa do Genovez Christovaõ Colomb, homem taõ conhecido pelo seu estudo na Cosmografia, como pela sublimidade do seu espirito, ainda que no nascimento humilde. Illustrado pelos seus talentos, e pelas noticias, que pode adquirir de hum Piloto Portuguez, entrou por Lisboa representando as idéas de hum Novo Mundo despegado das tres partes conhecidas do Globo da Terra; offerecendo-se para seu descobridor. Naõ desprezou El-Rei a noticia, antes ordenou aos Mestres José, e Rodrigo, seus Cosmografos, conferissem com Colomb, e observassem os fundamentos do seu naõ pensado arbitrio. Depois de ouvirem a que elles entendêraõ pouca exactidaõ dos seus discursos, assentáraõ que as idéas de Colomb eraõ quimericas, e as insinuáraõ a El-Rei por impracticaveis. O mesmo sentio no Conselho de Estado, que El-Rei convocou sobre esta materia, o Bispo de Tangere D. Diogo Ortiz, que se declarou abertamente contra todas as proposições do arbitrista.

D.

D. Pedro de Menezes, Conde de Villa Real, contrariou o voto deste Prelado. Elle persuadio o estado do Reino, como nunca florecente para avançar a gloria em novas conquistas: que se as idéas de Colomb eraõ inadmissiveis, que os projectos do grande Infante D. Henrique se deviaõ seguir: que os Estados mais poderosos decahiaõ faltando-lhes a navegaçaõ, e o commercio: que bem se via a exaltaçaõ de Portugal pelos interesses immensos, que produzia o trato de S. Jorge da Mina: que Portugal se conservava em paz profunda, e naõ devia estar ocioso, perdendo em Africa, e pelo mundo as vantagens de exaltar a Fé, de promover a gloria do Rei, o credito da Naçaõ, os interesses do commercio, a reputaçaõ das armas. Este discurso, em que D. Pedro preferia a todos os outros intentos a navegaçaõ de Guiné, e a continuaçaõ da guerra de Africa, desconcertava as medidas de Colomb: elle tomou o partido de retirar-se, e em quanto se offerecia em Castella aos Reis Catholicos pa-

Era vulg.

Era vulg. para metter hum Mundo debaixo do seu Imperio, mandou por seu irmaõ Bartholomeo Colomb fazer a mesma offerta a Henrique VII. Rei de Inglaterra.

1486 A noticia da Cruzada concedida pelo Papa para a continuaçaõ da guerra de Africa, o estrondo das armas, que neste anno se preparavaõ em Portugal para ella, chegou a Azamor, Cidade da Mauritania Tingitana na Provincia de Ducalá. Os seus moradores receando, que sobre elles descarregasse o golpe, preveníraõ os designios del Rei por meio de Emissarios, que lhe vieraõ render obediencia, trazerlhe as chaves da Praça, e reconhecello por Senhor com o tributo annual de dez mil Saveins. Naõ era occasiaõ deste susto dos Barbaros só o armamento de Portugal; más os progressos felices dos Reis Catholicos, que tinhaõ quasi sobmettido o Reino de Granada. Por estes tempos sitiavaõ elles a importante Cidade de Malaga, que estando nos termos de se render, faltou a polvora no campo Catholico. Os Reis nesta consternaçaõ enviáraõ com toda a dili-

li-

ligencia a Santarem pedir a D. Joaõ, que sem demora os soccorresse com este genero. Elle lho mandou gratuitamente em tanta quantidade, acompanhado da offerta de todas as suas forças, que renovados com vigor os ataques, os Mouros em poucos dias rendêraõ a Praça.

Era vulg.

CAPITULO VII.

Trata-se das navegações mandadas fazer pela Costa de Africa, e outros successos pelos annos seguintes.

QUANDO os Reis Catholicos de Hespanha Fernando, e Isabel se aproveitavaõ das offertas de Christovaõ Colomb, que nós desprefamos sem consideraçaõ, e que os fizeraõ senhores das Indias Occidentaes: El-Rei D. Joaõ, desejoso de alcançar noticia das Grandes Indias do Oriente, em que já se fallava sem se ter por impia a questaõ dos Antipodas, mandou por terra a Pedro da Covilhan, e a Affonso de Payva, homens intelligentes, e robus-

tos,

Era vulg. tos, para penetrarem todos os terrenos incognitos até aviſtarem as margens do Indo, e Ganges. Chegáraõ ambos os Aventureiros á Ilha de Rhodes, Alexandria, e Cayro, aonde ſe apartáraõ, o Payva para a Ethiopia, o Covilhan para a India. Teve eſte a fortuna de ſer o primeiro Europeo; que piſou as terras da Aſia; e voltando ao Cayro; porque achou morto o companheiro, continuou a perigrinaçaõ. Depois de examinar grande parte dos Reinos Orientaes; elle vio o do Preſte Joaõ, aonde o tratáraõ depois muitos Portuguezes, que nelle o víraõ eſtabelecido com temor de emprehender a perigoſa retirada.

Ao meſmo tempo, que El-Rei deſpedio ao Payva, e Covilhan, fez eſquipar duas frótas, huma para Güiné, outra para a India. A primeira foi entregue ao Commandamento de Diogo Caõ, a ſegunda a Joaõ Affonſo de Aveiro, homens de eſpirito capaz para deſempenharem as idéas do ſeu Principe. Se eſtes, e outros Capitães nos abríraõ os primeiros paſſos para a na-

ve-

vegaçaõ da India, como veremos, os muitos que deo por terra Pedro da Covilhan, nos trouxéraõ os vestígios para sabermos pôr os pés com mais firmeza. Elle havia passádo do mar Vermelho a Adém, a Calicut, a Goa, a Çofala, e quando soube no Cayro por dous Judeos, que El-Rei mandava a Ormuz, a mórte de Affonso de Payva, pelos mesmos Judeos escreveo elle a El-Rei, dando-lhe parte, como havía reconhecido a India; navegado da Costa de Ethiopia a Çofala; que todo este Continente corria até ao Promontorio das Tormentas em Africa; que passado elle, os seus navios encontrariaõ hum rico Commercio em Quiloa, em Melinde, e lhe ficaria fácil o trajeto para todas as Cóstas da Asia.

Era vulg.

Deste modo se hiaõ dispondo os successos humanos para o cumprimento das promessas Divinas feitas ao Rei D. Affonso Henriques no Campo de Ourique, aonde a Providencia declarou a escolha, que tinha feito dos Portuguezes para levarem o Nome do

Re-

Era vulg. Redemptor ás Nações estranhas. Ella conduzia pelos mares a Diogo Caõ, e a Joaõ Affonso de Aveiro. Este descobrio o Reino de Benin nos mares de Guiné, donde veio a Portugal a primeira pimenta, que teve logo grande estimaçaõ na Europa. O seu Principe quiz abraçar a nossa Religiaõ, cultivar o nosso Commercio, e com estes designios mandou a Portugal por Embaixador a hum dos seus Capitães, que foi tratado, e remettido a seu Amo com honras distinctas, e presentes estimaveis. A condiçaõ dos de Beni, á sua pouca fé, nos embaraçou para entaõ avançarmos os projectos, e nesta viagem falleceo o Commandante Joaõ Affonso.

Com progressos mais felices descobrio Diogo Caõ o Reino de Congo situado na Ethiopia Occidental, confinante ao Nórte com Loango, e Ansiga, ao Meio Dia com Angola, e Malemba, ao Poente com o mar Ethiopico, e ao Levante com o Reino de Cacongo, e humas altas serras em que ha abundancia de prata, crystal, e sali-

ltre. Na foz do consideravel rio Zaire lançou ferro Diogo Caõ, e encontrou os Ethiopios taõ humanos, que viéraõ a bordo das suas náos com demonstrações da maior complacencia. Os gestos civís, mas acompanhados da lingua incognita, nos facilitáraõ mandar quatro Officiaes para ficarem, como em penhor, ao Rei de Congo por outros quatro dos seus vassallos, que o Commandante trouxe a Portugal. Instruidos em Lisboa na lingua Portugueza, soubemos delles, que o seu Rei era Caramança; que o seu Reino se chamava Congo; que elles desejavaõ communicaçaõ com os Portuguezes para lhe polirem a barbaridade: sentimentos, que causáraõ a El-Rei hum prazer extremo pela esperança de trazer ao gremio da Igreja tantas gentes desgarradas, e remotas.

O mesmo Diogo Caõ foi em segunda viagem reconduzir os quatro Africanos ao Reino de Congo, e restituir-se os seus Officiaes, avançando os progressos, que logo veremos. Entre-

Era vulg. tretanto recebia El-Rei Embaixadores dos Reis de Tombut, e Mandinga, Eſtados ſituados na Negricia, que vinhaõ ajuſtar com elle alliança: prohibia o uſo das ſedas, e dos brocados para evitar o luxo, que ſempre foi hum dos inimigos capitaes das Monarquias: ordenava, que o uſo antigo de ſe examinarem na Chancellaria os Reſcriptos, Breves, e Letras Apoſtolicas vindas de Roma, foſſe abolido; porque teve aquelle procedimento nos negocios, que naõ prejudicavaõ ás regalias do Eſtado, por deſobediencia, e rotura da authoridade eſpiritual, que de ſuá natureza, e por determinaçaõ Divina era Soberana, independente, tanto ſem ſuperior na terra, como o Rei na ſua authoridade Temporal: ultimamente, provava dous monſtros, hum de perfidia, outro de fidelidade, que naquelles tempos ſe fizéraõ célebres.

Era o primeiro hum tal Joaõ de Agualda, que tinha ſido criado de D. Pedro Alvares de Souto-Mayor, Conde de Caminha. Eſte homem infame

pa-

para fazer fortuna, declarou a El-Rei Era vulg.
que D. Alvaro de Souto-Mayor, filho
do Conde, que eſtivera em Caſtella,
ſe achava em Portugal com intentos
de o matar. El-Rei, que depois da
mórte dos Duques de Bragança, e
Viſeo, tudo o aſſuſtava: mandou ſe-
gurar o João de Agualda, prender a
D. Alvaro, mettello a tormento, ti-
rar exactas indagações; achando tudo
falſo, e informado do fim a que o
Agualda encaminhava o teſtemunho,
mandou que eſte foſſe feito em quar-
tos, e D. Alvaro ſolto.

Foi o ſegundo o illuſtre Fernaõ
Rodrigues Pereira, que tendo ſervido
ſempre com o meſmo zelo a Caſa de
Bragança na differença das ſuas fortu-
nas, o Duque D. Jayme, que eſtava
no ſeu refugio de Caſtella, mandou a
eſte homem excellente vieſſe disfarça-
do a Villa Viçoſa trazer huma Carta
á Duqueza ſua mãi. Naõ lhe valêraõ
os rodeios da marcha, nem a figura
contrafeita para deixar de ſer conheci-
do, e levado a El-Rei. Temeo elle a
cólera Real, que ſabia naõ eſtar ex-
tin-

Era vulg. tincta contra o nome de Bragança; e porque naõ ſuccedeſſe a revelaçaõ do ſegredo de ſeu Amo cauſar-lhe maiores damnos, comeo, tragou, engolio a carta. Como nada ſe lhe achou, e baſtava o disfarce para ſe fazer ſuſpeitoſo, intentou-ſe corromper a ſua fidelidade, primeiro com promeſſas ſobreeminentes ao caracter de Fernaõ Rodrigues, logo com tormentos ſuperiores á conſtancia de homem. A hum, e outro combate reſiſtio elle mais que homem commum, mais que Fernaõ Rodrigues Pereira, porque os esforços nada vulgares da munificencia, do terror de hum Rei, em ambas as qualidades ſublime, ſoube elle vencer intrépido, e generoſo.

1487 Entrou novo anno, em ſucceſſos feliz, que adquiríraõ a El-Rei reputaçaõ. Em quanto Diogo Caõ navegava para o Reino de Congo; os Juriſconſultos, e Miniſtros de Portugal notavaõ de exceſſiva a condeſcendencia do Rei em impedir, que os negocios de Roma, antes de executados, paſſaſſem primeiro pela Chancellaria, como con-

trá-

trária aos usos, e privilegios da Nação: em quanto o seu desinteresse, pàra fazer a Setuval hum Emporio de commercio, lhe remettia todos os tributos, gabellas, e direitos, enobrecendo-a com aqueductos, e obras públicas. D. Diogo Gonçalves de Almeida partio para Africa com huma armada de trinta náos contra Barraxe, e Almandarim, dous Mouros poderosos, que se haviaõ revoltado contra o Rei de Féz, com tal satisfaçaõ deste Principe, por imaginar os seus interesses confundidos com os de Portugal, que naõ duvidou crêr, que o Rei fazia esta expediçaõ unicamente a seu favor.

Era vulg.

D. Diogo de Almeida, que depois foi Prior do Crato, e D. Joaõ de Ataide, filho do Conde da Atouguia, que era o segundo Commandamento, foraõ lançar ferro junto a Anafe, aonde postáraõ a gente em terra, antes que o Paiz tocasse a rebate. Formada a idéa de se persuadir ao Rei de Féz, que esta expediçaõ se dirigia a castigar os seus inimigos, elles foraõ dando nos Aduares rebeldes com tanto esfor-

Era vulg. forço, que depois de degolarem 900, de ferirem innumeraveis, de cativarem 400, carregando a armada de despojos, e cavallos, se fizeraõ na volta de Portugal. O Rei de Féz ficou taõ satisfeito com a ruina dos seus vassallos, que mandou agradecella a El-Rei por huma Embaixada solemne acompanhada de presentes ricos, e de cumprimentos officiosos.

Cresceo o prazer do Rei Mouro com a prisaõ de Barraxe, que rendeo o nosso valor. Este Barbaro destemido, que governava Tetuaõ, veio com hum corpo consideravel de trópas talar a nossa campanha de Tangere, entaõ commandada pelo bravo D. Joaõ de Menezes, que depois foi Conde de Tarouca. Ao estrondo das suas hostilidades sahio D. Joaõ da Praça, e o atacou com tanto vigor, que depois de lhe derrotar o exercito, de degolar hum tio, de lhe tomar toda a preza, de o ferir com cinco grandes cutiladas, o trouxe cativo para Tangere. O Rei de Féz, e mais inimigos de Alé-Barraxe solicitavaõ de D. Joaõ lhe

lhe tiraſſe a cabeça dos hombros para livrar Barbaria do ſeu eſcandalo. Elle deo parte a El-Rei, que pelo contrario lhe ordenou o eſtimaſſe como a hum Official General; que eſqueceſſe para com elle a qualidade de inimigo; mandando-lhe dizer, que elle enviava de Lisboa hum dos melhores Cirurgiões para a ſua cura, e hum Miniſtro da Fazenda para o ſuſtentar á ſua cuſta. Depois conveio no ſeu reſgate pelo cambio de alguns Chriſtãos, e por 15000 cruzados, com palavra de naõ tomar mais as armas contra El-Rei: condiçaõ, que hum taõ bravo ſoldado, e grande Capitaõ depois naõ cumprio como barbaro.

Era vulg.

Diogo Caõ com viagem feliz foi duzentas legoas avante da embocadura do Zaire, aonde a primeira vez abordára. Deixando naquella altura duas columnas com as Armas Reaes, e Inſcripções Portuguezas, e Latinas, que marcavaõ os deſcobridores, voltou ao Reino de Congo. Caramança o recebeo com prazer grande, que paſſou a extremo, quando os ſeus quatro vaſ-

Era vulg. ſallos o informáraõ do trato polido, que tiveraõ em Portugal, e das honras, que recebêraõ do ſeu Rei. No acto, em que Diogo Caõ lhe offereceo os preſentes, que levava, os geſtos do alvoroço pareceriaõ puerilidades a naõ eſtar conhecida a origem. A pureza da Religiaõ, e o poder do Rei foraõ os dous pontos do primeiro diſcurſo, que Diogo Caõ recitou a Caramança. Elle os intimou com tanta força, que o Principe nada deſejava tanto, como inſtruir-ſe já nos novos Dogmas, e ter contratada alliança com taõ grande Rei. Na audiencia de deſpedida lhe entregou para El-Rei preſentes das riquezas da terra; cartas, em que lhe pedia a volta de Diogo Caõ com Miſſionarios para baptiſarem os ſeus póvos; e permiſſaõ aos vaſſallos, que com elle quizeſſem vir a Portugal.

Com hum dos quatro Ethiopes, que haviaõ eſtado no Reino, ſe embarcáraõ muitos da ſua Naçaõ, que em Lisboa foraõ regenerados nas aguas do baptiſmo com aſſiſtencia del Rei, dos

Fi-

Fidalgos, e Damas da Corte. Gonçalo de Sousa os reconduzio á Patria, e levava o caracter de Embaixador ao Rei de Congo, Ministros Apostolicos para plantarem naquellas Regiões a arvore da Fé, os paramentos necessarios para os Officios Divinos, e materiaes para fundar Igrejas. Com a chegada destes operarios principiou o Ceo a regar a sua futura vinha com innundações de graça, que logo tocou a hum tio do Rei, Governador dos portos maritimos, para pedir o baptismo, que lhe foi conferido, e ao mais moço dos seus filhos. Elle se desculpou com o Rei pelo preferir nesta felicidade, fundando-se no temor dos seus muitos annos, e no da delicada idade de seu filho, ambas perigosas para esperanças longas. Cresceo o alvoroço com a chegada á Corte dos Missionarios, que foraõ recebidos por Caramança, fazendo-lhes mercê de trinta legoas de terra para a sua sobsistencia, e dando-lhes o prazer de mandar reduzir a pó os Idolos do Gentilismo ao pé dos Altares do Deos Verdadeiro.

Era vulg.

Era vulg. Gonçalo de Sousa do lugar do desembarque foi conduzido á Cidade de Ambassa, que era a Capital, pela escolta de 200 homens, acompanhado dos mesmos Missionarios, no meio de acclamações públicas daquelles póvos, já preparados pelo seu Principe para receberem a nova Religiaõ. Á vista dos paramentos Sacerdotaes, e do Estandarte da Santa Cruz, que El-Rei mandava ao de Congo, todos se postráraõ por terra, e rompêraõ em clamores de alegria. Tratou-se da ceremonia do Baptismo do Rei, e resolvêraõ que para maior decencia se fabricasse huma Igreja, aonde o Sacramento se lhe conferisse, e que se concluio em breve tempo. Nella foi baptisado o Rei com o nome de Joaõ, a Rainha com o de Leonor, seu filho primogenito com o de Affonso, que eraõ os dos Reis, e Principe de Portugal. Panso Aquitimo, filho segundo, naõ quiz deixar as trevas da idolatria.

Depois da partida de Gonçalo de Sousa, e da mórte de alguns dos Missio-

Era vulg.

ſionarios, que eſtranháraő a intemperie do Paiz, diminuio muito o fervor do Rei, e dos póvos, que coſtumados a huma vida brutal, ſe lhes fazia intoleravel o uſo de huma ſó mulher; perdoar aos inimigos; renunciar os prazeres; mortificar a carne, e geralmente as maximas ſantas do Evangelho. O Principe Affonſo era a columna da nova Religiaő; Panſo o perſeguidor; e Caramança ſeu pai já Apoſtata, determinou dar a primogenitura a Panſo, e privar della a Affonſo. A morte, que lhe ſobreveio, mudou a face dos negocios, ſem que o Principe ſe perturbaſſe com a rebelliaő de Panſo, que na téſta de 20$000 homens lhe diſputou o Throno. O pequeno partido dos Chriſtãos o ſeguia, e na ſua frente vinte Portuguezes, que animáraő o Principe para naő eſmaiar pelas ſuas poucas forças, nem temer as muitas de ſeu irmaő, quando elle defendia a cauſa do verdadeiro Deos, que naő contava número para dar victorias aos ſeus ſervos.

A confiança, que tinha Affonſo na

ſua

Era vulg. sua Fé viva principiou a derramar o terror entre os Barbaros, quando o víraõ sahir a campo contra o partido de Panso. Atacou-se a batalha, em que os rebeldes ficáraõ derrotados, e o irmaõ prisioneiro, que depois lhe perguntava quem eraõ os soldados gentis, que com forças mais que humanas lhe haviaõ ganhado taõ completa victoria. O Tenente General deste Principe devia ter a mesma visaõ; porque entendendo, que Affonso lhe castigára a rebeldia com a mórte, lhe pedio o naõ fizesse morrer sem o contar no número dos seus Christãos para se salvar: requerimeuto, que lhe mereceo a protecçaõ, e graça do Principe. O exemplo deste novo Rei fez avançar os creditos da Religiaõ no Reino de Congo, e moveo o Rei de Benguéla, que por si, e em nome de outros Soberanos, seus visinhos, mandou Embaixadores a Portugal para negociarem com El-Rei allianças respectivas aos interesses, e progressos da mesma Religiaõ.

Tantos felices successos, e as noti-

ticias que déraõ a El-Rei os Ethiopes, que estiveraõ em Portugal da Cósta de Africa até ao Cabo das Tormentas, o enchêraõ de esperanças, de que os seus navios haviaõ domar a ferocidade das suas ondas. Para este fim mandou elle esquipar duas náos, e huma barca carregada de todos os provimentos necessarios, nomeando por Commandante a Bartholomeo Dias, Capitaõ recommendavel, com regimento, que fosse correndo a Cósta avante da que já descobríra Diogo Caõ, até achar noticias do Promontorio, que era o termo da sua esperança. Com trabalhos, que só eraõ toleraveis á constancia Portugueza, foi Bartholomeo Dias á vista das praias de Africa informando-se das suas gentes, e costumes, da sua Religiaõ, e trato, quando pela proa dos navios lhe faz frente o Promontorio horrivel, que elle entaõ disse Tormentoso, e El-Rei lhe chamou depois de Boa Esperança, pela grande que dava de conseguir a navegaçaõ espaçosa dos mares Orientaes até á suspirada India. Fica este Cabo na Ca-

Era vulg.

fra-

Era vulg. fraria, e parte mais Meridional de Africa entre os dous Promontorios mais pequenos de Santa Luzia, e das Agulhas, donde retrocedeo Bartholomeo Dias sem o dobrar por falta de viveres, e da gente que perdêra, gastando nesta expediçaõ dezasete mezes até entrar em Lisboa.

LI-

LIVRO XXXI.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Continuaõ os ſucceſſos do Reinado de D. Joaõ II., ſucceſſos da Africa, e outros negocios.

Era vulg. 1488

AS qualidades heróicas del Rei D. Joaõ, os ſeus progreſſos vantajoſos, a ſua excellente economia lhe tinhaõ adquirido huma reputaçaõ ſublime entre os Principes da Europa. Ella era taõ grande, que o Rei dos Romanos Maximiliano ſeu primo o eſcolheo por Medianeiro do ajuſte de paz entre elle, e o Rei de França. Porque aquelle Principe foi prezo em Flandres, D. Joaõ ſe apreſtava a ſoccorrello, quando o Imperador ſeu Pai o fez pôr em liberdade; mas ſe a D. Joaõ faltou a occaſiaõ de dar eſte grande paſ-

Era vulg. passo, o mundo conheceo, que para elle lhe sobejou o esforço. No meio da paz mais profunda com Castella mandou reparar todas as Praças da fronteira, respondendo attento ás representações dos Reis Catholicos sem desistir das obras. Sobre os Judeos expulsos por aquelles Reis dos seus Estados, que depois de abraçarem o Christianismo apostatavaõ, mandou fazer execuções rigorosas, passallos pelo fogo, e lançar muitos do Reino, aonde a sua perversidade corrompia os costumes. Em fim, Naçaõ Deicida, que com qualquer máo exemplo facilmente tornava ao vomito.

Por este tempo estava degradado em Arzila o Conde de Borba D. Vasco Coutinho, que com setenta de cavallo teve a curiosidade de correr a terra. O Alcaide de Alcacer-Quivir, que soube da sortida, o veio esperar na retirada com 500 lanças. Quando menos o esperava teve o Conde este desigual encontro, e naõ havendo meio entre entregar, ou combatter, escolheo o ultimo partido por melhor. Com ar-

ardor, que se naõ concebe, setenta homens se lançáraõ sobre quinhentos, foraõ degollando nelles, captiváraõ o Alcaide, e se recolhêraõ a Arzila sem perda, e sem soçobro. Tanto estimou El-Rei esta gentileza, que deo ao Conde o governo da Praça, e o Alcaide attonito da pouca gente, que o vencêra, disse: Deos hoje esteve Christaõ, algum dia estará Mouro.

Era vulg.

A nova inquietaçaõ do Conde de Penamacor, e a prizaõ em Africa de D. Antonio de Menezes, filho do Conde de Villa Real, de Martim Vaz da Cunha, Senhor de Tavora, de Simaõ de Sousa, filho do Commendador Mór de Christo, e de Christovaõ de Mello, Alcaide Mór de Evora, que cahîraõ no poder dos Mouros, foraõ dous negocios, que affligíraõ o Rei. O Conde de Penamacor, que depois da mórte do Duque de Viseo se lhe fazia intoleravel estar ocioso em Sevilha, sem dar ao seu Rei demonstrações de aggravado, passou a Inglaterra a fazer todos os máos officios contra elle junto á pessoa do Rei Henri-

ri-

Era vulg. rique VII., que movido dos interesses propostos pelo Conde nas nossas conquistas, naõ duvidava romper as allianças antigas com Portugal. Naõ aproveitou a El-Rei D. Joaõ a diligencia do valente Alvaro de Caminha, que foi mandado a Inglàterra matar o Conde; mas Henrique melhor informado, o mandou prender na Torre de Londres, donde depois pode escapar, vir a Barcelona, e ultimamente a acabar no antigo desterro de Sevilha.

Os outros Fidalgos em Africa, que sahíraõ de Ceuta, naõ contentes com haver batido os Mouros, sem se carregarem de huma grande preza: elles os atacáraõ em grande número na retirada, que naõ podéraõ conseguir sem perda de gente, e da liberdade dos que deixo referidos. Para ella se lhes restituir, foi necessario relaxar aos barbaros os refens, que Alé Barraxe havia deixado pelo seu resgate. O Capitaõ dos Ginetes foi a Arzila com hum troço da Armada despicar esta injúria, unido com o seu Commandante o Conde de Borba, e com D. Joaõ de

de Menezes, Governador de Tangere. Era vulg.
Estes Fidalgos passárao a ponte de Alcacer-Quivir, aonde já mais haviao chegado as nossas armas; e nao se attrevendo or Mouros a fazer-lhes resistencia, despojárao a terra, e se recolhêrao com riquezas innumeraveis, e muitos captivos.

A nossa reputaçao, os interesses das nossas navegações, a actividade com que El-Rei reparava as Praças do Reino, como fica dito, erao humas taes manobras, que nao podiao deixar de ter cuidadoso ao Rei de Hespanha. Descobrio D. Joao ao Conselho de Estado, que as suas dexteridades erao estratagemas para assustar aquelle Principe, e o demandar pela palavra firmada no Tratado de Moura, em que prometteo, que estando por casar a Infante D. Isabel, quando o Principe tivesse quatorze annos, que ella, e nao a Infante D. Joanna sería a sua esposa. Que o Principe completára aquella idade; que elle lhe queria o casamento de D. Isabel; que ella estava por casar; que ao mesmo tempo

po

Era vulg. po a pretendiaõ os Reis dos Romanos, de França, e de Napoles; e que elle queria moſtrar a D. Fernando naõ lhe conſentiria fazer algum deſtes ajuſtes com ſocego. Como o conſelho aprovou a idéa, El-Rei mandou a Caſtella ao ſeu Moço da Camara Ruy de Sande, que depois foi D. Rodrigo, e homem grande, e encontrou no Rei D. Fernando acolhimento taõ agradavel, que baſtáraõ aos ſeus officios para ficar concluido o mallogrado caſamento do Principe com D. Iſabel.

Entre os Negros Jalofos dos rios Cenaga, e Cambéa ſoava a fama da magnanimidade del Rei D. Joaõ. Haviaõ elles detronado ao ſeu eſtimavel, e bem inſtruido Principe Bémohi, que vendo-ſe ſem refugio, ſe embarcou em huma das noſſas caravellas, e veio a Setuval pedir a protecçaõ del Rei, que o aquartelou em Palmella, e o fez tratar Soberano. A ſua primeira negociaçaõ foi habilitar-ſe fervoroſo para ſe lhe conferir o baptiſmo, em que teve por Padrinho a El-Rei, o nome de Joaõ, e a ſolemnidade de feſtas brilhan-

lhantes. Já filho obediente da Igreja, mandou render a sua sobmissaõ ao Papa; cedeo a vassallagem dos seus Estados em El-Rei, e prometteo levar os Portuguezes pela Lybia interior além do Monte Atlas até ao rio Negro para os fazer senhores do seu commercio. Immediatamente se aprestou o soccorro para Bémohi em vinte caravellas bem artilhadas ás ordens de Pedro Vaz da Cunha, que levava ordens, e materiaes para fundar huma Igreja, e Fortaleza na embocadura do rio Cenaga. Era vulg.

Chegou o barbaro commandante com o Principe infeliz ao lugar do seu regimento, e quando se esperavaõ das forças de hum armamento taõ consideravel muitos avances á Religiaõ, e ao Estado, assegura-se, que Pedro Vaz, sem outro motivo, que o do susto de morrer pela intemperança do Paiz, matou na camara da sua caravella a Bémohi para naõ ter nelle demora; voltou proas a Portugal, e entrou pela barra de Tavira, aonde El-Rei estava, para se desculpar com elle da

sua

Era vulg. ſua façanha abominavel. Attençaõ alguma mereceo elle á Mageſtade bem informada, que ou por comprehender a culpa a muitos, ou por naõ vulgariſar mais a ſua deformidade com o caſtigo, teve por melhor deixalla em opiniões por impunida. Se ſe póde confrontar o valor del Rei com a fraqueza de Pedro Vaz, elle a fez mais feia com o encontro brioſo do touro indomito em huma rua de Alcochete, fogido do corro. Todos os que acompanhavaõ aos Reis ſe pozeraõ em ſalvo; mas elle fazendo frente á Rainha, traçando a capa, e tirando da eſpada, o eſperou immovel, e intrepido. Paſſou o bruto de largo, como ſe o inſtincto lhe enſinára a reſpeitar a Mageſtade.

1489 Na marcha para o Algarve, e demóra que El-Rei teve em Béja, determinou condecorar a D. Pedro de Menezes, Conde de Villa-Real, com o Titulo de Marquez. Como foi o unico deſta qualidade, que elle deo, o fez com grande pompa, e circunſtancias taõ diſtinctas, que além da aſſiſtencia

cia dos Principes, grande concurso de senhores, e Damas, nomeou quatro Conselheiros de Estado para acompanharem o novo Marquez, e levar cada qual huma das suas devisas, que eraõ o Escudo das armas, a Espada, o Barrete, e o Anel em huma salva. Acabada a marcha, a que precediaõ muitos instrumentos bellicos, e musicos; o Rei, Principes, e Grandes nos seus lugares respectivos; o Chanceller Mór Joaõ Teixeira recitou huma oraçaõ eloquente sobre as virtudes do Rei, do Principe, do Marquez, que persuadio benemerito da honra, que hia a receber das mãos Reaes, ou elle fosse olhado pelo lado do seu merecimento sublime, ou pelo da sua alta qualidade, ambos dignos da Real, e geral attençaõ. Recitada a Oraçaõ, o Marquez ajoelhou aos pés do Rei, que tomando as devisas da maõ dos Conselheiros, o ornou com ellas, e com a Espada cortou as pontas do Estandarte para ficar bandeira quadrada, como a usavaõ os Principes. O Marquez beijou a maõ a El-Rei, e ao

Era vulg.

Era vulg. Principe, que neste dia lhe fizeraõ a honra de o admitttir á sua mesa em melhor lugar que o Infante, Duque de Béja, D. Manoel.

Veio El-Rei aó Algarve para da Cidade de Tavira dar calor á fundaçaõ da Villa, e Fortaleza da Graciosa, que por Gaspar Jusarte mandava fazer em Africa pelo rio de Larache a cima chamado Lucendo, em huma pequena Ilha, que formaõ as suas aguas. O engano, que houve antes, assim na navegaçaõ do rio, como no lugar para a fundaçaõ, incommodidade, e intemperie do sitio, fez arrepender da idéa depois de se sustentar hum arriscado empenho. Quando se trabalhava com maior ardor na fabrica, que havia ser hum freio das Cidades de Mequinez, Alcacer-Quivir, e Féz; o Muley-Xeque para a impedir appareceo nas margens do rio na frente de 40000 cavallos, e de hum numero sem conto de infantaria. Bastava vêr este apparato para decahirem os animos, senaõ fossem Portuguezes; mas elles se preparáraõ para fazer huma defen-

fensa vigorosa, com maiores esforços do valor, que apparencia, e realidades do perigo. Era vulg.

El-Rei, que cada dia recebia avisos do que passava, mandou soccorrer os sitiados por D. Joaõ de Sousa, aquelle destemido Fidalgo, que louvando o mesmo Rei o seu esforço, porque o Conde de Borba disse, que as suas valentias eraõ acertos, El-Rei lhe responde: Verdade he, Conde, que saõ acertos; mas nunca os acerta, senaõ D. Joaõ. A molestia perigosa, que lhe sobreveio depois de estar na Graciosa, o fez voltar para o Reino sem dar exercicio á sua corage; e forçado pelo Capitaõ dos Ginetes Fernaõ Martins Mascarenhas, por D. Diogo de Almeida, e por D. Martinho de Castello-Branco, depois Conde de Villa-Nova, que El-Rei mandou observar o estado da Praça para resolverem se se havia defender, ou arrasar. D. Diogo de Almeida ficou encarregado do governo della pela ausencia de D. Joaõ de Sousa, e na Fóz do rio com a Armada o Capitaõ Mór Ayres da

Era vulg. Silva. O poder dos Mouros, que se augmentava cada dia, a attacou por todas as partes. A guarniçaõ, quasi toda de Fidalgos, fez huma defensa superior ás forças humanas com destroço continuado dos Barbaros.

Como elles recebiaõ o maior incommodo do fogo da armada, e a Praça tinha nella o melhor soccorro; cuidáraõ em huma parte do rio, que dava váo na vasante da maré, fazer huma estacada com cestões de terra, e pedra solta, que lhe impedisse chegar á Villa, e ao Fórte, como na realidade succedeo. Com esta noticia, que trazia a do perigo, em que ficavaõ tantos Fidalgos illustres, o ardor del Rei se inflammou para ir em pessoa soccorrer a Praça a expensas de huma batalha. O conselho o impedia com razões de convicçaõ, que ignorava D. Joaõ de Abranches, filho do bravo D. Alvaro Vaz de Almada, quando El-Rei lhe perguntou o que faria naquelle aperto. Elle lhe respondeo: que occasiaõ de tanta honra era digna de hum Rei do seu caracter; que a sua presen-

ſença redobraría o eſpirito das trópas; Era vulg.
que pela reſiſtencia, que fariaõ os ſitiados contra poder taõ formidavel na ſua auſencia, mediſſe elle os milagres de valor, que obrariaõ ſe o tiveſſem á viſta; que naõ ſe devia gaſtar tempo em huma jornada, que facilitando o rendimento de Féz, Mequinez, e Alcacer-Quivir, naõ tinha menos conſequencias, que a conquiſta de toda a Mauritania com a melhor párte de Africa.

Eſte parecer do valeroſo Abranches, que acabava de chegar de Lisboa a Tavira para acompanhar a El-Rei no ſoccorro, foi o com que elle ſe conformou. Naõ foi neceſſario mover-ſe a ſua Real peſſoa para conſeguir pela reputaçaõ hum triunfo naõ menos glorioſo, que ſe o ganhaſſe com as armas. Soube Muley-Xeque a reſoluçaõ del Rei; que o Reino ſe deſpovoava, e vinha a Tavira para o acompanhar a Africa. Baſtou eſta voz vaga para o Barbaro perder os eſpiritos, e propôr huma trégoa, que a ſituaçaõ dos negocios fez entender ſe devia

abra-

Era vulg. abraçar. Já o Capitaõ Mór Ayres da Silva tinha acceitado a ſuſpenſaõ de armas em quanto ſe dava parte a El-Rei, que além dos poderes dados a eſte Chéfe da armada, mandou que com elle foſſem concluir os ajuſtes a Ruy de Souſa, a D. Affonſo de Monroy, Meſtre de Alcantara, e a Diogo da Silva de Menezes, Ayo do Duque D. Manoel, depois Conde de Portalegre. Ajuſtou-ſe, que El-Rei tiraria tudo da Villa da Gracioſa, entregando-a no meſmo eſtado, em que elle a tinha tomado; que a Fortaleza ſeria demolida, ſahindo a guarniçaõ com as honras militares de mecha acceſa, tambor batido, e bandeiras deſpregadas.

Parece que o grande zelo dos vaſſallos neſta occaſiaõ critica inclinára El-Rei a moſtrar-ſe com elles mais humano. Entre outros lances, ſaõ dignos da Hiſtoria os que ſuccedêraõ com Duarte do Caſal, que tendo-o ſervido com valor, e eſtando pobre, lhe diſſe: Duarte do Caſal, ſe tiveſtes mãos para obrar, tende lingoa para me pedir: com Ruy de Abreu, Alcaide

Mór

Mór de Elvas, que inſtando-o por huma mercê com ſemblante de aggravado, lhe tornou alegre: Dou-vos hum conſelho como amigo, Ruy de Abreu, quando pedires mercês, naõ lembreis aggravos: com Fernaõ Serraõ, que vendendo duas quintas para comprar gallas, lhe perguntou: Fernaõ Serraõ, quantas quintas fazem hum gibaõ: com Pedro Pantoja, que preſtando-lhe ſeis centos mil reis em Tavira, e poucos dias depois mandando-lhe dar ſete centos, que elle naõ quiz acceitar, lhe diſſe: Hora tomai oito centos, e a cada repplica irei accreſcentando cem: e com outros muitos dos ſeus vaſſallos em occaſiões differentes, taõ déſtro, e engenhoſo em Apophthegmas célebres, e judicioſos, que nas ſuas idades o faziaõ reſpeitavel, e nós por elles o veneramos nas noſſas.

Era vulg.

CA-

CAPITULO II.

Do casamento, e mòrte desgraçada do Principe D. Affonso, unico filho del Rei, e de outros successos depois della.

1490 NÓS dissemos, que chegando o Principe D. Affonso á idade de quatorze annos, e estando por casar a Infante D. Isabel, filha mais velha do Rei Catholico D. Fernando, na forma do Tratado de Moura, mandou El-Rei a Ruy de Sande fazer ao Rei a proposta do casamento, que se acceitou sem duvida, naõ obstante as pretençóes dos Reis dos Romanos, de França, e de Napoles. Neste anno determinou El-Rei D. Joaõ concluir as vodas, e para se arbitrarem os meios da necessaria despeza, convocou Cortes em Evora no mez de Janeiro, e vieraõ a ser celebradas no de Março. Presente o Rei fez nellas huma falla pathetica o Corregedor da Corte, Ayres de Almada, em que propôz aos Póvos a al-

alta reputaçaõ a que os havia elevado a sua delicada economia: o socego do Estado, depois que elle expôz a sua pessoa a muitos perigos para o comprar a troco da sua mesma segurança: a gloria das armas, e da Naçaõ em tantos encontros, conquistas, e navegações felices: a necessidade de dar estado ao Principe, e as consequencias vantajosas da alliança com a Infante D. Isabel, que trazia a Portugal huma paz perpetua com Hespanha; e o quanto nesta occasiaõ esperava El-Rei encontrar officiosos os seus vassallos, contribuindo com o que lhes fosse possivel para os gastos de huma occasiaõ taõ brilhante.

Era vulg.

Elles, que naõ ignoravaõ estarem os thesouros diminuidos com as despezas da guerra de Africa; que o apresto de tantas náos de viagem, e de guerra consumiaõ montes de ouro; que com ancia desejavaõ o casamento do Principe com a Infante, e estavaõ dispostos para lhe dar efficaz concurso: sem replica, antes gostosos, offerecêraõ hum donativo de cem mil

cru-

Era vulg. cruzados; somma consideravel naquelles tempos. Os Reis Catholicos estavaõ entaõ em Sevilha, para onde El-Rei despedio com o caracter de Embaixadores Extraordinarios ao Coudel Mór, Fernaõ da Silveira, Regedor da Casa da supplicaçaõ, ao Doutor Joaõ Teixeira, Chanceller Mór, e por Secretario a Ruy de Sande, que fora o primeiro enviado a este negocio. A Corte de Castella recebeo estes Ministros com a alegria, que já era geral em ambos os Reinos pela esperança de gozarem a doçura da paz: Reis, e vassallos concurrentes no mesmo prazer, que nascia das bem formadas idéas de prosperidades futuras. Como Fernaõ da Silveira levava os plenos poderes do Principe, em seu nome se recebeo com a Infante D. Isabel na presença do Cardeal D. Pedro Gonçalves de Mendoça, dos Reis seus pais, Principes, e Grandeza: ceremonia, a que se seguíraõ festas, em que taõ grandes Monarcas fizeraõ ostentaçaõ da sua magnificencia.

Em quanto se tratava este grande ne-

negocio, informado El-Rei, de que Era vulg.
em Lisboa havia huma casa de jogo escandalosa, lhe mandou pôr o fogo, e arrazalla. Parece que quiz remunerar o Ceo este serviço, permittindo se soubesse a trahiçaõ infame de hum Lopo Sanches, que cégo do seu interesse, tinha ajustado com o perjuro Alé-Barraxe dar-lhe entrada na Cidade de Ceuta. Com este aviso partio do Algarve para Gibraltar em huma esquadra de 50 vélas D. Fernando de Menezes, filho do Marquez de Villa-Real, para esperar de Ceuta a instrucçaõ de Fernaõ de Pina, que mandára diante. Este Fidalgo era irmaõ do Commandante de Ceuta D Antonio de Menezes, que por Fernaõ de Pina o avisou viesse ao porto de noite para naõ ser sentido dos inimigos. Unidos os irmãos, determinàraõ castigar a Barraxe com golpe sensivel na Cidade de Targa, sobre a Costa do Mediterraneo, que levàraõ sem resistencia, entregando os Mouros as liberdades por naõ arriscarem as vidas. Aqui resgatàraõ trinta escravos Christãos, dé-

raõ

Era vulg. raõ fogo a vinte e cinco navios, que tinhaõ no porto, e carregáraõ a armada dos muitos generos, de que estavaõ bem providos os armazens.

Successo taõ feliz animou os dous Fidalgos para persuadirem a D. Martinho de Tavora, Governador de Alcacer-Ceguer, e a Manoel Peçanha, que o era de Tangere, quizessem acompanhallos á empreza da conquista de Comice, que era temeraria só intentada pela sua situaçaõ em hum rochedo escarpado, e eminente, bem fortificada, e defendida por huma guarniçaõ numerosa. Todas as difficuldades atropelou a nossa corage, que em hum assalto, todo horror, a troco da vida de setenta dos nossos, rendemos com grande carnage dos Barbaros a invencivel Comice. O preço dos despojos igualou o valor da victoria, que na estimaçaõ del Rei foi taõ singular, como as honras, que delle recebeo em Evora D. Fernando de Menezes. O gosto destas duas victorias, a alegria do casamento do Principe tudo foi perturbado por occasiaõ da mórte em

Avei-

Aveiro da Infante D. Joanna, que se a teve preciosa nos olhos de Deos, como mórte de Santa, nos de D. Joaõ moveo as lágrimas, porque era de irmã. O luto por taõ justificada causa supprimio o prazer, que preparava gallas; mas elle teve de ser breve: que nem o estrondo dos prodigios da Santa dava lugar a lástimas, nem o alvoroço das vodas consentia prantos.

Era vulg.

Quería El-Rei, que viesse voando a noticia a Evora do dia, em que os Principes se recebiaõ. Para isso mandou pôr cavallos de posta de Sevilha até á Torre dos Coelheiros, distancia de tres legoas cada carreira, que em dia, e menos de meio se completáraõ. Cresceo o alvoroço, principiáraõ as festas públicas, com grande gosto recebeo El-Rei por vários Fidalgos Castelhanos cartas do Rei, e Rainha Catholica, apressáraõ-se os aprestos, e se cuidou em abbreviar a passagem. Da sua parte os Reis de Hespanha a nada perdoavaõ para indicarem o seu júbilo, e para abbreviarem a vinda da Princeza, que foi encarregada ao Car-

deal

Era vulg. deal de Castella, e aos maiores Senhores da Corte para a conduzirem ao rio Caya sobre a fronteira, aonde se havia fazer a entrega. Bem longe dos pensamentos, de que se hia a encontrar com a futura esposa, que o Ceo lhe tinha destinado, D. Manoel, Duque de Béja, foi em quem cahio a sórte da nomeaçaõ para conductor da Princeza do Caya até Evora.

Acompanháraõ ao Duque os Bispos de Evora, e de Coimbra, os Condes de Cantanhede, e Monsanto, grande número de Fidalgos, e Cavalleiros. No dia 22 de Novembro sahio a Princeza de Badajoz, e o Duque entrou pela raia de Castella para a receber da maõ do Cardeal. Sobre o Caya fez o Chanceller Vasco Fernandes de Lucena huma falla florida, terna, magestosa, e eloquente á Princeza em nome del Rei, do Principe, e do Reino, que a reconheciaõ por Filha, Esposa, e Senhora, e acabada ella se despedíraõ as comitivas brilhantes para os seus lugares respectivos. El-Rei, e o Principe incognitos, mas pomposos, marchá-

chárao a Eſtremoz, aonde as viſtas mutuas fizérao inexplicaveis os prazeres reciprocos, e completo o júbilo na renovaçao das vontades, que quiz El-Rei fizeſſem os Principes na preſença do Arcebiſpo de Braga. No dia ſeguinte partirao ambos adiante para Evora, depois a Princeza com a ſua comitiva, que ſe alojou no Convento do Eſpinheiro de Monges Jeronymos, meia legoa diſtante da Cidade, até ſe preparar a entrada pública, que nella haviao fazer.

Era vulg.

Para ella foi deſtinado o dia de Domingo 27 de Novembro, com a pompa, e grandeza, que até entao ſe víra neſtes actos em Heſpanha. El-Rei foi com a ſua Corte ao Eſpinheiro para conduzir a Princeza, que veio a cavallo com as Damas. O ruido dos inſtrumentos, a pompa dos Fidalgos, o grande número de guardas, que bordavao o caminho, repreſentavao luminoſo o apparato. Chegados á porta de Avís, o Duque de Béja D. Manoel, e o Senhor D. Jorge, filho natural del Rei, póſtos a pé cada hum de ſua

par-

Era vulg. parte, leváraõ a Princeza, como palafrens. Muito illuminado era o Duque D. Manoel, primeiro Principe de Portugal, e ſegundo herdeiro do Reino, para naõ penſar, quando ſe vio neſta figura ſem diſtinçaõ dos outros Grandes, que elle hia huma copia pintada pelo deſagrado de ſeu irmaõ o Duque de Viſeo, que nelle ſe desfigurava. A Providencia porém, que preſcruta as intenções, naõ tardará em remunerar o abatimento, fazendo Rei, e Eſpoſo do meſmo objecto o Duque, que a pé o vai ſervindo, e levando de redea.

Hum Orador famoſo de Sicilia recitou á entrada da pórta hum diſcurſo reſpeitoſo em nome da Camara da Cidade, e depois delle continuou a marcha com apparato ſoberbo direito á Sé, aonde os Principes beijáraõ a Reliquia do Santo Lenho, e ſe recolhêraõ ao Paço. Seguíraõ-ſe banquetes eſplendidos na Corte, feſtejos os mais brilhantes, corridas viſtoſas de touros, e juſtas magnificas, em que a dexteridade, e grandeza del Rei ſe fizé-

zéraõ admirar. Além delle, eraõ os Manutendores do campo o Duque D. Manoel; Valenzucla, Prior de Saõ Joaõ de Castella, que estava desterrado em Portugal; D. Diogo de Almeida, depois Prior do Crato; Ayres da Silva, Camareiro Mór; o Francez Monsieur Vaupargas; D. Joaõ de Menezes; Alvaro da Cunha, Estribeiro Mór; Ruy Barreto; D. Joaõ Manoel; Pedro Homem; Garcia Affonso de Mello; Lourenço de Brito; Joaõ Lopes de Sequeira; Antonio de Brito; D. Fernando de Menezes, depois Marquez de Villa Real; o Hespanhol Pedro Ayres; D. Henrique Henriques, Senhor das Alcaçovas; D. Joaõ de Almeida, Conde de Abrantes; Fernaõ Martins Mascarenhas, Capitaõ dos Ginetes; D. Rodrigo de Menezes, Guarda Mór do Principe; D. Martinho de Castello Branco, depois Conde de Villa Nova; Jorge da Silveira; D. Diogo Pereira, Conde da Feira; D. Rodrigo de Monsanto; D. Diogo Lobo, Baraõ de Alvito; D. Pedro de Sousa, depois Conde do Prado;

Era vulg.

Era vulg. D. Francisco da Silveira, Coudel Mór; D. Diogo da Silveira; Pedro de Abreo; Nuno Fernandes de Attaide; Garcia de Sousa; Joaõ Ramires de Arelhano, Hespanhol; e Diogo de Mendoça.

Seis mezes duráraõ os festejos, ainda que interpolados por causa de vários acontecimentos. Grassava entaõ a peste em Lisboa, e pelo grande concurso de gente, que vinha a Evora de todas as partes do Reino, entráraõ a lavrar as doenças, foi grande o cuidado na Corte. Cresceo elle com a molestia, que sobreveio a El-Rei; e se entendeo mortal, causada de veneno, que se disse haviaõ deitado na Fonte-Cuberta, que era em huma herdade junto a Evora, aonde elle bebêra. Tomou mais corpo esta desconfiança com as mórtes, que padecêraõ inchados, e por dissoluçaõ do ventre, depois que bebêraõ na mesma occasiaõ da dita fonte, o Copeiro Mór Fernaõ de Lima, Estevaõ de Sequeira, e Affonso Fidalgo. O certo he, que El-Rei, ainda que entaõ melhorou, pouco depois lhe

lhe repetio a mesma queixa, que o acompanhou o resto da vida, e dizendo-se depois, que de veneno se lhe origináras a mórte, assentou-se, que os descontentes lha principiáraõ a traçar do tempo do successo referido na Fonte-Cuberta.

Era vulgó

Foi El-Rei convalecer a Viana, huma Villa distante cinco legoas de Evora, donde voltou pouco depois a esta Cidade por occasiaõ da chegada de D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva, que com huma equipagem brilhante vinha renovar as festas. Este Fidalgo, depois da mórte del Rei D. Affonso V. se havia retirado para as suas terras sentido da grande perda, que tivera na falta do Principe, que tanto o honrára, e até agora naõ havia seguido a Corte. Nesta occasiaõ para dar próvas da sua fidelidade, veio a Evora renovar os mesmos divertimentos das Justas, danças, e entretenimentos igualmente estimaveis pela delicadeza das idéas, e despezas avultadas, que nellas fez o Conde.

Neste anno se mudáraõ as Freiras

Era vulg. da Ordem Militar de Sant-Iago de Santos o Velho, aonde eraõ os Paços além da Boa-Vista, para o lugar que hoje dizemos Santos o Novo, e entaõ era Santa Maria do Paraiso, entre os dous Mosteiros de Santa Clara, e o da Madre de Deos. A commendadeira, que entaõ era a estimavel Matrona Violante Nogueira, e as mais Senhoras foraõ a pé em procissaõ, levadas pelo Cabido, Cléro, e Communidades de Lisboa, e no novo Convento collocáraõ as Reliquias dos Santos Martyres, que de tempos antigos guardavaõ no Velho. No mesmo tempo de que estou fallando, succedêraõ a El-Rei casos dignos de memoria. Indo elle ao Espinheiro, Convento de S. Jeronymo em Evora, disse a muitos Fidalgos, que o seguiaõ, fossem comer, que eraõ horas. Reparando, que de todos ainda quatro o acompanhavaõ, voltou a elles com enfado: Naõ vos disse, que fosses comer? Respondeo por si; e pelos companheiros Joaõ Goo: Sim senhor, os que tinhaõ que comer, foraõ; nós que o naõ temos, fi-

ficámos. El-Rei lhes tornou prompto: Eu prometto de vo-lo dar, e logo. Assim o fez, despachando todos quatro sem demora. Era vulg.

Aó Vigario de Thomar, que em huma causa deo sentença contra El-Rei, elle lho agradeceo de palavra, e remunerou com 200 cruzados. Ao Doutor Nuno Gonçalves, que havendo de votar em outra, o naõ quiz fazer em quanto elle estivesse presente na Relaçaõ, por ser parte, El-Rei sahio dizendo: que a elle lhe parecia o mesmo, que a Nuno Gonçalves, para o respeito lhe naõ impedir a julgar segundo a sua consciencia. A hum reo, que se lhe queixou, de que em quanto teve que dar, os Ministros lhe prolongáraõ a vida preso, e que agora que nada tinha, o queriaõ enforcar, respondeo El-Rei, os Desembargadores saõ os que merecem a mórte; mas como naõ devo matar a tantos, se elles vivem, vivei vós. A outro réo em Relaçaõ perguntou a causa, por que o senteceavaõ á mórte. Disse elle, que hum moço seu amigo lhe namorára huma

ir-

Era vulg. irmã; que a ambos avisára lhe naõ fizessem affronta; que elles despresáraõ a advertencia, e que vindo do campo, e encontrando-os escondidos no matto, fora a elles, e os matára. Pois tu naõ sabias, replicou El-Rei, que por esse crime te haviaõ enforcar? Sim senhor, respondeo o réo, mas a minha honra offendida quiz antes por-me neste perigo, que fazer que eu consentisse em tal injúria. Entaõ concluio El-Rei: pois tu, que bem o dizes, e assim o entendestes, eu te perdoo, e vai-te.

Disse hum homem mal de outro na sua presença, e que a sua conducta era tal, que só mancebas tinha vinte. El-Rei como que naõ ouvíra lhe perguntou: quantas mancebas? Vinte, Senhor, respondeo o maldizente, e o provarei. Tirai-vos diante de mim, lhe tornou El-Rei, que homem de vinte mancebas naõ tem nenhuma. Vio elle hum Touro furioso correr a hum homem; que este o esperava brioso; que a capa feita, e espada em maõ se deitára a elle, e o matára com tremendas cuti-

la-

ladas. Chamou-o El-Rei gostoso de vêr, Era vulg.
que hum homem vulgar fizera huma
acçaõ mais consumada, que a que lhe
succedêra em Alcochete. Tanto instou
com elle para saber quem era, que o
miseravel lhe disse: Senhor, sou hum
infeliz, que em Lamego matei hum
homem, e ando na Corte, porque
ninguem me conhece. Elle se notava de
inconsiderado, quando vio a pressa,
com que El-Rei mandava chamar o Corregedor;
mas desaffogou o espirito com
a sua chegada, ouvindo-o receber esta
ordem: Ide logo Corregedor livrar-me
este homem criminoso, que tenho nisso
prazer: e depois de livre o acommodou
por seu criado.

Pedio-lhe certo homem hum Officio,
e dizendo-lhe El-Rei, que estava
dado, o pretendente lhe beijou a maõ.
Se o Officio está dado, porque me
beijais a maõ? perguntou o Principe.
Pela mercê que Vossa Alteza me fez
de me poupar com o desengano o que
havia gastar nos requerimentos; respondeo
a parte. Tornou-lhe El-Rei:
Pois eu vos dou o Officio, e compen-

sa-

Era vulg. farei a pessoa, que o tinha, com outra mercê. Manoel de Mello, irmaõ do Conde de Olivença era hum Fidalgo de grande valor, que sendo Capitaõ de Tangere teve muitos encontros com Alé-Barraxe, sempre victorioso delle em número muito desigual de gente. Depois de estar Manoel de Mello em Portugal, Barraxe continuava as suas cavallarias com espirito incançavel. Deo-se parte a El-Rei da inquietaçaõ deste Barbaro, que naõ fazendo caso da palavra, que deo de naõ pegar mais em armas contra os Portuguezes, quando obteve a liberdade, elle o fazia tanto pelo contrario, que naõ dava socego ás guarnições das nossas Praças. Estando presentes muitos Fidalgos, disse El-Rei a todos: guarde-se Barraxe naõ mande eu tirar o caparaçaõ a Manoel de Mello. Com estes, e outros semelhantes modos fortes, e insinuantes este Principe alentava os espiritos, e com os louvores fazia crescer a virtude.

CA-

Era vulg.

CAPITULO III.

Da mudança da Corte de Evora para Santarém; aonde succede a lastimosa mórte do Principe D. Affonso, e outros successos deste tempo.

1491

DE Viana, como dissemos, se tinha El-Rei recolhido a Evora, aonde passou a Quaresma deste anno; mas entendendo-se, que só hum bom ar restabeleceria a sua preciosa saude, elle determinou passar com a Corte a Santarém. Com todo o genero de divertimentos se fez esta jornada por Monte Mór, Almeirim, e mais lugares das margens agradaveis do Téjo até chegar áquella Villa. Os Principes hum dia antes del Rei, no de 14 de Junho foraõ recebidos nella com grandeza extraordinaria em mar, e terra. O mesmo se praticou com as pessoas dos Reis, que aqui recebêraõ dos Embaixadores Estrangeiros os cumprimentos, que lhes mandavaõ fazer os seus Soberanos pela occasiaõ do casamento dos

Era vulg. dos Principes. Em prazeres excessivos se passárão as festas do S. João, e como no mundo ordinariamente as Cytharas se convertem em lutos, tantas alegrias extraordinarias parecião preludios de pezares extremosos. Incomprehensiveis aos homens os juizos de Deos, quando parecia neste Reinado que tudo concorria para a felicidade commum, e hum contentamento profundo trazia extactico o gosto, tudo muda em hum instante, hum momento tudo acaba.

Aconselhárão os Medicos a El-Rei, que naquelle Verão usasse os banhos do Téjo. No dia 12 de Julho mandou elle avisar o Principe viesse acompanhallo, e divertir-se nas margens do rio. Elle se escusou por ter chegado da caça fatigado, e lhe fez pedir o quizesse dispensar. O amor de filho unico, que sempre traz o Pai assustado, presumindo alguma molestia no Principe, foi o Rei a visitallo; mas vendo-o a huma janella divertido com a Princeza, cortejou-os, e marchou para o rio. Reparando o Principe nes-

te

te cuidado de ſeu Pai, quiz correſ- Era vulg.
ponder-lhe; montou em hum ſoberbo ginete, e ſeguio-o. Por entender o calor ainda agitado pelo movimento da caça, naõ quiz neſte dia nadar como coſtumava, e com D. Joaõ de Menezes, o que depois morreo em Azamor, ſe ficou entretendo na praia. Inſtou-o o Principe para darem huma carreira, no que D. Joaõ naõ queria convir, ou por ſer já noite, ou porque o dia era Terça feira, agouro fatal para os Fidalgos do ſeu apellido.

O Principe ſe apeou para ſobir em huma mula; mas ao montar ſe lhe quebrou hum loro, e o deſtino o conduzio a voltar para o Paço no meſmo cavallo. Tantas foraõ as ſuas inſtancias para correr de mãos dadas com D. Joaõ, que eſte naõ teve mais remedio, que condeſcender. Hiaõ elles no meio da carreira, que hum homem inconſiderado attraveſſa correndo; aſſuſta-ſe o cavallo, em que hia o Principe; levanta-ſe com elle, e cahe de coſtas com golpe taõ violento, que lo-

Era vulg. logo o deixou com todas as apparencias de morto. Naõ houve mais acordo, que o de recolherem o desgraçado Principe na choupana de hum pobre pescador, aonde viéraõ os Reis, a Princeza, a Corte toda ferindo os ares com gemidos, affogados os olhos em lágrimas, truncadas as vozes pelos soluços. Esgotáraõ-se os remedios, que ensina a Arte; recorreo-se aos Divinos com preces fervorosas do Cléro, penitencias incriveis do povo, votos ardentes dos Fidalgos; todas as classes com hum só coraçaõ, e huma só alma clamavaõ em huma só voz ao Deos das misericordias se lembrasse, de que estas eraõ nelle muito antigas; que o castigar se lhe fazia como violento. Naõ quiz o Ceo differir ás nossas súpplicas, naõ obráraõ os remedios naturaes, e no dia seguinte pela huma hora da noite, sem dar acordo, na idade de dezassete annos, e vinte dias, morreo o Principe D. Affonso, unico filho legitimo del Rei D. Joaõ II.

Eis-aqui hum espelho diafano para os

os ambiciosos das honras, os amantes da vaidade, os homens todos compôrem as imagens do seu interior. Vêr hum Principe minino, pouco antes, entre os apparatos da grandeza, assumpto de Epinicios faustos; agora, acabando na choupana vil de hum pescador, objecto lastimoso de Epicedios funebres, he huma demonstraçaõ evidente do que o mundo vale. Nesta perda irreparavel disse depois El-Rei seu Pai, que se consolava, quando advertia, que o Principe pela brandura, e affabilidade do genio, naõ era capaz de ser Rei de Portuguezes. Diz hum Historiador do seu tempo, que nesta expressaõ mostrava elle o grande amor, que tinha aos seus Póvos; como se os de Portugal, no conceito da Rainha Catholica D. Isabel, e das Nações mais civís da Europa, sendo todos filhos, naõ necessitassem antes de hum Rei Pai, que de hum Pai Rei.

Era vulg.

Celebradas as exequias em Santarém, o Marquez de Villa Real, com grande sequito de Senhores, e concurso numeroso de toda a sórte de gen-

tes

Era vulg. tes, conduzio o cadaver do Principe para o Convento da Batalha, aonde foi ſepultado junto ao Monumento do Rei D. Affonſo V. ſeu Avô. O luto nas peſſoas Reaes foi o mais rigoroſo, que até entaõ ſe tinha viſto: a Princeza com o cabello cortado, e veſtida da almafega mais groſſeira, El-Rei, e a Rainha do humilde panno negro da terra, e a eſta imitaçaõ os Fidalgos, Damas, e Povo: luto, que indicava, naõ ſó a perda de tal Principe, mas a dôr de que o Reino, que depois de tres ſeculos e meio ſempre paſſára dos Pais para os filhos, ou dos irmãos para os irmãos, ſem interrupçaõ da linha viril, agora hia buſcar a collateral na peſſoa do Duque D. Manoel, ſe acaſo os esforços do poder naõ intentaſſem, na peſſoa de D. Jorge, collocar no Throno outro baſtardo. A Duqueza de Bragança D. Iſabel, irmã da Rainha, deixou neſta occaſiaõ o ſeu retiro, e appareceo na Corte coberta de ſegundo dó, como eſquecida do primeiro luto, e ſe demorou nella quinze dias.

Neſ-

Nefte efpaço naõ deixaría de ouvir as vozes populares, que interpretes dos juizos de Deos em todos os fucceffos dos Eftados, com elles confrontavaõ os difcurfos. Raros fe deixavaõ vêr como Idolatras do Fado, que attribuiffem efta mórte ao acafo: todos a criaõ esforço da Providencia, que com a mórte do filho caftigava no Pai a injuftiça da do Duque de Bragança, a atrocidade da do Duque de Vifeo, a perfeguiçaõ inexoravel contra os Fidalgos bannidos, contra os Principes de Bragança defterrados, e cada qual, huns no fundo dos cerebros, outros nas pontas das linguas, antecipavaõ a El-Rei o dia do Juizo. Elle, que fupprimia em fi a dôr taõ frefca, e exceffiva, depois que a Duqueza de Bragança deixou mifturadas as lágrimas com as da Rainha fua irmã; efcolheo o retiro de huma cafa particular, aonde fe efcondeffe aos cumprimentos de pezames, que vindo de todas as partes, naõ ficava alguma na indivifibilidade da alma, que naõ lha feriffem.

Era vulg.

Determinou El-Rei no Agofto feguin-

Era vulg. guinte ir em pessoa ao Mosteiro da Batalha celebrar as Exequias do Principe. Naõ consentio, que o acompanhassem a Rainha, e Princeza por lhes naõ renovar a dôr; mas foi seguido da officiosa Duqueza de Bragança, da Infante D. Filippa, irmã da Duqueza de Viseo D. Brites, de muitas Senhoras, e Fidalgos do Reino. Imagens bem differentes das de Evora o anno passado, descobrio El-Rei ao longe no Convento, quando vio tremolar das suas torres muitas bandeiras negras, eclypses tristes daquellas luzidas glórias, que provocaraõ o pranto universal da Corte. Durou a tempestade das lágrimas todo o tempo dos Officios, e ellas com o pezo das suas vozes foraõ as interpretes do discurso lastimoso, que entaõ recitou entre soluços intercadentes o Padre Fr. Joaõ Farto da Ordem de S. Francisco.

Tendo El-Rei posto casa separada a seu fiiho natural D. Jorge, e encarregando-o ao Conde de Abrantes para naõ parecer diante da Rainha, e lhe avivar as memorias do Principe, elle pou-

pouco depois mudou das idéas, que foraõ occasiaõ de discordias entre os Reaes Consórtes. Entrou El-Rei a reflectir no Successor, que havia dar á Coroa, e fosse que o seu desprazer para com a Casa dos Duques de Viseo ainda se conservava vivo, ou porque na pessoa de seu filho D. Jorge achava qualidades, que o faziaõ digno do Sceptro, elle o quiz preferir a D. Manoel, Duque de Béja. Rodeado destas imaginações, foi correndo o véo aos mysterios, que se fizéraõ intoleraveis á Rainha, e á Nobreza, justamente abandonados a favor do Duque. Todos temiaõ alterações no Estado pela opposiçaõ dos sentimentos, muito mais quando se contemplava no genio do Soberano a difficuldade de o fazer mudar da primeira inclinaçaõ huma vez concebida.

Era vulg.

Os Reis Catholicos, que estavaõ sitiando Granada, quando recebêraõ a noticia infausta da mórte do Principe, mandáraõ logo a este Reino ao Bispo de Cordova, e ao Prior de Guadalupe para lhe assistirem ás Exequias, e

Era vulg. consolarem os Reis. Chegou tambem D. Henrique Henriques, Conde de Alva de Liste, Tio del Rei D. Fernando, que vinha encarregado de conduzir a Princeza a Hespanha na companhia dos outros Embaixadores. Esta sahida de Santarém no meio do apparato mais funebre, que tinha visto Portugal, cotejado com a mais sublime pompa na entrada de Evora, fez que o écco dos soluços ferisse os horisontes. Em silencio profundo chegou a Corte á Abrantes, e El-Rei acompanhou a Princeza duas legoas além da Ponte do Sor, o Arcebispo de Braga até Olivença, aonde a esperava o Mestre de S. Tiago com muitos Fidalgos Castelhanos. A maior parte dos Portuguezes retrocedeo de Olivença, excepto os que seguírao a D. Joaõ de Menezes, que fora Governador da Casa do Principe, e que por ordem del Rei a acompanhou, e servio até chegar á presença dos Reis seus Pais, que a recebêraõ com ternura, pela occasiaõ, lastimosa.

Veio a Corte para Lisboa, aonde se ouviaõ entre suspiros as vozes surdas,

das, que nomeavaõ ſucceſſor a D. Manoel, menos attentas por D. Jorge. Nos ouvidos del Rei naõ fazia boa harmonia hum applauſo taõ geral, nem D. Manoel goſtava de o entender taõ público. O primeiro ſe affligía pelas difficuldades, que havia encontrar na approvaçaõ de ſeu filho; o ſegundo com o temor, de que as vozes populares o fizeſſem objecto da indignaçaõ do Pai, que lhe podería ſer fatal, ſe conſternava. El-Rei, ainda que ſobmergido na triſteza profunda, que lhe cauſava a memoria da mórte do Príncipe; elle a dobrava no deſagrado para com a Rainha, que entendia toda inclinada ao partido de ſeu irmaõ o Duque de Béja. A noticia de que em Roma ſe ſolicitava a legitimaçaõ de D. Jorge a inſtancias de ſeu Pai, naõ ſó affligío a Rainha, e o Duque, mas encontrou a oppoſiçaõ aberta dos Reis Catholicos. Os ſeus Officios efficazes junto ao Papa, fortificados com as repreſentações da Rainha de Portugaal, derrotáraõ o empenho del Rei, que houve de mudar os intentos.

Era vulg.

Era vulg. Elle pretendeo do Papa para D. Jorge os Meſtrados das Ordens de S. Thiago, e Avís, que o Principe D. Affonſo havia poſſuido, como lhe foi acordado pelo Santo Padre. Immediatamente chegáraõ as letras, ordenou El-Rei o acto da poſſe na Igreja de S. Domingos, aonde pelos Commendadores, e cavalleiros lhe foi dada obediencia. Fez-ſe eſta ceremonia na preſença del Rei, de hum grande número de Prelados, e de toda a Corte, precedendo-lhe, e ſeguindo-ſe feſtas luzidas, que o Rei quiz honrar para admirar o Reino no repente, com que a melancolia ſumma paſſou para huma alegria extrema. Para reger a peſſoa, e caſa de hum Principe taõ moço, que acabava de reveſtir de dous empregos, em que neceſſitava ſaber-ſe conduzir, nomeou a D. Diogo de Almeida, Fidalgo de muitas qualidades, do agrado del Rei, e que pouco depois foi Prior do Crato, por falecimento de D. Vaſco de Attaide.

Se eſtes foraõ os esforços, que a natureza inſpirou a El-Rei a favor de

ſeu

feu filho, as luzes da fua providencia eraõ muito claras, para que deixaffem de penetrar nos futuros as contingencias refpectivas ao mefmo filho. Elle contemplava ao futuro fucceffor D. Manoel irmaõ do Duque de Vifeo morto ás fuas mãos, alliado do Duque de Bragança, que mandára matar pelo Executor da Alta Juftiça, irmaõ da Rainha reinante defgoftada, da Duqueza de Bragança fentida, e filho da de Vifeo melancolica: penfamentos triftes, que lhe fuggeriaõ as grandes defgraças, a que D. Jorge ficava expofto, fe o Duque D. Manoel fobiffe ao Throno, porque o faria alvo da indignaçaõ de todos. Depois do filho, o Rei confiderava, que do furor do mefmo Principe, e Senhoras queixofas feriaõ outras tantas victimas todas as peffoas, que directa, ou indirectamente concorrêraõ, fuggeríraõ, approváraõ a mórte dos Duques, e todos eftes lances taõ criticos á fua politica illuminada requería, que foffem acautelados.

Era vulg.

Da fua parte aquelles Senhores naõ cui-

Era vulg. cuidavaõ menos em prevenir-se, e o Duque, que meditava os extremos del Rei para com seu filho, naõ menos assustado dos presentes, que El-Rei prevenindo os futuros, tomou o expediente de sahir da Corte, e retirar-se para Béja. Com este voluntario exterminio quiz elle evitar, que a sua presença naõ augmentasse a inquietaçaõ del Rei, e observar de longe os movimentos. Mas em quanto estas cousas succediaõ em Portugal, os Reis Catholicos de Hespanha, cobertos de glória, tinhaõ continuado a guerra feliz de Granada, com rendimento das Praças mais importantes, como eraõ Malaga, Guadix, Baza, Almeria, e outras. Os Póvos, por onde passavaõ os dous soberanos sahiaõ aos caminhos a vellos com alvoroço, como a dous milagres da fortuna guardados nos seios da Providencia. E porque o fim desta guerra tem de fazer reflexos em Portugal, que daqui em diante se ha de vêr enlaçado com allianças repetidas em Hespanha, nós daremos della huma breve noticia no Capitulo seguinte pa-

para irmos atar o fio da nossa Historia. Era vulg.

CAPITULO IV.

Conquista gloriosa do Reino de Granada, favoravel á successaõ de D. Manoel, Duque de Béja, com a noticia de ditos, e acções célebres del Rei D. Joaõ II.

JÁ intoleravel aos animos heróicos dos Reis Fernando, e Isabel de Hespanha o soffrimeuto dos Mouros por mais tempo no seu continente: resolvêraõ acabar com elles de hum golpe, e metter na sua obediencia a cabeça contumaz do Reino teimoso, e aguerrido. Para este fim déraõ occasiaõ os Mouros revoltosos de Granada, que se rebelláraõ contra Chiquito, que os Reis Catholicos haviaõ feito seu confederado. Com este motivo mandáraõ elles hum recado aos Chéfes de partido, que se logo naõ depunhaõ as armas, e lhe entregassem a Cidade, houvessem a guerra por declarada. Conheceo o Rei

Era vulg. Rei Chiquito, que as palavras dos Monarcas Catholicos soavaõ a seu favor; mas penetrou que as intenções eraõ dellas mui differentes. O susto concebido concordou os dous partidos barbaros; e por todo o territorio de Granada os Cacizes convidavaõ as gentes para huma guerra santa.

No fim do anno passado entrou El-Rei D. Fernando pela veiga de Granada, e deixando-a destruida, encarregada a fronteira á vigilancia do Marquez de Vilhena, veio com o Principe D. Joaõ seu filho invernar a Sevilha, e aprestar-se para na Primavera formar o sitio da Capital. Com 10000 cavallos, e 40000 infantes, huma grande parte da Nobreza de Hespanha, no dia 23 de Abril se postou El-Rei á vista de Granada. Encarregou-se ao Marquez tallar a campanha, aonde queimou mais de vinte Aldêas, que podiaõ fornecer mantimentos á Cidade. Hum theatro de horror fez o Vilhena ao territorio agradavel de Granada, que sempre foi estimado pelo paraiso de Hespanha. Veio ao campo a valerosa Rainha com

com ſeus filhos, e mandou cercar o exercito com linhas de circunvalaçaõ, e contravalaçaõ feitas com tal arte, que parecia hum Povo, e deſde entaõ o foi com o nome, que ainda conſerva de Santa Fé. Eſte ſitio foi dos mais glorioſos, que ſe vio da Época dos Mouros em Heſpanha até entaõ. Elle durou oito mezes, e treze dias. O valor dos Heſpanhoes obrou façanhas, que pareciaõ temeridades; que lhes adquirírao reputaçaõ brilhante; que reduziraõ os Mouros á ultima extremidade.

Era vulg.

Sentiaõ os valentes largar a ſua terra, que poſſuíraõ tantos ſeculos: temiaõ os covardes o perigo, que lhes decepava os animos; e porque no número deſtes entrava o Rei Chiquito, que ſentindo depois com lágrimas a perda da ſua Corte, ouvio da propria mãi a reprehenſaõ dura: Bem he que a chore minino, quem naõ a ſoube defender homem: elle fez hum diſcurſo longo aos moradores, todo dictado pelo eſpirito do terror, que ſem demora ſe comunicou da cabeça aos membros.

Era vulg. bros. Tomada a resoluçaõ da entrega, se fez avizo da sua parte aos Catholicos Soberanos, para que no dia seguinte, que era o de Reis, seis de Janeiro de 1492, viessem em pessoa receber da sua maõ as chaves da Cidade: dia fausto, memoravel, em que acabámos de arvorar os trofeos ganhados sobre os Mouros na guerra diuturna de 805 annos, sustentada por tantos Reis gloriosos, felizmente concluida no dia consagrado á memoria de tres Reis Santos.

1492 Contribuío Portugal para os applausos desta victoria com tudo, quanto cabe na grandeza para enunciar huma alegria extrema. Ella seria relativa mais aos avances da Religiaõ, que aos interesses do Estado; mais privativa do commum, que particular do Rei. Via este aos de Hespanha sem inimigos nella, que dáqui em diante lhe divertissem as forças; que elles abertamente estavaõ declarados a favor da succeffaõ do Duque D. Manoel para o Reino; que eraõ os protectores dos Principes perseguidos da casa de Bragança seus

pa-

parentes; que os laços da amizade se podiaõ ter por quebrados com a rotura dos do matrimonio causada pela mórte extemporanea do Principe D. Affonso: tudo idéas tristes, que já concebiaõ para D. Manoel as preferencias á Coroa com prejuiso dos interesses de D. Jorge.

Era vulg.

Quiz El-Rei cuidar de longe nas providencias de fazer forte o Reino em trópas de cavallaria, e publicou huma Lei rigorosa, em que mandava, que pessoa alguma de qualquer qualidade podesse montar em cavallos, e mulas sem ser apta para tomar as armas. Para animar a Ordenaçaõ com o exemplo, elle foi o primeiro, que dahi em diante naõ aparecia, senaõ em cadeira de mãos. Ella se dirigia a renovar sem violencia as coudelarias, em que havia muito tempo se deixava de cuidar, para deste modo haver no Reino abundancia de cavallos. Todo o Cléro se queixou sentido de huma Lei, que sobre lhe derogar os seus privilegios, o punha na consternaçaõ de andar sempre a pé com perigo da vida de muitos,

e

Era vulg. e da ſalvaçaõ de naõ poucos pela falta da adminiſtaçaõ dos Sacramentos nas diſtancias. Declarou El-Rei, que a Lei naõ ſe entendia com o Cléro; mas mandou ordem pelas Comarcas a todos os ferradores, que naõ ferraſſem cavallos, e mulas, que naõ foſſem criados nas coudelarias, e das peſſoas habeis, que a Lei declarava.

As idéas vaſtas, em que ſe occupava o Principe magnanimo, naõ lhe impediaõ fazer muitas mercês, e repetir gracioſos ditos. Quando a Rainha de Caſtella lhe mandou repreſentar o goſto, que tinha de vêr Lisboa, ſem mais companhia, que a de vinte criados montados em mulas, reſpondeo: Que o meſmo deſejava elle fazer em Sevilha com cincoenta cavallos á deſtra diante de ſi. D. Pedro de Eça, Alcaide Mór de Moura, eſtando para morrer, lhe mandou entregar as chaves do Caſtello por Antaõ de Faria. Ordenou-lhe El-Rei as tornaſſe a levar, e diceſſe a D. Pedro, que aos filhos de hum cavalleiro como elle, naõ ſe privavaõ das honras, que tivera ſeu pai.

A hum Fidalgo, que lhe pedio a Alcadaria Mór de Castello de Vide, que vagára por fallecimento de Vasco Martins de Mello, disse: A mercê, que vos posso fazer, he guardar-vos segredo no requerimento, por se vos naõ estranhar o pedires-me os despachos de hum pai de cinco filhos, que todos me servem com à lança na maõ. Quando alguns Fidalgos reparáraõ em elle ter provido o emprego de Mordomo Mór em D. Joaõ de Menezes, que naõ sabía viciar a politica com a adulaçaõ, respondeo: Fiz Mordomo Mór a D. Joaõ, porque nunca me falla a vontade, senaõ a verdade.

Era vulg.

Para honrar ao grande D. Francisco de Almeida, depois primeiro Viso-Rei da India, que acabára de chegar da guerra de Granada, aonde obrou acçőes dignas do seu valor, tendo-o convidado para ir á caça, e vindo quando El-Rei comia, lhe perguntou se tinha jantado. D. Francisco lhe tornou, que era muito cedo, e que reservára fazello quando voltasse. Entaõ lhe disse El-Rei: Pois assentai-vos ahi,

e

Era vulg. e comei comigo: o que elle fez á vista dos Grandes, que á mesa assistiaõ em pé. Faz-se digno de reflexaõ o caso de Diogo Gil Magro, muito seu favorecido, que em Evora fez huma injúria grave a Alvaro Mendes do Esporaõ, e se pôz em cobro no Castello de Arrayolos. Joaõ Mendes, e Diogo Mendes de Vasconcellos sentíraõ tanto a affronta de seu pai, que acompanhados dos seus amigos, huma noite forçáraõ as portas do Castello, entráraõ, e fizeraõ em postas a Diogo Gil. Como El-Rei sentio muito esta mórte, certo Fidalgo se adiantou em lhe pedir os bens dos agressores, que deviaõ perder na forma das Leis, e que elle os merecia por ser irmaõ do mórto. Depois del Rei lhe responder, que obraria melhor em dar aos réos as fazendas de Pedro Jusarte, Alcaide Mór do Castello, e de Diogo Gil, do que a elle; a de Pedro Jusarte, porque taõ mal guardou o Castello; a de Diogo Gil, porque taõ mal se soube guardar a si: ordenou, que nesta causa se pozesse perpetuo silencio; lembrando, que se

fe a feu pai lhe fizeffem injuria feme- lhante, elle faria o mefmo, que acabavaõ de fazer Joaõ, e Diogo Mendes.

Era vulg.

A 15 de Maio defte anno fe lançou a primeira pedra no grande edificio do Hofpital Real de Todos os Santos de Lisboa, com affiftencia del Rei, para foccorro dos infelices, a quem a fortuna negára os feus bens. Defde entaõ começáraõ a fer exercitadas nefta cafa rica, e poderofa as virtudes da caridade, e hofpitalidade fem interrupçaõ até o anno de 1750, em que hum incendio voráz a confumio, e foi neceffario mudalla do lugar do Rocio para outro fitio. Como os vagabundos, e ociofos entráraõ logo a aproveitar-fe dos comodos do Hofpital, pretextando enfermidades occultas para fe efcufarem de ganhar trabalhando; El-Rei, que o tinha prevenido, além de deftinar officiaes para fazerem exames rigorofos nos enfermos fingidos, publicou huma Lei fevéra contra todos aquelles, que tendo aptidaõ para os differentes miniflerios da Républica, fof-

Era vulg. fossem enganar os Ministros do Hospital para entreterem a ociosidade.

Conservava El-Rei huma boa harmonia com a Corte de França, que esteve em termos de se romper pela avareza de huns cossarios, que lhe tomáraõ huma náo, que vinha da Cósta da Mina com quantidade de ouro. Propôz elle ao Conselho o que faria neste caso, quando no seu alto espirito levava concebida a idéa do desaggravo. Concordáraõ todos os votos, em que fosse hum Enviado queixar-se ao Rei de França, e pedir a restituiçaõ da náo. El-Rei se levantou dizendo, que receava houvesse demora em se differir ao seu Ministro, e immediatamente mandou fazer represália em déz navios Francezes, que estavaõ no Téjo, tirar-lhes as vergas, recolher as mercadorias na Alfandega, e ordenou a Vasco da Gama, que depois descobrio a India, fosse fazer o mesmo a todos os que estivessem pelos mais portos do Reino. Os interessados sobprendidos desta novidade, recorrêraõ ao seu Soberano, que informado da origem, don-

donde ella nascia, fez restituir a pre- za, que mandou a Portugal acompanhada de huma satisfaçaõ completa.

Era vulg.

Demonstrações taõ delicadas mereciaõ aos Principes da Europa as equidades del Rei, e a sua reputaçaõ era de tal sórte sublime, que naõ lha disputavaõ os que podiaõ ser emulos da sua gloria. Della deo hum testemunho bem evidente o mesmo Carlos VIII., Rei de França, que fazendo quasi todos os Monarcas liga contra elle, disse: Que naõ os temia, porque para desbaratar a todos, lhe bastava a alliança com seu irmaõ D. Joaõ II. de Portugal. Naõ saõ menos illustres em outros pontos criticos as decisões dos Reis Catholicos Fernando, e Isabel. Representou-se ao primeiro, que castigasse ao seu Chronista, que escrevendo a batalha de Toro o privava da gloria para dar toda ao Principe D. Joaõ de Portugal. Mandou-o elle vír, e lêr na sua presença esta passagem, que ouvio attento, e disse depois ao Chronista: Isso, e muito mais do que escreveis he verdade, que eu vi, e as-

 sim

Era vulg.

ſim fique eſcrito, porque vós ſois obrigado a dizer a verdade. Na face da Rainha D. Iſabel houve quem notaſſe as acções do meſmo Principe, mas ella reſpondeo prompta: Deos me faça aos meus filhos, como elle he. Com outra ſublimidade de eſpirito atalhou a Catholica Rainha os ſuggeſtores, que a inſtavaõ fizeſſe a guerra a D. Joaõ com o fundamento, de que os Caſtelhanos eraõ muitos, e poucos os Portuguezes, dizendo-lhes: E iſſo, que importa, ſe aquelles poucos ſaõ filhos, e os noſſos muitos ſaõ vaſſallos.

Neſte anno ſe avançáraõ muito os deſcobrimentos pelos vaſtos Reinos, e Provincias de Guiné, aonde muitos dos ſeus Reis, e grandes peſſoas corriaõ illuminados pela graça a buſcar as fontes ſaudaveis do Baptiſmo, com gloria grande da Eſpoſa do Cordeiro, que regenerava tantos filhos nas Regiões brutas da Gentilidade céga. Naõ poupava El-Rei fadigas, nem deſpezas para promovêr obra taõ ſanta, digna do ſeu zelo, e piedade: obra ſanta, que

diz

diz o nosso Joaõ de Barros, naõ a po- de haver na Igreja digna de maior louvor de Deos, que por indústria del Rei no lugar mais encoberto da terra, e na gente mais remota do Nome de Jesus Christo, aonde podemos crêr, que naõ chegou a prégaçaõ dos Apostolos, hoje estar cheio de Altares, oblações, e sacrificios offerecidos em nome do mesmo Jesus Christo. Todo para a piedade o Rei D. Joaõ, depois que se deixou sentir os golpes da maõ occulta, que toca fórte do fim até ao fim, e tudo dispoem suavemente: elle naõ só quiz o fervor para a conversaõ dos Infieis; mas determinou fazer observar no Reino a devoçaõ.

Com este designio impetrou hum Breve do Papa para instituir hum número de Conegos, que na Capella Real do Paço recitassem todos os dias as Horas Canonicas. D. Diogo Ortiz, Bispo de Tangere, foi criado Deaõ, e Administrador da mesma Capella, aonde desde entaõ até agora se fizeraõ sempre os Officios com a pompa, e solemnidade das Cathedraes, especial-

Era vulg. mente depois do reinado de D. Joaõ V. de gloriosa memoria, que a erigio em Basilica Patriarcal com a maior magnificencia, como diremos, se Deos permittir que escrevamos a vida daquelle Principe em todas as idades memoravel. Para corôa de tantas acções pias, e Catholicas, ordenou D. Joaõ II., que em todas as suas Praças, Fortalezas, Castellos, e Palacios se celebrasse cada dia o Sacrificio tremendo do Altar, admoestando aos seus Ministros naõ passasse algum sem assistirem a elle para alcançarem do Ceo a illuminaçaõ necessaria para a decisaõ acertada dos negocios.

Os effeitos do veneno, que El-Rei bebeo na fonte de Evora, ou a afflicçaõ continua, que lhe causava a lembrança do Principe, que para sempre lhe derrotára a saude, foi causa de se lhe renovar a enfermidade com accidentes taõ violentos, que esteve sem esperança de vida, e lhe tirou a de recobrar a disposiçaõ antiga na idade mais robusta. Além da incommodidade propria, El-Rei sentia que a sua

con-

consistencia debil lhe impedisse mostrar com as armas o seu resentimento ao Rei de Castella D. Fernando; sempre opposto aos seus sentimentos, protector dos seus desvalídos, agora já descobertamente interessado na pessoa de futuro Successor para Portugal: resentimento, que se podia aproveitar de occasiaõ taõ oportuna, como era a da guerra, que elle trazia vigorosa contra França sobre o Reino de Napoles, e restituiçaõ dos Condados de Ruysellhon, e de Sardenha.

Era vulg.

Mas o seu espirito a tudo superior, para conservar moderado, e circunspecto aquelle Monarca, dentro, e fora do Reino mandou fazer aprestos formidaveis, que indicassem proxima huma guerra terrivel. Até ao seu Embaixador D. Pedro da Silva, Commendador Mór de Avís, que por occasiaõ da mórte do Papa Innocencio VIII. mandára a Roma dar obediencia ao seu Successor Alexandre VI. ordenou, que como o Rei Carlos de França hia a Italia, elle naõ entrasse na Curia sem primeiro da sua parte visitar aquelle

Prin-

Era vulg. Principe ; offerecer-lhe as ſuas forças para com eſta politica animar mais o fingimento em Caſtella do quanto eſtava inclinado á juſtiça, e intereſſes do Rei Carlos. Com os meſmos deſignios occultos fez eſquipar huma grande fróta para enviar ao Mediterraneo, guarnecida da melhor gente, e nomeou por Almirante a Alvaro da Cunha ſeu Eſtribeiro Mór.

Neſta fróta havia ir a grande náo de mil toneladas, que elle mandára conſtruir, a maior que até entaõ havia ſurcado os noſſos mares, com muita, e groſſa artilharia, a mais fórte, e eſcolhida equipagem. Deſejava El-Rei aſſiſtir a eſte botafóra, quando o aviſáraõ naõ vieſſe a Reſtelo arriſcar a ſua precioſa vida, porque na armada haviaõ fallecido de peſte algumas peſſoas. Suſpendeo-o eſte incidente; mas de Sintra, aonde eſtava, mandou a D. Diogo de Almeida, Prior do Crato, e a D. Diogo Lobo, Baraõ de Alvito, foſſem da ſua parte expôr a Alvaro da Cunha quanto ſentia o ſuſto, que tivéra na armada, e augurar-lhe viagem

fe-

feliz. Temêraõ os dous Fidalgos o contagio, e escrevêraõ a Ayres da Silva representasse a El-Rei, que elles naõ executavaõ a ordem, por lhes parecer temeridade arriscarem as vidas sem fructo. Tanto se desagradou El-Rei da reposta, e o estimulou de sórte o naõ cumprimento da ordem, que desprezando o perigo, veio logo a Belém em pessoa, fallou a Alvaro da Cunha, e a todos os Fidalgos, que hiaõ na armada, e dizem fora mesmo á bordo da capitania: acçaõ, que em tal Principe naõ podia ter menos fim, que a troco do risco proprio persuadir aos vassallos, que deviaõ temer menos as desgraças temporaes relativas á vida, que expôr-se á de perder a graça do Soberano.

Era vulg.

Tantos eraõ por estes tempos os interesses do nosso Commercio de Guiné, que se assegurava excediaõ aos de todos os Reguengos do Reino, campos da Golegã, e lizirias de Santarém. Nos seus moradores viamos nós hum Povo fiel, catholico, taõ unido comnosco, qne naõ só nos soccorriaõ em

to-

Era vulg. todas as conjunturas ; mas tinha tanta corage , que era capaz de nos ajudar em vaſtas conquiſtas , ſe nós nos serviſſemos delle , como entaõ o faziaõ os Reis de Marrocos. Os fructos da Ethiopia eraõ tantos , e taõ delicados, que podiaõ deſpertar os ſentidos mais groſſeiros do goſto ſem appetite , da viſta ſem reflexaõ. Diz porém o noſſo Barros , que Deos por algum juizo occulto nos fechou o interior daquella regiaõ eſtimavel por algum Anjo percuciente de febres mortaes , que nos impedem penetrar as terras banhadas pelas fontes , donde procedem os rios de ouro , que por tantás partes da noſſa conquiſta ſahem ao mar.

CA-

CAPITULO V.

Era vulg.

Trataõ-se outros successos destes tempos, e a entrada dos Judeos em Portugal, intrigas, e Embaixadas mutuas da nossa Corte á de Castella.

EL-REI D. Joaõ II. naõ só attento á glória das armas, ao avance das conquistas, ás vantagens do Commercio, aos estrondos da reputaçaõ; elle sabia estimar o merecimento em qualquer traje, que o encontrasse. Naõ menos inclinado aos valentes, e industriosos, que aos sábios, e eruditos, pôz em igual parallelo para o apreço a Pallas togada, e a armada; fez o mesmo gosto da gente de armas, que dos homens de letras. Florecia entaõ em Italia Angelo Policiano, natural de Monte Policiano na Toscana, discipulo excellente de Andronico de Thessalonica. Lourenço de Medicis, que fez glória de trazer a Florença os sabios do seu tempo, metteo no seu número a Angelo, que nomeou Mestre de seus fi-

Era vulg. filhos depois de o haver feito Conego. Elle teve trato com todos os homens de letras da ſua idade, eſpecialmente com Joaõ Pico Mirandulano, ſeu amigo, e condiſcipulo. Todos os eruditos fallaõ com louvor nas cartas latinas de Angelo Policiano, e os ſeus verſos engenhoſos merecêraõ, que Paulo Jovio lhe chamaſſe Poeta divino.

Para nós termos huma próva clara da eſtimaçaõ, que El-Rei fazia das letras, baſta ſabermos a Carta honrada, que eſcreveo a Angelo Policiano. Elle, que lhe conhecia o merecimento, por aquella carta lhe fez ſaber, que o havia eſcolhido para compôr a Hiſtoria de Portugal nas linguas Latina, e Italiana. Se baſtava a eſpecioſidade da eleiçaõ de Principe taõ grande para recompenſa vantajoſa deſte Author; El-Rei formava o deſignio de a proporcionar ao ſeu trabalho, e nós penſamos, que ella ſería huma obra digna das materias, que lhe haviaõ dar a alma, do eſpirito, que tinha de organiſar o corpo, ſe dous annos depois a mórte naõ arrebatára o ſeu Author

an-

antes de pegar na penna. Ella teve poucas ſemelhanças com as outras acções racionaes da vida deſte homem. Dizem que por huma Dama lhe naõ acceitar as ternuras do ſeu amor, elle frenetico rompêra a cabeça contra huma parede, e que ſe matára. Nas Anecdotas de Florença ainda ſe aponta outra cauſa mais infame da ſua mórte. Melancthon, e Luís Vives affirmaõ que elle ſe laſtimava de ter lido huma ſó vez a Eſcritura Santa, por haver niſſo empregado taõ mal o ſeu tempo. Parece que eſtes Authores calumniaõ a Angelo, que era hum Eccleſiaſtico velho, do qual ſe diz, que pégava as Quareſmas na ſua Cathedral com edificaçaõ do Povo; e ſe elle com as vozes da Eſcritura naõ fallava aos corações, entaõ a edificaçaõ ſuperficial sería hum effeito de Cythariſta do ouvido. Era vulg.

Da meſma inclinaçaõ, que El-Rei tinha ás letras naſceo a ſeveridade, que moſtrou contra as Igrejas Cathedraes, porque recuſavaõ pagar as penſões dos Lentes, e Profeſſo-

tes

Era vulg. res de Univerſidade, conforme o uſo antigo determinado pelos Reis D. Diniz, e D. Affonſo IV., que as haviaõ arbitrado com approvaçaõ da Santa Sé. Deſta renitencia, que tiveraõ as Igrejas em pagar, ſe originou entre ellas, e a Univerſidade huma diſputa, que promettia conſequencias funeſtas. El-Rei tomou o partido da ultima, e principiou a deſcobrir para ella a inclinaçaõ com a liberalidade. Elle naõ deixaria a controverſia ſem deciſaõ, ſe as ſuas enfermidades naõ o foſſem levando de mal em peior; já confirmado, de que a moleſtia provinha do veneno, que deſcobria os effeitos na quantidade de manchas negras, que lhe appareciaõ pelo corpo.

Eſta decadencia no Principe animava os eſpiritos dos muitos deſcontentes, que viviaõ hypocritas do medo depois da mórte dos dous Duques, e Fidalgos, do exterminio dos Principes de Bragança, e dos outros Senhores, e principiavaõ a levantar a cabeça com as bem fundadas eſperan-

ças,

ças, de que haviaõ vêr inclinadas até a terra as que se endireitavaõ a beber os ventos. Principiáraõ entaõ a introduzir-se abusos no Estado; a tomarem corpo as contestações, e os pontos de Jurisdicçaõ a ser assumpto de controversia nos dous membros principaes da Monarquia. A differença de D. Jorge de Almeida, Bispo de Coimbra, com o Prior de Santa Cruz, D. Joaõ de Noronha he hum exemplo bem evidente desta verdade, e de quanto tem de perniciosos nas Cidades, e Provincias dous partidos grandes encontrados, se as raizes senaõ cortaõ, quando principiaõ a brotar as vergonteas.

Era vulg.

Nesta figura se achavaõ os negocios de Portugal, quando os Reis Catholicos de Hespanha, Fernando, e Isabel, transportados de zelo pela Religiaõ, querendo agradecer a Deos huma série continuada de felicidades, que recebiaõ da sua maõ liberal, elles determinaõ, que a grande cópia de Judeos estabelecidos em Hespanha, intoleraveis pelas suas prostituições, es-

Era vulg. escandalos, usuras, e enormidades, ou se façaõ Christãos, ou com pena da vida, sem remissaõ, e a de confiscaçaõ de bens, no termo fixo, e peremptorio de quatro mezes sahaõ dos seus Estados, naõ podendo levar delles ouro, nem prata, mas cambiados estes metaes em outros generos. Alguns destes infelices, tocados das inspirações temporaes das suas commodidades, recebêraõ o Baptismo, sempre Judeos no fundo dos espiritos, como brevemente entráraõ a mostrar as experiencias. Os mais delles, obstinados Deicidas, que ha tantos seculos trazem em cima de si o peso da maõ de Deos indignado, antes quizeraõ perder as vantagens da vida, que depôr a cegueira cahida em parte sobre Israel até a consumaçaõ dos seculos.

Pedíraõ estes ao Rei de Portugal permissaõ para virem aos portos do seu Reino a troco de grossas quantias de dinheiro: com condiçaõ de estarem nelles oito mezes, e depois se lhes darem embarcações, que os transportassem a lugares da sua eleiçaõ. El-Rei, que

que se via na idade de trinta, e sete annos, e ainda naõ perdêra as esperanças de fazer a Africa huma jornada, que tanto appetecia, acceitou o contrato dos Judeos, e recebeo delles as quantias estipuladas para o destino de Africa, que se acháraõ em ser depois da sua mórte. Destináraõ-se os portos, aonde havia ser recebida esta colonia da Naçaõ errante, sem Rei, sem Templo, sem Sacerdote, Ephod, nem Teraphim. Vieraõ, e pagáraõ os Judeos; passou o tempo ajustado, e aprestáraõ-se embarcações para os que se foraõ.

Era vulg.

Destes desgraçados homens grande parte pereceo em Portugal tragados de huma devoradora peste, que foi o primeiro bem, que nos trouxeraõ; outros acabáraõ pelos hermos sem auxilio humano; alguns sem corage para sopportar tantos trabalhos, escolhêraõ para remedio o lavatorio de Siloé nas fontes sacrosantas do Baptismo; os mais se embarcáraõ para Africa, aonde encontráraõ no Rei de Féz outro Salmanasar, Nabuco, Tito, ou Adriano.

Era vulg. no. Naõ he dizivel a perseguiçaõ, que fizeraõ os Mouros a esta escoria das gentes. Elles os affrontáraõ, os roubáraõ, os escarnecêraõ, e á vista dos pais, e dos maridos dormiaõ com as mulheres, e as filhas. Aos consentidores espancavaõ, aos ciosos tiravaõ as cabeças, aos indiffetentes carregavaõ de opprobrios. Nesta affliçaõ, para casual muito sevéra, os Judeos miseraveis, que sahiraõ de Castella, e Portugal, naõ tiveraõ mais refugio, que voltar aos mesmos Reinos, fazer do erro confissaõ de bocca, mostrar a dôr na cara, pedir á Igreja os recebesse no seu regaço, como lhes foi concedido; ficando desde entaõ justamente promiscuos com o Povo Catholico, para mostrar a Mãi piedosa, que ella tem as condições do seu Esposo em naõ haver para a sua bondade excepçaõ de pessoas; guardando como elle, para os dignos, os premios; atiçando á sua imitaçaõ, para os relapsos, o fogo.

Nós concluiremos os mais successos deste anno, lembrando, que El-Rei teve por taõ grave o assassinato, que

que no Castello de Arrayolos cometteo contra Diogo Gil Magro, em despique da injúria feita a seu pai, Joaõ Mendes do Esporaõ, que o nomeou Embaixador para Castella. Deste Fidalgo descendêraõ os Condes de Figueiró, e a sua casa com o mórgado do Esporaõ o possuem hoje os Condes de Villa-Nova na varonia de Lancastros. Nunca esquecido de D. Jorge, Chéfe dos deste Appellido, El-Rei seu pai nos intervallos da saude reforçava os empenhos em Roma para obter do Papa a graça da legitimaçaõ. Elle encarregou a consecuçaõ com todos os esforços a D. Francisco de Almeida, Bispo de Ceuta, irmaõ de D. Pedro da Silva o Embaixador, que foi saudar ao Papa Alexandre VI. pela sua exaltaçaõ ao Solio Pontificio, e a D. Diogo de Sousa, Bispo do Porto, que ambos estavaõ em Roma, quando chegou a ella D. Pedro da Silva.

Era vulg.

Os desejos do Rei, e a actividade dos Bispos impressaõ alguma fizéraõ no espirito do novo Papa, que logo foi prevenido pelos mesmos canaes, que

Era vulg. haviaõ levado o écco dos inconvenientes aos ouvidos do seu predecessor. Desenganado deste meio produzir effeitos correspondentes aos designios, D. Joaõ naõ perdeo a corage, e procurou mais longe o recurso. Elle quiz capacitar ao Imperador Maximiliano I. que a Coroa de Portugal lhe pertencia de direito, como a neto del Rei D. Duarte, filho de sua filha a Imperatriz D. Leonor, que fora mulher de seu pai Frederico III. O direito daquelle Principe sim sería incontestavel, senaõ tivesse duas opposições, que inteiramente o derrotavaõ. A primeira era a das Leis fundamentaes de Lamego, que excluem da successaõ do Reino aos Principes estrangeiros. A segunda a do Duque de Béja D. Manoel, que era filho do Infante D. Fernando, Duque de Viseo, e neto do mesmo Rei D. Duarte, naõ devendo preferir os filhos da Imperatriz D. Leonor como femea, aos do Varaõ o Infante D. Fernando seu irmaõ.

A recusaçaõ dos dous Papas Innocencio, e Alexandre á legitimaçaõ de

D.

D. Jorge, a repugnancia do Imperador Maximiliano á formaçaõ de hum Tratado manifestamente injusto, impozéraõ ao Rei hum silencio perpetuo neste negocio. Desde entaõ se determinou a tratar o Duque D. Manoel como Successor indisputavel da Coroa, já conforme com os destinos da Providencia, fiado na bondade do Principe, que por attento aos de Bragança, e sentido da mórte do de Viseo seu irmaõ, esqueceria a vingança para se lembrar no filho D. Jorge, que das mãos do pai recebêra o Reino. Elle o dispunha com multiplicar agrados, que sendo de Soberano, tem actividade para fazerem esquecer injúrias, e D. Manoel, como bom politico ao mesmo tempo grato, dava todas as demonstrações, de que as suas nem na imaginaçaõ lhe faziaõ especie.

Era vulg.

1493

Entrou o novo anno, e no principio delle chegou a Lisboa Christovaõ Colomb, que vinha de descobrir as Antilhas por mandado dos Reis Catholicos de Hespanha. Trazia elle todos os signaes da nova terra em gente,

Era vulg. fructos, ouro, e outras producções daquellas Ilhas, estranhas ás do nosso Continente. El-Rei o recebeo com muito desagrado, por entender se mettêra a cortar os mares, que elle presumia se incluiaõ na demarcaçaõ das suas conquistas. Colomb soberbo com a prosperidade, a tudo respondia na Corte, accusando a omissaõ del Rei em naõ querer aproveitar-se da offerta, que lhe veio fazer para estes descobrimentos, de que agora se sentia, sendo a culpa só sua. El-Rei partio immediatamente para Torres Vedras, aonde determinava convocar o Conselho para se deliberar em ponto taõ critico. Elle se reprehendia a si mesmo pela glória, de que neste descobrimento se privára: glória, que elle entendia reservada só para os seus vassallos, taõ conhecidos entaõ por unicos dominantes dos mares.

Hum pensar todo de reflexões lhe inspirava disputar aos Reis Catholicos a honra, e os interesses; e porque na jornada para Torres Vedras elle foi visitar a Excellente Senhora D. Joanna, pre-

presumptiva herdeira de Hespanha, esta marcha repentina, e visita naõ esperada fizéraõ nascer o rumor, de que El-Rei determinava inquietar os de Castella, e tirar D. Joanna ao theatro para pretextar o rompimento. Se nesta segunda parte erráraõ os juizos, o acccerto da primeira se vio na resoluçaõ do Conselho, em que foi determinado, que logo se preparasse huma grande armada ás ordens de D. Francisco de Almeida, depois primeiro Viso-Rei da India, para ir atacar outra de Castella, que se aparelhava, nos mesmos mares do seu destino. Com esta noticia; os Reis Catholicos mandáraõ representar ao de Portugal, que as armas se deviaõ suspender, em quanto se examinava a qual das Potencias pertencia o novo descobrimento, no que El-Rei naõ teve dúvida.

Era vulg.

Para este fim mandou elle a Ruy de Pina, e ao Doutor Pedro Dias, que encontráraõ aos Reis em Barcelona coroados de novos triunfos no Reino de Napoles, e no ajuste da paz com França, senhores de Perpinhaõ, e do

Con-

Em vulg. Condado de Ruyſelhon. Nada concluſraõ os dous Miniſtros nas primeiras propoſtas; e como nada trouxéraõ decidido, e os Reis Catholicos queriaõ ganhar tempo, mandáraõ por ſeus Embaixadores a Lisboa o vaidoſo D. Garcia do Carvajal, e a D. Pedro de Ayala, coxo de huma perna: circunſtancias nos dous Miniſtros, que déraõ occaſiaõ a El-Rei para dizer: que eſtá Embaixada de Caſtella naõ tinha pés, nem cabeça. Eſtes Embaixadores, como tambem vinhaõ a entreter, ainda deixáraõ o negocio ſem concluſaõ; gaſtáraõ o tempo em cumprimentos; leváraõ os dias em fazer oſtentaçaõ do ſeu fauſto brilhante; mas El-Rei, que naõ ſe ſatisfazia com delongas em negocio tanto do ſeu intereſſe, os deſpedio para elle applicar officios, que o levaſſem aos termos do ultimo complemento, como veremos no Capitulo ſeguinte.

CA-

Era vulg.

CAPITULO VI.

Da célebre Linha de Demarcaçaõ, com que os Reis de Portugal, e Castella dividíraõ entre si os dous hemisferios Oriental, e Occidental, e outros successos, que se seguíraõ.

SE a ambiçaõ do grande Alexandre, já sem concurrentes no dominio do Universo, o fez chorar, quando na extremidade do Globo lhe dissérao, que naõ havia mais terra: seja o zelo da Religiaõ, seja o amor dos interesses sem desordem, ou sejaõ as reflexões racionaes para a evitarem; os Reis de Portugal, e Castella, naõ rompendo a harmonia da concordia, mas por hum ajuste amigavel entre ambos, determináraõ deitar ao Mundo huma Linha, que o dividisse pelo meio em dous hemisferios iguaes habitados de Nações livres, para elles, com o pretexto especioso da Religiaõ, os conquistarem, o de Portugal o hemisferio Oriental, e o Occidental o de Castel-

Era vulg. tella. A este fim, já sentido do pouco fructo de duas Embaixadas, mandou El-Rei aos Catholicos de Hespanha terceira resoluta para ser decisiva, composta das pessoas dos Ministros mais habeis, que foraõ Ruy de Sousa, seu filho D. Joaõ de Sousa, Ayres de Almada, Corregedor da Corte, e por Secretario o bem instruido Estevaõ Vaz.

Chegáraõ os Embaixadores a Medina del Campo, aonde estava a Corte, e fizéraõ os primeiros officios com tanta viveza, que os Reis houvéraõ de dar principio ás conferencias sem demora. Taõ senhor estava El-Rei dos segredos do gabinete daquelles Principes, ou tanto tinha corrido por Hespanha o ouro de Guiné sahido das suas mãos, que desde logo entrou a avisar os seus Ministros das dúvidas, que se lhes haviaõ pôr, e em que dias, prevenindo-os com as respostas promptas, que elles lhes deviaõ dar. Repentes taõ acertados, que naõ podiaõ vir incluidos nas Instrucções por naõ pensados, alheios por sua mesma natureza para

os

os Embaixadores por si proprios os resolverem sem novo recurso á sua Corte, fez conceber aos Reis a origem verdadeira, donde nasciaõ, e entráraõ a desconfiar dos do seu mesmo Conselho. Bem póde ser, que esta desconfiança abbreviasse a negociaçaõ, que com effeito se concluio á satisfaçaõ de ambos os Monarcas.

Era vulg.

A divisaõ do mundo, que elles fizéraõ entre si, a saber o hemisferio do Oriente para a conquista dos Portuguezes, o do Occidente para a dos Castelhanos, elles a remetêraõ ao Papa Alexandre VI.: mas como ainda nella se necessitava buscar hum lugar, por onde passasse o Meridiano, que havia separar estes dous hemisferios, o Papa o assignalou nas Ilhas dos Açores. Os Principes naõ contentes com esta divisaõ primeira, prescrevêraõ outra Linha propriamente chamada de Demarcaçaõ, que passa 370 legoas ao Occidente das Ilhas de Cabo Verde. Brevemente foraõ perturbados estes ajustes pacificos; pretendendo ambas as Nações as ganancias vantajosas, que

lhes

Em vulg. lhes promettia a posse das Ilhas Molucas em pimenta, cravo, e outras drogas: ambiçaõ, e avareza, que foraõ causa de apparecerem transformados todos os planos Geograficos.

Os Castelhanos pelas suas medidas, naõ só pretendiaõ insinuar-se nas Molucas; mas em toda a terra, que ha entre ellas, e Malaca. Para isso suppunhaõ aquellas Ilhas affastadas do primeiro Meridiano ao menos 180 gráos, que por isso naõ podiaõ pertencer aos Portuguezes, nem estes pretendêrem mais, que a meia periferia de 180 gráos, que era o semicirculo da terra, que lhes tocava. Elles acrescentavaõ, que o mar entre as cóstas do Perú, e das Molucas, naõ tinha mais de 1600 legoas Hespanholas de travessia, que correspondem a 91 gráos, que sommados com os 70, que ha entre o Perú, e o primeiro Meridiano, fazem 161 grão, de sórte que vinhaõ a ficar os Portuguezes com 19 gráos, ou 200 legoas de mais. Estes pelo contrario, firmados no ponto do seu hemisferio, que começava nas Ilhas dos Açores, suppu-

punhaõ as Molucas em 160 gráos de Em valg. longitude; affirmavaõ, que ainda lhes faltavaõ 20 gráos para terem a sua repartiçaõ completa; que por esta conta, e para se encherem dos seus 180 gráos destinados ás suas conquistas, devia ser o termo dellas o Japaõ, e as Ilhas dos Ladrões.

Empenháraõ-se os Mathematicos Castelhanos em sustentar com theoremas o seu partido: o mesmo fizéraõ os Portuguezes, que levados dos estimulos de se fazerem os primeiros senhores das Especiarias da Europa, se valêraõ de todos os meios para persuadirem ao mundo, que as Molucas, e o Japaõ se continhaõ no seu hemisferio. Como em Portugal se fizéraõ leis sevéras, para que as longitudes da extremidade da Asia naõ se pozessem nas Cartas, senaõ conforme as nossas pretenções, e para que nós as medissemos calculadas pela observaçaõ dos eclipses, daqui nasceo apparecer a Asia mais abbreviada, do que nas cartas antecedentes. Os soldados porém, que naõ se embaraçavaõ com figuras,

e

Era vulg. e dimensões astronomicas, pozérao a decisaõ da causa no valor das armas, e á força dellas lançáraõ os Castelhanos das Molucas: talvez entendendo, que para titulo da sua posse lhes bastava, que ellas houvessem sido descobertas por hum Portuguez, qual era Fernaõ de Magalhães, ainda que occupado no serviço de Principe estranho.

Nós naõ podemos negar, que antes desta contenda, as cartas Portuguezas tinhaõ pouca differença das de Ptolomeo: que depois se diminuíraõ tanto, que nellas se via a Asia desfigurada, e a sua grandeza contrahida a espaços taõ curtos, que mal podiaõ caber naquella parte do Mundo, reduzidos a Provincias, os Imperios, e Reinos vastissimos, de que ella se compoem. Com tudo destas medidas naõ fomos nós os inventores, nem os Castelhanos se pódem queixar só de nós. Para o fim dos nossos interesses quizemos seguir a doutrina dos Arabes, que pelas observações dos eclipses procuravaõ diminuir as distancias, e naõ

nos

nos faltavaõ votos, que remettiaõ a decisaõ desta grande disputa ao methodo de medir as longitudes pelos eclipses, como elles inventáraõ. Isto naõ obstante, he certo que a nós nos notavaõ de dissimulados, de astutos, quando de repente supprimimos todas as cartas geograficas, e maritimas, que substituimos com outras, aonde o mundo entrou a admirar perdida a figura da Asia. Tambem o fundamento do Portuguez Fernaõ de Magalhães ter sido o descobridor das Molucas, foi olhado como titulo vaõ, quando elle fez aquella viagem com as forças, e ordens dadas pelo Imperador Carlos V. a quem servia.

Era vulg.

Em fim, nós firmámos as nossas pretenções na doutrina dos Arabes; e como as novidades costumaõ levar as estimações, entráraõ as longitudes a ser medidas pelos eclipses. Esta parecia que tirava toda a esperança de composiçaõ entre as duas Nações, disputando nós nada menos, que pela differença de 40 gráos, que fórmaõ a nona parte do Globo terraqueo: novida-

Era vulg. dade, que exceptuando a Sanſaõ, e Duval, habeis Mathematicos, levou a pôz ſi o mundo todo. Ainda hoje ha diſcipulos deſta eſcóla, que por medirem a terra pela obſervaçaõ dos eclipſes, que eſtraga a Geografia, que deſfigura a Aſia, naõ repáraõ que cortaõ ao Equador 44 gráos, que lhe ſaõ neceſſarios para completar o número indefectivel dos ſeus 360 gráos, e que fazem aquelle roubo ao mar Pacifico.

Coartando eſta materia ſómente ao que pertence aos dous Principes D. Joaõ de Portugal, e D. Fernando de Caſtella, em quem vou fallando, deve-ſe ſaber, que feita a primeira demarcaçaõ pelo Papa Alexandre VI. El-Rei D. Joaõ, pela antiguidade do ſeu direito, eſcolheo o hemisferio Oriental, e D. Fernando foi obrigado a accommodar-ſe com o Occidental. Eſte Principe, que naõ via o de Portugal contente com a partilha, quando ſe lhe deixou livre a eſcolha; que ſoube eſcrevèra ao Papa queixando-ſe, que o meſmo lhe fizera a elle; que

na-

naquella conjunctura naõ era a guerra conveniente, naõ respirando o Rei Cathclico senaõ paz; elle, por proprio movimento, cedeo a D. Joaõ mais 70 legoas de Paiz, além das 400, que o Papa lhe havia entaõ adjudicado: conclusaõ feliz, que desempedio a armada de Colomb para fazer os descobrimentos vantajosos, que eu refiro.

Era vulg.

No dia 25 de Setembro sahio Colomb do porto com a fróta Castelhana, e depois de huma navegaçaõ longa, chegou á Ilha de Guadalupe, huma das Antilhas na America Septentrional, donde seguio a viagem para a Ilha Hespanhola. Como naõ encontrou os Hespanhoes, que deixára naquellas terras, e a Villa de Bom, que elle fundára, a achou reduzida a cinzas, edificou huma nova fortaleza, que em obsequio á Rainha, fez chamar Isabel. Pouco depois descobrio a grande Ilha, que chamou Fernandina, e nós dizemos Cuba, que pela sua vasta extensaõ entendeo ser terra firme. Na Jamaica teve de se batter com os Indios,

que

Era vulg. que lhe difputárañ a entrada. Depois defte combatte, que lhe foi feliz, voltou á Ilha Hefpanhola, aonde vio muitos Caciques determinados a lhe fazer a guerra com huma numerofa multidañ de Indios. Na primeira viagem havia Colomb contrahido amizade com Guacanagri, Senhor poderofo do Paiz, que o ajudou a ganhar huma victoria completa fobre os inimigos. Ella lhe adquirio tanta reputaçañ, e os Cacïques ficárañ tañ cortados, que pode a feu falvo fundar huma boa fortaleza para fegurar o Paiz, e coberto de fegunda glória entrou em Caftella entre vivas, e acclamaçóes do Povo, favorecido de honras, e mercês do Principe juftamente merecidas.

Ainda El-Rei eftava em Torres Vedras, quando appareceo na Corte Monfieur de Lion, com a comitiva de mais de trezentos criados, que attráhido da fama de tañ grande Principe vinha ouvir a fua fabedoria, conhecer o feu valor, e offerecer-fe para o fervir em Africa com a fua numerofa

fa-

familia. Elle fez a El-Rei huma falla pública, em que discorreo elegante sobre estes tres motivos da sua vinda a Portugal. Respondeo-lhe o Principe com elegancia taõ magestosa a cada hum dos pontos da sua Oraçaõ, que bastou a resposta para conhecer o Senhor Francez, que a sapiencia del Rei era maior, que o rumor, que tinha ouvido. Naõ foi só de palavra o agradecimento Real, que se acompanhou da magnificencia das obras, com que o fez Conde de Gasa em Africa; da riquissima baixella, quantidade de cavallos escolhidos, escravos de bella figura com que o regalou, e criando seus moços Fidalgos alguns rapazes distinctos, que trazia entre os muitos, e qualificados cavalleiros da sua brilhante comitiva. Naõ foi este Senhor servir a Africa; porque avisado da nova guerra, em que entrava França, houve de o ir fazer á sua Patria.

Erà vulg.

Na mesma Villa de Torres Vedras ouvio El-Rei os cumprimentos officiosos, e acceitou em público o grande presente, que o Rei de Napoles lhe

Era vulg. mandou offerecer por huma Embaixada solemne, que se reduzia a louvar as suas altas qualidades, e a cultivar huma amizade sincéra. O gosto, que podiaõ causar ao Principe estes effeitos da sua bem estabelecida reputaçaõ, foi perturbado por hum novo ataque na saude, que o chegou ao ultimo perigo da vida. Quiz o Ceo ouvir o voto, que fez de ir a pé de Torres Vedras visitar o Convento de Santo Antonio da Castanheira, como cumprio, quando se vio convalecido. No lugar da Atalaya o susto da peste obrigou a D. Joaõ de Sousa pousar fóra delle; mas no meio dos perigos, El-Rei naõ se esquecia de honrar os homens. Perguntou elle a D. Joaõ, aonde pousava; e respondendo este, que fóra do lugar, disse o Prior do Crato, que naõ se haviaõ achado casas, em que D. Joaõ coubesse. Naõ he esse o motivo, acodio El-Rei prompto; que D. Joaõ senaõ achasse casas, tinha as minhas, e a minha meza. O Prior gostaria taõ pouco deste dito, como da reprehensaõ, os Reis naõ tem aveço, nem di-

rei-

feito; que lhe deo o mesmo Rei, quando passou sem tirar o gorro, entendendo que elle o naõ via por lhe ficar de cóstas. Era vulg.

Destes lances saõ tantos na vida de D. Joaõ, que só elles podiaõ dar materia larga á Historia. Entre outros, naõ he para esquecer o do honrado velho Ruy de Sousa, pai do mesmo D. Joaõ, que pedia a El-Rei huma mercê com tanta impertinencia, que elle enfadado lhe disse se retirasse da sua presença. Sentido depois por haver desgostado o benemerito Fidalgo, foi a sua casa, e lhe ordenou mandasse fazer huma cama, que queria dormir a sésta. Chamou depois a D. Joaõ de Sousa, e presentes pai, e filho, lhe disse: Ruy de Sousa, eu vos escandalisei hoje, porque me fallastes como a Rei, e naõ como a homem: com tudo, como se eu fosse D. Joaõ vosso filho, vos peço, que me perdoeis, porque estou muito sentido do que vos disse. Os dous Fidalgos se lhe lançáraõ aos seus pés fallando-lhes as almas nas linguas; e vindo a Corte a buscar El-Rei, elle se

Era vulg. recolheo em público para o Paço com Ruy de Sousa á sua maõ direita, e D. Joaõ seu filho á esquerda. Outras destas acçõesinnumeraveis referem as nossas Chronicas, e ellas saõ os risos, os agrados, os pedaços de si mesmos, com que os Reis sem se dividirem, nem se defraudarem compraõ a bom mercado as joias inestimaveis dos corações dos vassallos.

Quiz D. Joaõ povoar a Ilha de S. Thomé, que déra de juro herdade a Alvaro de Caminha, Fidalgo da sua Casa. Para este fim se lembrou, de que os Judeos vindos de Castella, além de viverem sempre obstinados na sua cegueira, haviaõ faltado ao ajuste de sahirem do Reino no tempo, que lhes foi prescripto, e que por esta infracçaõ do contrato, todos eraõ seus escravos na fórma da mesma convençaõ. Valęo-se El-Rei deste fundamento para lhes mandar tirar os filhos, e enviallos áquella Ilha, aonde apartados de seus Pais, seriaõ bons Catholicos, e goza-

zariaõ as commodidades da terra como seus povoadores. Com estes successos damos por acabados os do anno de 1493., e no Livro seguinte continuaremos com os que nos faltaõ até ao fim da vida del Rei. Era vulg.

LIVRO XXXII.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Segue-ſe pela ordem dos tempos os mais ſucceſſos da vida del Rei D. Joaõ até ſe aggravar a ſua enfermidade.

Era vulg. 1494

A ILLUSTRISSIMA Rainha de Portugal D. Leonor, mulher del Rei D. Joaõ II., deixou entre nós memoria ſaudoſa pelas ſuas grandes virtudes, qualidades, e exercicios, que a faziaõ diſtinguir naquellas idades entre as altas peſſoas da ſua meſma qualidade, e caracter. Rainha, e Portugueza ſoube eſtimar a Naçaõ, e honrar a Patria. Ainda hoje ſe illuſtra ella com a inſtituiçaõ magnifica da Irmandade da Miſericordia, que muda o exercicio das ſuas ſete obras corporaes em cem boc-

cas

cas mais sonoras, que as da Fama para gritarem os elogios sublimes desta Princeza. A fundaçaõ do Convento exemplar da Madre de Deos de Lisboa he outro Padraõ immortal da sua memoria. O da Anunciada, o Hospital das Caldas, a Igreja Parrochial da Villa da Merciana, a Capella imperfeita da Batalha, as Merciarias de Santa Maria de Obidos, e as de Nossa Senhora da Graça de Torres Vedras saõ outros tantos Obeliscos, em que ella gravou o seu nome para toda a posteridade.

Voltava o Rei seu esposo de Santarém, aonde fora visitar a Excellente Senhora, e achou em Alcochete a noticia, de que ella estava com poucas esperanças de vida em Setuval. El-Rei sobprendido com esta nova infausta, quasi só se pôz a caminho, chegou alta noite a Setuval, e observou o perigo da Rainha maior, que o encarecimento do aviso. Ella se dispôz para morrer recebendo todos os Sacramentos com tanta piedade, praticando actos de virtude taõ heróicos, que pa-

Era vulg.

Era vulg. parecia naõ se dever desejar , que a mórte se differisse para outra conjuntura. Naõ estavaõ porém completos os termos da vida , que lhe foraõ prescriptos ; e o Rei , que inconsolavel a chorava sem ella , veio a morrer hum anno depois , a Rainha lhe sobreviveo trinta , sopportando continuada a mórte da saudade por tempo taõ longo. Seus irmãos o Duque de Béja , e a Duqueza de Bragança lhe fizéraõ companhia officiosa todo o espaço da doença , e na melhoría o Rei em Lisboa , e os Estados da mesma Senhora , em festas públicas , e brilhantes , fizéraõ manifesta a sua extrema complacencia.

Sempre vigilante nas vantagens do Estado , para evitar as grandes despezas , que se faziaõ nos navios grossos, que guardavaõ as cóstas dos Cossarios de Barbaria ; estando El-Rei em Setuval fez tantas experiencias , que conseguio ser o Inventor de plantar nas caravellas , e embarcações ligeiras bombardas , e artilharia grossa para tirar ao lume da água. Taõ singular foi este in-

invento; que os Portuguezes com as pequenas embarcações assim armadas, fizéraõ amainar náos de alto bordo, e ellas se retiravaõ do seu encontro. Em quanto o nosso segredo senaõ fez público para ser imitado, nós conservámos no mar a grande superioridade; em que depois nos igualáraõ as outras Nações. Tambem foi obra sua por este mesmo tempo a Torre de Cascaes, a primeira, que para defender o porto, guarneceo de artilharia; e porque a grande náo, em que eu já fallei, naõ a mandou fazer, tanto para navegar, quanto para ser hum baluarte plantado no meio do Téjo, que o defendesse; depois que vio a segurança da Torre de Cascaes, mandou fazer o Fórte de Caparica defronte de Belém, e tinha ideado levantar no meio do rio, e feito o risco para a Torre deste nome; obra, que lhe atalhou a mórte, e que veio a conseguir a actividade del Rei D. Manoel.

Era vulg.

Como a queixa, que mais, ou menos o molestava sempre, em Setuval se aggravava, por ser a terra humi-

Era vulg. mida ; depois de eſtar a Rainha convalecida, El-Rei foi com a Corte para Evora, aonde paſſou com alivio na hydropeſia, que ſe lhe principiava a deſcobrir. Aqui mandou elle a Alvaro Pacheco, e a Eſtevaõ Barradas, que foſſem por todo o Reino pagar até ao ultimo real a importancia da prata das Igrejas, e os dinheiros dos cofres dos Orfãos, que El-Rei ſeu pai tinha tirado por occaſiaõ da guerra de Caſtella : acçaõ digna de taõ grande Principe, igualmente juſta, e edificante. Seja que a equidade nelle foi de ſempre, ſeja que o temor da mórte viſinha atemoriſe aos Soberanos, que ſaõ homens, e tem Juiz, que os julgue, El-Rei informado de que as partes ſe ſentiaõ pela falta de deſpacho, que occaſionavaõ as ſuas queixas, elle deſtinou certo número de peſſoas habeis, que com aſſiſtencia dos Miniſtros de Eſtado, indefectivelmente deſpachaſſem todos os dias. Porque as aſſinaturas de tantos papeis, naõ ſó o mortificavaõ muito, mas cauſavaõ demoras aos intereſſados ; para evitar ambos

os

os inconvenientes, mandou fazer duas Chancellas com o seu signal, e na propria presença firmavaõ tudo duas pessoas da sua confiança: meios, que lhe evitáraõ os escrupulos.

Era vulg.

Nesta occasiaõ lhe trouxéraõ da Cósta da Mina grande cópia de ouro, que ordenou se pozesse em huma sala do Paço para a mostrar a algumas pessoas. Como a fome maldita deste metal dá tratos, faz violencias ao peito dos mortaes, Ruy de Sande, que vio tanto ouro, naõ pode conter-se sem dizer para outros: que bem passaria a vida quem fosse senhor deste ouro. El-Rei, que o ouvio, lhe respondeo prompto: eu vo-lo déra todo, senaõ fosse acçaõ, que já fez El-Rei D. Affonso de Napoles. O genio deste Principe, sempre activo em conservar o caracter da Magestade, succedendo ir a Viana, para onde tinha desterrado ao Bispo de Evora, neto do primeiro Duque de Bragança: elle que sahio a esperar El-Rei, e foi tratado com agrados excessivos, entendeo que na volta podia fazer o mesmo até Evora, e deixar-se ficar

sem

Era vulg. ſem pedir permiſſaõ. Ou foſſe porque El-Rei aſſim o entendeo, ou porque vio paſſar as cargas com os traſtes do Biſpo para Evora, o deixou ir na ſua companhia até quaſi aos muros da Cidade, aonde lhe diſſe: Biſpo, ſaõ horas de vós voltares para Viana. Aſſim o fez o deſconſolado Prelado, que levou toda a noite no caminho; mas paſſados poucos dias El-Rei o mandou chamar, e o tratou com muitas honras.

Com os Fidalgos, e poderoſos de Evora, que duvidavaõ vender o trigo a trinta réis o alqueire, que era o mais alto preço, a que tinha chegado, pelo eſperarem maior, uſou de outra ſeveridade jucunda, que os caſtigou ſem ſenſibilidade com dôr penetrante. Primeiro fez aviſar a todos quizeſſem vender o ſeu paõ a trinta réis. Naõ ſe moveo a eſta ordem mais que Manoel Mendes Ceciofo, que mandou logo quarenta moios para o terreiro, e aviſo a El-Rei, que ſe foſſe ſervido o vendería a vintem. No meſmo inſtante lhe foi remunerada a obediencia

com

com o presente de dous escravos. Depois ordenou, que em quanto elle estivesse em Evora, ninguem vendesse trigo sem ordem sua; porque de Castella mandou vir tanto, que se vendeo por preço baixo, e o que havia nos celeiros dos avarentos desobedientes se corrompeo, e o perdêraõ. Esta foi a dôr penetrante com castigo sem sensibilidade, que aquelle vicio causou aos espiritos, que para o nutrirem se desvelaõ por emmagrecer os Póvos.

Era vulga

Á maneira da luz, que quando quer espirar, mais se inflamma, El-Rei, proximo ao seu fim, em obras, e palavras se sublimava. Vastamente dilatadas as suas vistas sobre os augmentos da Religiaõ, e interesses do Estado, naõ querìa differir para mais tempo a empreza, que havia projetado de mandar huma armada a descobrir a India. Para confortar os espiritos em huma tentativa, que se concebia esforço superior á fortuna, á corage do homem, além da temeridade; foi nesta occasiaõ, que elle deo o nome de Cabo de Boa-Esperança ao das Tormentas, que elle

man-

Era vulg. mandára descobrir, para nos infundir a esperança, de que nós seriamos os primeiros, que do ultimo Occidente fossemos vêr o berço do Sol, o seu Oriente, o seu nascimento no hemisferio opposto: que fariamos soar o Nome do Senhor, como nos estava promettido, nas vastas Regiões da Asia: que no centro dos seus Reinos, e Imperios arvorariamos triunfantes os nossos Estandartes: que os nossos navios devaçariaõ todos os golfos, pórtos, recostos, enceadas, e rios dos seus mares incognitos.

Preparou-se a armada; offereceose para embarcar nella muita Nobreza; foi nomeado General Vasco da Gama, o mesmo que nesta conjuntura nas intenções do Rei D. Joaõ II., e depois escolhido por El-Rei D. Manoel, dous Soberanos illuminados o achéraõ benemerito para a expediçaõ, que até áquelle tempo viéra á idéa dos mortaes. A mórte pois, que os domina, e tudo atalha, cortou as del Rei D. Joaõ, que estava destinado para ter a glória, em nada inferior, de inventar

tar o projecto, que D. Manoel por eleiçaõ da Providencia tinha de conseguir. O mesmo General, que aquelle Principe elegêra, os mesmos navios, que esquipára, os mesmos regimentos, que compozéra, servíraõ depois aos destinos affortunados del Rei D. Manoel, ambos os Monarcas com a igualdade de glória, que naõ se disputa entre aquelles, que intentaõ as acçőes heróicas, que outros naõ presumíraõ, e os que conseguem as façanhas, que outros naõ lográraõ.

Era vulg.

Quando o Duque D. Manoel, éscolhido Operario para a sementeira copiosa do grande Pai de Familias no Mundo Universo, no seu Ducado de Béja levava huma vida menos inquieta, mais tranquilla que a da Corte, para se esconder á face dos seus inimigos, que lhes faziaõ officios desconfórmes á sua qualidade, e virtudes, já enfastiado de estar por tantas vezes exposto aos impulsos do ciume, e do furor; El-Rei em Evora occupava os intervallos da sua saude em fazer respeitada a Magestade. Por occa-

siaõ

Era vulg. ſiaõ das parcialidades, que entaõ ſe levantáraõ, eſpecialmente entre o Prior do Crato D. Diogo de Almeida, e D. Joaõ de Souſa, dous Fidalgos muito valentes, e bem aparentados, que houve receio ſe atacaſſem na meſma Caſa Real, ou no terreiro della: El-Rei criou o primeiro Meirinho do Paço com doze alabardeiros, que ſempre eſtavaõ á porta com ordem para matarem logo, ſem excepçaõ de peſſoa, a quem tiraſſe da eſpada dentro, ou á viſta da meſma porta: ordem, que baſtou para ceſſarem os bandos na Cidade.

Em huma das guerras de Maximiliano, Rei dos Romanos, pedio eſte Principe a Diogo Fernandes, Feitor em Flandres, lhe déſſe de empreſtimo trinta mil cruzados, que elle lhe promettia, que El-Rei de Portugal ſeu primo ſe moſtraſſe para com elle bem ſervido por lhe fazer eſte obſequio. Deo-lhe o Feitor o dinheiro; mas temeroſo da condiçaõ del Rei por exceder as ſuas ordens, lhe mandou huma narraçaõ fiel do que paſſára: conſeſ-

feſſou-ſe culpado, e ſe offereceo ao castigo, que merecia o ſeu exceſſo. El-Rei lhe reſpondeo, que elle ſerviço algum lhe podia fazer maior, que ſoccorrer a ſeu primo o Rei dos Romanos; que lho agradecia com a mercê de 400$000 réis, que lhe dava; e que ſe Maximiliano tornaſſe a pedir dinheiro, lhe entregaſſe todo o valor da Feitoria.

Era vulg.

Sempre judicioſo El-Rei, ao Conde de Borba D. Vaſco Coutinho, que naturalmente fallava muito alto, e quando ſe affectava, taõ baixo, que ſó elle ſe ouvia; ſervindo-ſe em hum Conſelho deſte ſegundo tom para dar o ſeu parecer prudente, lhe diſſe El-Rei: Conde, os voſſos baixos ſaõ taõ baixos, que ninguem os entende, e os voſſos altos taõ altos, que ninguem ſe entende com elles. Com eſtes apophthegmas de inſtrucçaõ corrigem os Principes defeitos ſem moleſtia, antes com eſtimulos da gratidaõ. Aſſim ſuccedeo ao Commendador Mór, que chamando na preſença do meſmo Rei Gonçalinho a Gonçallo da Fonſeca, que

Em vulg. era valente Cavalleiro de pequeno corpo, elle lhe voltou de repente: Se vós Commendador Mór vos tomares com elle, haveis encontrar hum Gonçalaõ. Ultimamente, quando El-Rei assim disfarçava a acerbidade da sua queixa, o Reino attento a ella, naõ cessava de encaminhar preces ao Ceo pela conservaçaõ de huma vida em si estimavel, á Religiaõ, e Estado taõ necessaria.

CAPITULO II.

Das ultimas acções del Rei D. Joaõ II. até ir para as Caldas de Monxique no Algarve, aonde se lhe engraveceo a queixa.

Como a condiçaõ de mortaes comprehende aos Vice-Deoses da terra, que saõ os Reis, e a continuaçaõ da molestia do de Portugal cada dia o approximava a pagar aquelle tributo da sua natureza; a Rainha attenta ao bem do Reino, e ao direito de seu irmaõ o Duque D. Manoel, lhe pareceo, que era

era tempo del Rei nomear fucceffor, e com efte defignio fez que o Duque vieffe á Corte. Em quanto a Rainha fe occupava neftas idéas juftas, e El-Rei fe divertia em enfeitar Evora com a renovaçaõ do Aqueducto das Aguas da Prata, e outras obras de utilidade, e formofura para huma Cidade, que entaõ fe compunha de mais de quatro mil, e quinhentos vifinhos; atacou-a a pefte, que andava faltando pelos lugares do Reino.

Em vulg.

Em dous negocios grandes fe occupava El-Rei antes de fobrevir a Evora efta calamidade, que fe acompanhou da fome, ambos os inimigos inexoraveis, que leváraõ muitas vidas. O primeiro eraõ as pretençóes dos Reis de Hefpanha, que por Emiffarios occultos faziaõ as inftancias mais vivas na noffa Corte, para que El-Rei entraffe na Liga, que elles determinavaõ ajuftar com todos os Principes Catholicos contra Carlos VIII. Rei de França. D. Joaõ, que confervava com efte Principe amizade fiel, e antiga, mandou por Eftevaõ Vaz efcufar-fe

Era vulg. desta demanda; mas por huns modos taõ vagos, e incertos, que nem lhe empenhasse a palavra, nem os Reis perdessem as esperanças.

Ao segundo negocio deo occasiaõ a esterilidade do Alem-Téjo, que fez saber a El-Rei, como a falta de Lavradores era a causa de senaõ cultivarem as terras: que os poucos existentes, em lugar de tirarem fructo do seu trabalho, estavaõ reduzidos a huma pobreza summa: que á sua miseria contribuia menos a falta de grãos, que as sommas exorbitantes de tributos com que os carregavaõ: que todo Portugal era interessado na conservaçaõ, multiplicaçaõ, e isenções de huns homens, que alimentavaõ a Patria, augmentavaõ o valor das terras, faziaõ aos Fidalgos ricos, ao Estado florecente: que era do Real dever avançar a Agricultura, aliviar de tributos, conceder graças aos Lavradores, como meios de se augmentar o número, e as diligencias nestes operarios indispensaveis, que alguns dos Reis seus predecessores chamáraõ os *Nervos da*

Re-

República. Quando ſe tratavaõ eſtas duas materias ponderoſas, entrou em Evora a péſte, que obrigou El-Rei a ſahir para a Villa das Alcaçovas.

Era vulg. 1495

Neſta jornada o acompanháraõ a Rainha, o Duque de Béja, e ſeu filho D. Jorge; mas a renovaçaõ da moleſtia com maior força, fez inuteis todas as precauções. Naõ impedíraõ eſtes deſgoſtos pezadiſſimos nas Alcaçovas entre El-Rei, e a Rainha, teimoſa eſta Senhora em naõ querer vér, nem dar a maõ a beijar a D. Jorge, ainda que para iſſo a inſtavaõ com vivas perſuações ſeus irmãos o Duque de Béja, e a Duqueza de Bragança. Tratava-ſe por ultimo remedio de applicar a El-Rei as Caldas, e duvidava-ſe ſe haviaõ ſer as de Monchique, ou as de Obidos, quando Ruy de Souſa o mandou aviſar, que D. Affonſo da Silva, irmaõ do Conde de Cifuentes, com o caracter de Embaixador dos Reis Catholicos hia em marcha a pedir-lhe audiencia. Veio eſta Embaixada a tempo, que o Rei de Heſpanha tinha mandado desfilar para a fron-

tei-

Era vulg. teira quantidade de trópas com ordem, em sendo tempo, de entrarem em Portugal, e que á força de armas sustentassem o partido do Duque D. Manoel na successaõ do Reino contra o de quaesquer outros concurrentes.

O Embaixador affectou encontrarse com El-Rei no caminho, quando se recolhia a cavallo de Viana para as Alcaçovas. El-Rei esforçou-se para mostrar ao Embaixador, que naõ temia ameaças; e passados os primeiros cumprimentos, botou o cavallo adiante com destreza, moveo quatro vezes o braço direito com agilidade, e voltando-se para o Embaixador, lhe disse alto: D. Affonso, este braço ainda está capaz de dar humas poucas de batalhas: e suspendendo hum pouco a voz, continuou; *contra os Mouros*. O Embaixador respondeo com promptidaõ Hespanhola: El-Rei meu Amo o que deseja he saber boas novas de Vossa Alteza, e estima, que a sua saude esteja mais vigorosa do que lhe haviaõ dito.

Na audiencia, que este Ministro te-

teve del Rei nas Alcaçovas, lhe propôz da parte do Rei seu Amo: Que elle o convidava para entrar na Liga, em que já lhe mandára fallar, reparando nos interesses avultados, que lhe resultariaõ, por se involver nella naõ menos, que a importancia da paz geral: que os Paizes de Italia se choravaõ opprimidos de huma desolaçaõ extrema, impossivel de naõ mover toda a Christandade para deter o curso da perseguiçaõ, que naõ distinguia o sagrado do profano, o culpado do innocente: que o caracter veneravel do Papa naõ era attendido, a sua pessoa Sagrada andava profuga, para se retirar ás indignidades, que lhe fulminava huma cólera indistincta: que o Patrimonio de S. Pedro ella o levava em preza nas invasões, nos roubos, nos insultos, que naõ se faziaõ toleraveis aos Principes, que estimavaõ a Devisa de Catholicos: que todos esperavaõ vêr o partido, que elle tomava, para escolherem o que haviaõ seguir, sendo tal a sua reputaçaõ, que assim tinha suspensos aos maiores Monarcas, co-

mo

Era vulg.

Era vulg. mo Expectadores das resoluções da sua sabedoria, da sua prudencia, do seu valor para lhes servir de exemplo.

Reforçou o Embaixador os seus officios com quanto elle soube inventar de energico, de fórte, respeitoso, e de tocante; concluindo quanto se faría sensivel ao Papa, aos Venezianos, ao Rei dos Romanos, ao Duque de Milaõ, aos Estados de Florença, e aos Reis Catholicos seus Amos, que em attençaõ ao Reino de Napoles tinhaõ tanto interesse neste negocio, se elle recusasse, ou differisse por mais tempo entrar na Liga, de que dependia o socego da Europa. Em todo o discurso da sua Oraçaõ o Embaixador naõ fallou huma só palavra, naõ nomeou o Rei de França, nem declarou expressamente a El-Rei, que na Liga tomasse este, ou aquelle partido; sempre neutral nestes dous objectos, que faziaõ toda a alma da negociaçaõ. El-Rei, que o ouvira atento, e penetrára subtil, naõ lhe demorou a resposta, em que lhe fez vêr com a claridade da sua illuminaçaõ inimitavel;

Co-

Como elle naõ ignorava as invasões do Rei Carlos de França em Napoles; a sua ida a Roma com o pretexto de reformar a Igreja, de depôr o Papa Alexandre, de fazer, que se procedesse a eleiçaõ de novo Pontifice: como naõ ignorava os segredos mais reservados, que se tratáraõ na Liga; mas que discorrendo nella com a circunspecçaõ, que requeriaõ materias de tanto pezo, achava ser huma injustiça da sua parte encostar-se elle a alguma dos Principes contratantes: porque, quando reparava, que a Liga havia ser contra alguns delles, se olhava para os Reis Catholicos, os via seus parentes, sogros de seu filho, sempre seus amigos desde o tempo, que elle era Rei: se reparava no dos Romanos, encontrava-se com hum Primo Irmaõ, que nunca lhe faltára ao obsequio: se attendia ao de França, elle era hum amigo, e alliado antigo das idades dos seus predecessores atégora: se punha os olhos em Veneza, Milaõ, e Toscana, descobria tres Estados, que já mais o offendêraõ; que

Era vulg.

com

Era vulg. com o seu nunca rompêraõ o trato, e que sería huma iniquidade declararlhes a guerra.

Que em quanto ao Papa, ainda que soubesse que a sua ambiçaõ manifesta lhe acarretára as desgraças, que padecia; que os seus inimigos naõ lhe faltavaõ ao respeito da Dignidade, mas da pessoa; que naõ obstante lhe ser taõ pouco obrigado, como o mundo sabia na recusaçaõ das graças, que lhe demandára, algumas dellas justas, naõ lhe convinha encarregar-se de o defender, nem de offendello: defendello naõ, pelas poucas obrigações, que lhe devia: offendello ainda menos, porque era Vigario de Jesus Christo, e Successor de S. Pedro: que nestes termos, sería mais conveniente conservar-se neutral para algum dia servir de Medianeiro; e que além disso as suas molestias contínuas naõ lhe permittiaõ lugar para negocios estranhos, quando ellas, e os do Reino mal lhe davaõ tempo para exercitar os deveres da pessoa, e as obrigações de Pai, Defensor, e Soberano dos seus Póvos.

As

As instrucções do Ministro, que mais particularmente se encaminhavaõ a mandallo observar os movimentos, que causava a molestia del Rei, e entreter, sem elle o penetrar, as pessoas, que o podessem instruir das suas intenções: ouvida ao Principe huma resposta taõ precisa, que naõ tinha mais réplica, que a sua prompta retirada, El-Rei esperou lhe pedisse audiencia de despedida. Elle succedeo tanto pelo contrario, que o Embaixador lhe fez saber, como elle trazia ordens de seu Amo para ficar em Portugal residindo com o caracter de Ministro ordinario. Naõ esperava El-Rei por tamanho obsequio de Castella com as suas trópas ameaçando Portugal na fronteira; mas devendo condescender, e naõ ignorando, que os designios daquelle Principe eraõ informar-se por este meio de quanto se passava na Corte: mandou, que o Embaixador se retirasse para Estremoz em quanto elle hia ás Caldas do Algarve, e naquella Villa o teve rodeado de Fidalgos, e Cavalleiros da sua confiança, com tanta

Era vulg.

ta

Era vulg. ta vigilancia fobre elle, que naõ efcrevia carta a feu Amo, que elles naõ tomaffem, e a remeteffem a El-Rei.

Nada mais efperava elle para fe refolver a tomar o remedio das Caldas, que a vinda de vários hydropicos, que mandára ás do Algarve, e ás da Rainha para fe obfervar quaes produziaõ melhores effeitos naquella qualidade de queixa. Succedeo chegar das do Algarve perfeitamente faõ hum moço do Doutor Pedro Dias, e logo fe determinou a jornada para Monchique em tempo taõ incompetente, que eraõ os primeiros dias de Outubro, quando já principiaõ a esfriar as aguas. Unicamente o Meftre Leaõ, Medico Judeo, impugnou a refoluçaõ, e naõ quiz acompanhar a El-Rei, a quem dizia, que fe matava. Como os mais Fyficos o contradifféraõ, e a jornada ficou determinada, partio adiante Joaõ Fogaça para prevenir o que era neceffario nos tranfitos até Monchique, e ter preparado o cómmodo nas Caldas.

Tratar os negocios da alma, e fazer

zer o ſeu Teſtamento para nomear Succeſſor á Coroa, foraõ as primeiras providencias, de que El-Rei ſe ſervio antes de partir, como Catholico, e illuſtrado. Para os actos de Religiaõ chamou ao ſeu Confeſſor Fr. Joaõ da Povoa, Religioſo Franciſcano, ſabio, e de vida ſanta, Piloto déſtro para o governar na viagem da Eternidade. Com elle ſe confeſſou larga, terna, e miudamente, e da ſua maõ recebeo o Sacramento, que ſendo o Paõ pingue, que dá delicias aos Reis, elle lhe ſervio de conforto para reſiſtir aos ataques da natureza no ponto, que tinha de formar toda a eſſencia do ſeu Teſtamento. El-Rei principiava a fazello na ſua ante-camara, quando o Duque de Béja D. Manoel chegava á porta, aonde eſtava o moço da Camara Garcia de Reſende, depois Chroniſta do meſmo Rei, que lhe perguntou ſe queria, que levaſſe recado. O Duque informado do que El-Rei fazia, naõ o conſentio, e ſe aſſentou a fallar com Ayres da Silva, e com Antaõ de Faria. Eſta acçaõ de hum Principe em de-

Era vulg.

Era vulg. desagrado, de hum herdeiro por força, que naõ he vulgar encontrar-se e pessoas com estas duas qualidades, ta cheia de modestia, e sobmissaõ, m receo a approvaçaõ del Rei, e bei podería ser hum dos auxilios, que acabou de mover ao que devêra.

Approvado o Testamento, El-Rei o fez assignar por sete testemunhas sendo as primeiras o mesmo Duque D. Manoel, e o senhor D. Jorge. Immediatamente se espalhou a voz, de que El-Rei deixára nelle em branco o lugar, aonde se havia escrever o nome do Successor do Reino. Affirmava-se que a Antaõ de Faría se déra orden para lançar nelle o de D. Jorge, que quería El-Rei preferisse ao Duque por ser seu filho. Assegura porém hum dos nossos Authores de maior consideraçaõ entre nós, que Antaõ de Faría, vassallo mais fiel, que Aulico lisongeiro, tivéra a ousadia de resistir a esta ordem: que representou com firmeza ao Rei a injustiça enorme, que se fazia; a mancha inapagavel, que deitava á sua memoria; os perigos eviden-tes

tes a que deixava o Reino exposto, se elle nomeava Successor a D. Jorge: que se lembrasse, como este Principe depois da sua mórte ficava sem amigos, sem forças, sem alliados, sem columna a que encostasse as suas pretenções: que pelo contrario ao Duque seu concurrente tudo sobrava; columna a successaõ de herdeiro legitimo, e a Rainha reinante; alliados todos os Principes da Europa seus parentes, e os de Castella seus officiosos; forças as de todo Portugal, Hespanha, e as mais que elle pedisse; amigos quantos Portuguezes, e Estrangeiros havia instruidos nas qualidades amaveis de D. Manoel.

Era vulg.

Nunca Antaõ de Faria deo a conhecer a El-Rei como agora o fundo dos seus talentos, e sinceridade. Elle se mostrou hum Fidalgo inteiramente despido das paixões de homem no ponto politico, em que descobrio, que outro algum sentimento o occupava além da glória do seu Principe, e do repouso da sua Patria. Mettido debaixo dos pés o interesse proprio, despre-

za-

Era vulg. zado o amor da vida, elle quiz antes por hum impeto de generosidade sacrificar quanto ha no mundo de amavel, que deixar de pôr na face do Rei huma verdade ingenua, que nada podia contrastar na opposiçaõ ás mesmas inclinações Reaes. Fosse muito embora interessante a Antaõ de Faria, que D. Jorge reinasse para ter hum Escudo, que o cobrisse aos golpes do resentimento de D. Manoel, pelo concurso que elle déra para a mórte de seu irmaõ o Duque de Viseo: que elle preferio a tudo a reputaçaõ, a justiça do Principe, o socego, a vantagem do Reino.

Hum Principe taõ cheio de equidade como D. Joaõ II. naõ podia deixar de se penetrar da demonstraçaõ, que acabava de ouvir. Lutando no seu interior a razaõ, e a natureza, com o semblante inalteravel disse a Antaõ de Faría, que quería repousar hum pouco. Só, e em silencio, elevando-se a alma a si sobre si, com tanto mais de sublimidade, quanto mais a profundava o pezo das razões, que acabá-

bára de ouvir; de hum golpe corta El-Rei os nós, que apertaõ a todos os homens, e já naõ duvida encher o vaçuo, que deixou no Testamento com o nome de D. Manoel, que elle naõ podia dispensar de ser seu Successor. Este triunfo de si mesmo, naõ só desterrou do espirito del Rei todos os remorsos, mas lhe encheo a alma daquellas complacencias, que ella naõ póde esconder quando se vê solta das ligaduras da injustiça.

Em vulg.

CAPITULO III.

De como El-Rei partio para as Caldas de Monchique no Algarve, e do que lhe succedeo ate á sua morte.

BEM ajustadas por El-Rei as contas nos negocios da alma, e do Reino, ordenando que a Rainha, e o Duque partissem para Setuval, donde haviaõ ir para Santarém; elle com seu filho D. Jorge, nos primeiros dias de Outubro se pôz em marcha para o Algarve. Sahio das Alcaçovas, e fez o tran-

Era vulg. sito pelas Villas de Ferreira, Messejana, Santa Clara, donde entrou na serrania intractavel, que vai a Monchique. Com o movimento da jornada sentio El-Rei algum allivio; mas neste lugar principiou a incommodallo o frio da Estaçaõ já avançada, incompetente para o remedio. Os Medicos o aconselhavaõ, que senaõ mettesse nos banhos em tempo taõ improprio; mas elle, que se sentia vigoroso, se resolveo a experimentar os primeiros com effeito taõ prompto, que entendeo estar convalecido. Desejoso do movimento, perguntou aos Medicos se poderia divertir-se na caça. Estes homens condescendentes, ou na verdade ignorantes dos perigos da agitaçaõ no uso de semelhante remedio, naõ quizéraõ cortar-lhe o gosto, conviéraõ, e o matáraõ. Sciencia feliz, que dá poderes de morte sobre os que saõ senhores das vidas!

Immediatamente ella consentio no abuso do allivio, El-Rei se achou taõ mal, que se recolheo do campo com huma dôr activa, e o ventre taõ lasso,

que

que lhe originou a mórte. Em flôr se murchárao as esperanças, mudou-se em afflicçaõ o gosto da melhoria, e o Principe incapaz de residir mais tempo naquella solidaõ indigesta, e melancolica, se retirou para o Castello da Villa de Alvor, aonde chegou com trabalho, e se aquartelou nas casas de Alvaro de Attaide. Como a estreiteza do Castello, e da Villa naõ dava lugar para o cómmodo da Corte, D. Jorge foi com muitos Fidalgos para Villa Nova de Portimaõ, aonde o hóspedou D. Martinho de Castello-Branco, que depois foi seu Conde. El-Rei tambem quiz esta separaçaõ para poder estar só com o Duque de Béja, ao qual escreveo logo duas vezes avisando-o do seu perigo, e dando-lhe ordem para vir de Setuval a Alvor.

Era vulg.

Este Principe ainda naõ estava bem instruido das verdadeiras intenções del Rei para com elle, e entendeo devia differir a sua partida naõ obstante a precisaõ das ordens. Duas paixões occupáraõ o espirito do Duque á vista

Era vulg. deſtes aviſos; huma de politica, que lhe perſuadia que o fim de ſer chamado a Alvor, era para o apartarem das viſinhanças de Lisboa; que valia tanto como arrancallo dos braços dos ſeus amigos: outra de temor da cólera, do ciume do Rei, que intentaría fazello victima do amor do filho, como tropeço, que lhe impedia a ſobida ao Throno. Enganáraõ ao Duque as ſuas idéas; porque El-Rei no eſtado deploravel, em que ſe achava, quería communicar-lhe em peſſoa, com a voz ainda viva, a eleiçaõ, que fizéra delle para ſeu ſucceſſor: queria dar-lhe huma inſtrucçaõ completa dos ſegredos, que até entaõ no ſeu peito reſervava como myſterios: quería dar-lhe huma noçaõ perfeita dos negocios públicos, e particulares do Eſtado: quería, já que a mórte o levava ſem ter no mundo pai, nem mãi, filho, nem filha, irmaõ, nem irmã, como o lamentava o ſeu Chroniſta Garcia de Reſende, ter a conſolaçaõ em tanto deſamparo de vêr o ſucceſſor, que deixava á ſua herança: quería, em fim,

fim, recommendar-lhe a ſeu filho D. Jorge; porque era Pai.

Era vulg.

Como o perigo ſe avançava, e El-Rei eſtava impaciente por vêr o Duque, a toda a diligencia foi terceiro aviſo por Antonio de Miranda, immediatamente ſeguido de D. Martinho de Noronha. Veio o Duque até ao lugar de Colos, aonde os ſeus politicos lhe aconſelháraõ naõ paſſaſſe adiante; mas para ſalvar a obediencia como na ordem ſe dizia, que tambem vieſſe a Rainha, o pretexto de a conduzir foi o que tomou o Duque para retroceder. Voltou elle para Alcacere, mandando antes por Fernaõ Martins Maſcarenhas dizer a El-Rei, que elle hia chamado da Rainha para a acompanhar na jornada, que ſem demora queria fazer a Alvor. A queixa a cada momento hia de mal em peior, e tanto, que El-Rei eſteve muitas horas ſem acordo, de que naſceo chegar a Liſboa a voz de morto. Entaõ ſuccedeo na fiel aſſiſtencia, que lhe fizéraõ Ayres da Silva, e o Prior do Crato, puchar-lhe eſte pelas barbas para

Era vulg. o despertar. Abrio El-Rei os olhos, e lhe disse com voz languida: Essa maõ, Prior, sería mais honesta, se em lugar das barbas, me pegasse nos pés. Espirito sublime, que até na hora das humiliaçóes do corpo, naõ pode soffrer a menos decencia ao docoro da Magestade.

Até ao dia 22 de Outubro esteve El-Rei neste perigo, que deo occasiaõ a mandar-se hum barco a Lisboa para trazer os apreſtos do funeral. Com a sua chegada as gentes, querendo encher os deveres das pessoas, ou lançar as linhas á fortuna, rodeáraõ obsequiosas ao Duque D. Manoel, pondo já os olhos, como servos, nas mãos do seu Senhor. No dia 23 amanheceo o Rei com tanta melhora, que desmentia os insultos antecedentes, e foi tanto o gosto nos Póvos, que vinhaõ de tropel indicando o seu alvoroço. Ordenou elle, que a ninguem se fechassem as portas, por ter alivio em vêr a todos, e que todos o vissem a elle. Voou pelo Reino este segundo rumor, que chegou á Rainha confirmado por huma

ma carta aſſignada pela propria maõ Era vulg.
del Rei. Os partidarios do Duque, antes alvoroçados, ſentíraõ menos de prazer, que o commum dos Póvos, que em votos clamoroſos ao Ceo faziaõ evidentes os exceſſos da alegria. Nas Cidades, e Villas creſcia ella ao paſſo, em que ſucceſſivamente hiaõ recebendo as cartas, que El-Rei mandára eſcrever a todas com a individuaçaõ do accidente paſſado, e noticia da melhora repentina, porque deviaõ dar a Deos as graças.

Outros eraõ os Decretos Divinos, bem oppoſtos ás noſſas eſperanças. Dous dias durou o allivio apparente, que degenerou em ſimptomas mortaes irremediaveis. Tinha El-Rei deſpedido a ſeu filho D. Jorge, que o viéra viſitar de Villa Nova, quando hum ataque repentino mudou a conſolaçaõ do dia em huma noite de amargura. No Sabbado amanheceo com tanta proſtraçaõ, que ordenou aos Medicos lhe diſſeſſem ſem interlocuções, nem rebuço o eſtado da ſua vida, naõ ſendo a Eternidade negocio, que ſe trataſſe

com

Era vulg. com politicas. Fizéraõ elles Junta, em que déraõ ſentença de morte, participada a D. Diogo Ortiz, Biſpo de Tangere, e ao Prior do Crato para a intimarem a El-Rei. Elles o fizéraõ penetrados de dôr, e o perſuadíraõ a que em nada mais ſe occupaſſe, que nos preparos para a ultima jornada indiſpenſavel a todos os homens. Ainda que a voz morrer aos mais intrepidos atemoriſa, El-Rei a ouvio com tanta tranquillidade de animo, quanta ſeria a da ſua conſciencia, unico conforto, que deſpreza o fantaſma myrrhado, de que a noſſa natureza ſe eſpanta.

Depois que o Principe fez aos preſentes huma falla edificante propria do tempo, em que a alma illuſtrada conhece, e atropella os enganos do mundo, para todos vaidade, e para os Grandes vaidade de vaidades, tudo vaidade: Elle mandou, que na caſa naõ houveſſe mais ornato, que o de hum Altar com o Sagrado Traſumpto de Jeſus Chriſto crucificado para recordar nos Myſterios da Paixaõ as li-

çóes,

ções, que déra toda a vida, e que nas occasiões mais criticas lhe reguláraõ os transportes de genio altivo, e colérico. Ordenou lhe pozessem a cama em terra para imitar os desprezos, que o Exemplar Divino padecêra na mórte; e chamando ao Camareiro Mór Ayres da Silva, o fez escrever, e lhe ditou hum Codicilio, que assignou depois de lido. Nelle nomeou, e reconheceo de novo ao Duque de Béja por successor da Coroa, e criou Duque de Coimbra a seu filho D. Jorge; recommendando-lhe cumprisse os seus deveres para com D. Manoel, e lhe beijasse a maõ como a seu Rei, e Senhor.

Era vulg.

Tambem differio ao requerimento de Ayres da Silva, convindo que elle, e seu cunhado D. Alvaro de Castro, Veador da Fazenda, fossem ambos levar o Codicilio ao Duque, que estava em Alcarece, para onde partíraõ effectivamente. O Prior de Lagos trouxe os Oleos Santos, com que o ungio na presença dos Bispos, e Capellães; enchendo a todos de edificaçaõ os ac-

tos

Era vulg. tos pios, e fervorosos, que elle praticou na recepçaõ deste auxilio extremo da fragilidade do homem. Já sem a perturbaçaõ das assistencias officiosas, e lisongeiras, El-Rei todo com Deos, e só comsigo, entendeo que devia pedir perdaõ por escrito dos aggravos passados á Rainha, irmã do Duque de Viseo, a sua sogra a Infante D. Brites, mãi do mesmo Duque, e ao Cardeal da Cósta, recompensando a todos tres com palavras de dôr, e humildade as afflicções, que lhe causára com a cólera, e terror. Nestas cartas sentia a tempo o desengano, que pelo desprezo dos seus conselhos, se houvesse transtornado a ordem da justiça; que as suspeitas mal provadas houvessem sido origem de vinganças; que o amor desordenado de reinar naõ se embaraçasse nas considerações da amargura indeffectivel, que havia vir a causar-lhe a effusaõ do Sangue Real, e justo.

Em quanto se passavaõ em Alvor as cousas, que tenho referido, e que naõ se ignoravaõ em Castella, os Reis Ca-

Catholicos mandáraõ ordens apertadas aos Duques de Alva, e Medina Sidonia, que estavaõ na fronteira, para que ao primeiro aviso do Duque de Béja D. Manoel entrassem por Portugal com o maior número de trópas, que lhes fosse possivel; que marchassem a offerecer-lhas, aonde elle estivesse; que levassem á espada todas as outras pretenções á Coroa, que naõ fossem as suas; que naõ a embainhassem, nem retrocedessem em quanto naõ o deixassem pacifico assentado no Throno dos seus Maiores. Os dous Chéfes se fizéraõ prestes para a execuçaõ destas ordens, que saõ huma próva da equidade, e affecto dos seus Soberanos; mas as suas armas naõ foraõ necessarias mais que por huma prevençaõ prudente dos mesmos Principes, que naõ podéraõ conter-se nos louvores del Rei D. Joaõ, quando soubéraõ, que a sua justiça, atropelando os impulsos da natureza, déra na Coroa de Portugal a D. Manoel o seu a seu dono.

Era vulg.

Muitos casos exemplares, dignos de

Era vulg. de ser lembrados, e exercitados por El-Rei nas ultimas horas da vida, naõ devo eu deixar em silencio. Dando-lhe a assignar hum padraõ de certa renda, que deixava a D. Anna de Mendoça, mãi de seu filho D. Jorge, lhe cahio da maõ a penna, e se lhe soltáraõ as lágrimas. Quizéraõ consolallo os assistentes, mas elle lhes respondeo: Deixai, que chore o bicho com a lembrança dos erros, a que naõ resistio covarde. Ao Bispo do Algarve D. Joaõ Camello, que vivia com mais liberdade, da que ao seu estado era permittido, reprehendeo deste modo: Bispo, eu me aparto mui descontente de vós; peço-vos por amor de mim, que daqui em diante vivais como Deos quer. A Francisco da Cunha, que lhe pedio huma mercê pelas Chagas de Jesus Christo defferio logo, e entaõ declarou que em toda a sua vida nada negára do que por intercessaõ taõ efficaz se lhe pedíra. A D. Martinho de Castello-Branco, que queria passasse o Senhorio de Villa Nova a seu filho, disse: Eu estou já tal, que se agora vos

fi-

fizesse essa graça me parece que dava o alheio; mas vós sois tal, que quem se me seguir, nada vos negará. Com estes, e outros actos sublimes esperava a morte impavido o coraçaõ, que sabia concordar o generoso com o pio.

Era vulg.

CAPITULO IV.

Da morte del Rei, pessoas que assistiraõ a ella, e o que succedeo depois.

SENTINDO El-Rei, que a hora do seu transito vinha chegando, mandou que lhe retirassem da Camara a seu filho D. Jorge, que logo depois de morto se abrisse o seu testamento para verem o que nelle determinava, que o lugar do seu enterro, que dispunha na Igreja de Lagos, aonde fora sepultado seu tio o Infante D. Henrique, queria fosse a Sé de Silves, donde depois se trasladassem os seus ossos para o Mosteiro da Batalha; e tendo ordenado estas cousas lhe sobreveio huma convulsaõ taõ violenta, que perdeo os sentidos, e a falla, esteve largo tempo sem

Era vulg. sem signais de vivo, já julgado por morto. O Bispo de Tangere, que o havia exortado, fez acçaõ de lhe fechar os olhos; mas El-Rei alguma cousa recobrado, lhe disse: Ainda naõ he tempo, daqui a duas horas acabarei. Os Prelados assistentes continuáraõ nellas as preces, e Ladainhas, a que elle respondia com presença admiravel de espirito. Finalmente, repetindo as palavras, Cordeiro de Deos, que tiras os peccados do mundo, compadece-te de mim, exalou a alma ao pôr do Sol do dia 25 de Outubro do anno de 1495, aos quarenta annos, e seis mezes de sua idade, e de reinado quatorze annos e meio.

Assistíraõ á morte del Rei na sua Camara D. Jorge de Almeida, Bispo de Coimbra, com a Santa Cruz na maõ: D. Diogo Ortiz, Bispo de Tangere, com a Imagem do Senhor Crucificado: D. Joaõ Camello, Bispo do Algarve, com a Agua Benta: D. Joaõ de Vasconcellos, Conde de Penela, sustentando-lhe a vella na maõ: Diogo Fernandes Cabral; o Prior do Crato; Fer-

Fernaõ Martins Mafcarenhas; D. Francifco de Eça, e Affonfo Fernandes Montarroyo, Antaõ de Figueiredo, e Garcia de Refende feus Moços dá mefma Camara. No quarto immediato eftavaõ Ayres da Silva, D. Martinho de Caftello-Branco, D. Joaõ de Soufa, D. Alvaro de Caftro, D. Diogo Lobo, Lopo da Cunha, D. Pedro de Caftro, D. Henrique de Soufa, o Veador Joaõ Fogaça, Alvaro de Attaide, Nuno Fernandes de Attaide, Affonfo de Albuquerque, Diogo Lopes de Siqueira, D. Duarte de Menezes, Pedro Correa, Ayres Telles, Antonio de Mendoça, Fernaõ de Albuquerque, Pedro de Mello, Joaõ Freire, D. Martinho de Noronha, D. Manoel de Menezes, Antonio de Miranda, Affonfo Henriques, Vafco de Frois, Ruy de Pina, e os Fyficos Rodrigo, Lucena, e Jozé.

Era vulg.

Poz El-Rei termo á fua vida com todos os actos de perfeito Catholico, que o Ceo quiz confirmar com fignaes para milagres, opportunos; para accidentes, raros. De todas as partes con-

cor-

Era vulg. corriaõ dando ais de afflictas muitas gentes, que naõ admittiaõ consolaçaõ, em quanto Ruy de Pina naõ leo em alta voz no Testamento o nome de D. Manoel, que elle declarava seu Successor. Nelle lhe encommendava com as expressões significantes de amor a seu filho D. Jorge, que o criava Duque de Coimbra, Senhor de Monte-Mór o Velho, e das mais terras, que foraõ de seu Avô o Infante D. Pedro. Pedia, que lhe conservasse os mais bens, em que entravaõ o Senhorio da Ilha da Madeira, e o Mestrado da Ordem de Christo: cousas tantas, e taõ avultadas, que D. Manoel naõ teve depois por conveniente ao Reino conceder-lhe todas. Lido o Testamento, os do Conselho, e Fidalgos reconhecêraõ ao Duque de Béja por seu Rei, como a tal lhe escrevêraõ, e por tres dos Conselheiros lhe enviáraõ o mesmo Testamento.

O cadaver, depois de estar algumas horas exposto, foi levado á *Sé* de Sylves, seguido de todos os Fidalgos, e da maior parte dos moradores dos Póvos

vos comarcãos. Depois dos Officios da sepultura, voltáraõ todos para Villa Nova a consolar a D. Jorge na sua grande perda, e a preparar-se para o acompanharem á Corte. O Prior do Crato, e o Bispo de Tangere se resolvêraõ a abrir hum cofre, que El-Rei sempre reservára só para elle, e bem longe do exame, que hiaõ fazer, elles se encontráraõ com hum cilicio, e disciplinas salpicadas do Real Sangue deste Principe; instrumentos, que mostravaõ em si mesmos, como o eraõ do castigo, que El-Rei dava com elles aos impulsos da vingança, e da cólera, que o atacavaõ. Entre estes flagellos da penitencia acháraõ tambem huma instrucçaõ politica escrita da sua propria maõ para El-Rei D. Manoel, que no corpo della naõ era nomeado, mas na capa, que a cobriá, donde se inferio a incerteza, em que andou de nomear successor.

Era vulg.

Destas Memorias illustres se affirma, que o Imperador Carlos V. encontrando nellas máximas com tanto de grandeza, como de piedade, as

Era vulg. transmettíra a seu filho Filippe II. com recommendaçaõ particular de as observar, quando fosse Rei. Ellas seriaõ hum retrato da grande alma de hum Principe como D. Joaõ II. que nelle naõ torceria huma só das linhas, que debuxáraõ o seu caracter especioso: taõ sublime, que a Rainha Catholica D. Isabel, outro espirito magnanimo superior ao seu sexo, quando soube do seu fallecimento, exclamou: *o homem he morto*: como se dissera, que só D. Joaõ entre os Soberanos era o que fazia honra ao homem. A toda a Europa se fez sensivel a falta de hum Rei taõ grande. Portugal se cobrio de luto o mais rigoroso, e prohibio com severidade, que em seis mezes ninguem cortasse os cabellos da barba, e da cabeça. Descobre a morte as qualidades dos homens, e na do seu Monarca soubéraõ os nossos passados, que elles perdêraõ hum Pai, hum Rei, hum Defensor, huma Columna da Patria.

Morreo o homem, que governava a todos, e ninguem o mandava a elle.

Mor-

Morreo o melhor Rei do mundo, filho do melhor homem, que o mundo teve. Dous elogios saõ estes, que se fizéraõ a El-Rei D. Joaõ depois da sua mórte, com tanto de verdadeiros, quanto os seus authores tinhaõ de pouco interessados, e nada dependentes. Rei sem defeito lhe chamáraõ outros, e assim sería se se moderasse nas paixões contra os Duques de Bragança, e de Viseo. O seu amor pelos vassallos elle o descobrio no corpo da sua Devisa, que era hum Pelicano rompendo o peito com o bico para alimentar os filhos, e a letra *Pro lege, & grege.* A sua caridade ardente o fez acabar bem, e merecer o nome de Santo, que Deos quiz confirmar com milagres, de que foi primeiro promulgador o Bispo de Tangere D. Diogo Ortiz no Sermaõ, que depois prégou em humas das suas exequias, em que o persuadio Principe canonisavel. Naõ he menor próva da sua virtude a incorrupçaõ do corpo atégora, e com assombro, quando depois de quatro annos de sepultado, as taboas do ataude, e roupas se achá-

Era vulg.

Era vulg. raõ queimadas da cal, de que o enchèraõ, e o corpo como de vivo, intacto, flexivel, com huma fragrancia suave.

O Duque D. Jorge, o Prior do Crato seu Aio, e os mais Fidalgos, que estavaõ em Villa Nova, se recolhêraõ á Corte, fazendo caminho por Messejana. Aqui se encontrou elle com Joaõ Correa, irmaõ de sua mãi, que lhe trazia cartas del Rei D. Manoel, escritas da sua propria maõ, em que o confortava na perda de taõ grande Pai; asseguraudo-lhe naõ encontraria nelle mais differença, que a do nome, e da figura. Como El-Rei já estava em Monte-Mór do Alem-Téjo, D. Jorge marchou para esta Villa, aonde foi recebido com agrados excessivos entre lágrimas ternas, a que senaõ pode escusar o novo Rei agradecido, nem D. Jorge obrigado. O Prior do Crato fez huma falla insinuante a ambos os altos objectos, já inclinado ao Rei para lhe mover a beneficencia, já voltado a D. Jorge para lhe despertar a gratidaõ; em ambos com fructo, que pa-

para o produzirem naõ houvéraõ miſter ſer torcidos, nem encaminhados; baſtando ambos lembrar-ſe do que eraõ, e do que ſe deviaõ. El-Rei recolheo em ſua caſa a D. Jorge, e o tratou com correſpondencia a ambas as relações referidas.

Era vulg.

Foi D. Jorge, como diſſemos, Duque de Coimbra, Marquez de Torres-Novas, Meſtre das Ordens de S. Thiago, e de Avís, Senhor das terras do Infante D. Pedro, e da Villa de Aveiro, de que os deſcendentes, que teve de ſua mulher D. Brites de Vilhena, filha de D. Alvaro de Portugal, e neta do ſegundo Duque de Bragança, viéraõ a ſer Duques. Além deſtes Titulos de D. Jorge, El-Rei D. Joaõ II. fez Duque de Béja a D. Manoel depois da mórte de ſeu irmaõ D. Diogo, Duque de Viſeo: Marquez de Villa Real a D. Pedro de Menezes, que era Conde da meſma Villa: Conde de Borba a D. Vaſco Coutinho, filho do Marechal D. Fernando Coutinho, em remuneraçaõ de lhe deſcobrir a conjuraçaõ do Duque de Viſeo. Elle inſtituio o

Tri-

Em vulg. Tribunal do Desembargo do Paço com menos isenções, e menor número de Ministros do que depois se lhe foraõ concedendo: Tribunal respeitavel, que representa o Conselho da Camara do Principe, que defere aos negocios, que elle lhe propoem por meio de consultas.

A sua liberalidade tinha os predicados de brilhante em dar, e logo, sem a fadiga de prometter, nem o trabalho de fazer esperar. Era este dar a quem, como, e quando devia, por hum acto espontaneo, naõ esperando o rogo, nem fazendo caso dos empenhos. Quando eraõ necessarios os requerimentos, queria que os fizesse quem o servíra, sem buscar terceiros para o despacho. Esta sua virtude entrou por Hespanha, França, Allemanha, e Italia derramando a chuva de Jupiter. Sustentou sempre a Magestade taõ isenta, que costumava dizer, que sugeitalla a arbitrio alheio era a maior injúria do Decoro Real. Desta isençaõ provinha entendello a Nobreza de condiçaõ austéra, naõ estimando o

soc-

ſoccorro das amizades, como ſe elle refolvêra os caſos conſideraveis ſem conſelho, ou naõ foſſe o primeiro honrador dos ſabios no rendimento do juizo aos ſeus dictames, quando os conhecia illuminados.

Era vulg.

Se ſe diſſeſſe delle, que tinha multidaõ de peccados, nós reſponderiamos, que a cobrio com a capa da caridade. Na vida a atiçou ſempre, na mórte ardeo incendio. Nos cultos delicados da Religiaõ, na affluencia perenne das eſmólas, moſtrava a obſervancia do Mandamento máximo, e primeiro, e a do ſegundo, que lhe he ſemelhante, quero dizer, amor de Deos, e caridade do proximo. No ſeu tempo fazia exterminar os vicios públicos para o meſmo Deos ſer honrado; naõ havia neceſſidade, que deixaſſe de ſoccorrer, para o proximo naõ paſſar afflicto. Chegáraõ as ſuas eſmólas a Jeruſalem, e muito mais longe os éccos da ſua beneficencia, que convidavaõ gentes de diſtancias remotas, como a Rainha do Auſtro, para virem ouvir a Sapiencia do Salomaõ Luſitano.

Nas

Era vulg. Nas execuções da justiça, pondo de parte as dos Duques de Bragança, e Viseo, em que naõ refreou a paixaõ de homem, mostrava-se temperado, mas em naõ fazer excepçaõ de pessoas, que isso he só para Deos, parecia duro, inflexivel, austéro. Das Leis, que publicava, era o primeiro observante. Prohibio as mulas, nunca mais montou nellas: prohibio as sedas, já mais as vestio. Fez Lei do exemplo, bem instruido, em que o do Rei compoem todo o orbe; que ao passo do primeiro movel, giraõ as esféras inferiores. Os desobedientes, e facinorosos eraõ o seu escandalo, sem poder soffrellos impunidos; mas quando parecia naõ respirar mais que severidade, tinha dado na Relaçaõ ordens occultas, para que os réos, que naõ fossem ladrões, nem tivessem parte, naõ morressem; porque necessitava de homens para povoar as conquistas. Deixou exemplo notavel na casa de hum cavalleiro jogador em Lisboa, a que mandou dar fogo para naõ ser visto na Corte o padraõ de hum escandalo publico.

In-

Incansavel no bem dos Póvos, que promovia, quasi todo o tempo era para elle de acçaõ. Nas Sextas Feiras hia á Relaçaõ de manhã, e á tarde conferia com os Desembargadores do Paço; os Sabbados eraõ para a Meza da Fazenda, aonde ouvia aos Veadores, e Escrivães. Sobprimio as regalias, os abusos, as demazias da Nobreza, de que lhe resultou a desconfiança com toda ella, e os sustos com que passou a vida, sempre em perigos ameaçados, que parece chegáraõ a ser existentes, e aquella mais breve do que podera. Bastava huma promessa sua para animar os homens pela constancia, com que promettia; mas nunca quiz passar Alvará de lembrança. Com a verdade fazia scintillar a rossagancia da purpura, naõ havendo quem nelle descobrisse huma mentira leve, nem Decreto, que contradissesse outro. Fez taõ respeitosa a Magestade, que bastava mover os olhos para corrigir. Os vapores da incontinencia, que lhe mancháraõ a mocidade, nunca sobíraõ ao Throno, depois que nelle se assentou

Era vulg.

Rei,

Era vulg. Rei, e outras das ſuas qualidades excellentes veremos no Capitulo ſeguinte, que eſcolho para a deſcripçaõ do ſeu caracter, e compendio das ſublimidades, que lhe merecêraõ o pronome de Principe Perfeito.

CAPITULO V.

Deſcrevem-ſe em reſumo as qualidades, e caracter del Rei D. Joaõ II., e dá-ſe noticia dos Authores, que delle fazem memoria illuſtre.

EL-REI D. Joaõ II. foi hum Principe taõ luminoſo nos primeiros crepuſculos da idade, com tal intençaõ de talento para comprehender as Artes dignas de Principe, que parecia deſneceſſaria a inſtrucçaõ, a quem tudo déra a natureza. A principios taõ felices correſpondêraõ os fins ditoſos, que animados por meios ſublimes, lhe merecêraõ as admirações do ſeu ſeculo. Depois de moſtrar o ardor do animo na expediçaõ de Arzila, nós vimos que ſó a elle ſe deveo a ſalva-

çaõ do exercito Portuguez na batalha de Toro. Na acçaõ generosa de descer do Throno, quando seu Pai voltou de França, fez vêr que a ambiçaõ de o occupar só se oppunha aos que o pretendiaõ sem justiça antes de tempo, naõ áquelle a quem tocava de direito na sua idade. Depois da mórte do Pai, já Rei sem disputa, todo se empregou nas tres maximas mais importantes dos Estados, que fez observar sem interrupçaõ, a saber, premiar benemeritos, punir criminosos, avançar o commercio. Para executar as primeiras duas, tirou da sua illuminaçaõ todos os expedientes; para promover a ultima se servio de muitas dexteridades.

Era vulg.

A primeira foraõ os progressos da navegaçaõ pela Europa, por toda a Cósta da Africa até se descobrir o Cabo de Boa-Esperança, que facilitava os designios premeditados de a levar ás grandes Indias da Asia. Depois foi a de fazer respeitar o seu animo pelos maiores Principes, como se vio com os Reis Catholicos, obrigando-os a con-

cor-

Era vulg. cordarem na Linha de Demarcaçaõ para a conquista do mundo : com Carlos VIII. Rei de França, fazendo que lhe restituisse huma caravella carregada de drogas, que os seus vassallos lhe tomáraõ : com todos os Principes Catholicos, ligados contra o mesmo Rei de França, que teve expectadores da sua resoluçaõ, quando o convidáraõ para ser na sua alliança parte contratante, e dentro no Reino com toda a Nobreza, taõ zeloso da Authoridade Real, que abrogou dos donatarios a jurisdicçaõ criminal devida á Soberania, e ordenou nova fórma ao juramento de homenagem dos Alcaides Móres. Para triunfo da sua integridade naõ arvorou Devisas menos sublimes, que os troféos rotos, despedaçados de D. Fernando II. Duque de Bragança, e de D. Diogo, Duque de Viseo : acções, que lhe deixáraõ o nome menos glorioso á posteridade, como quem em huma se fez Juiz sendo Parte, e na outra foi Executor sendo Rei. Aos clamores deste sangue respondeo como éco a mórte desgra-

ça-

çada de seu unico filho o Principe D. Affonso, que senaõ era para ser Rei de Portuguezes, foi para seu Pai huma amargura de toda a vida; mas talvez que huma victima de expiaçaõ dos crimes contra a equidade.

Era vulg.

De estatura mediana era El-Rei D. Joaõ, proporcionado, e airoso; o semblante grave, e comprido, branco, e córado, os olhos pretos, e com graça; o nariz bemfeito, e a bocca pequena; os dentes alvos, e bem ornados; a barba negra, e composta. O cabello, que era castanho, na idade de trinta annos principiou a fazerse branco com prazer do Principe, que estimava as cãs como marca da idade provecta, antes de cumprida a que aperfeiçoa a de varaõ. No entendimento foi agudo, e prudente, na memoria taõ feliz, que nada esquecia do que lhe encommendava. Tinha na lingua tanta pureza, proferia as vozes com tanta pausa, que parecia as estudava, e dizia com frequencia judiciosos apophthegmas. Da Poesia se servia como de parenthesis agradavel, ou

de

Era vulg. de eutrapelia jucunda á gravidade dos negocios. Teve luz baſtante da Hiſtoria, e Filoſofia, que enfeitava de erudiçaõ.

Para deſterrar dos vaſſallos o tormento das eſperanças, e a impertinencia dos requerimentos, com antecipaçaõ generoſa premiava os ſerviços; tendo catalogos dos homens benemeritos do Reino para lhes fazer mercês, antes que ás pediſſem. Reſoluto, e acautelado nos negocios, de todos teve o ſegredo por alma, para que as execuções declaráſſem os deſignios, que eſcondia da face dos interpretes. Os Miniſtros de ſaber profundo, e de juſtiça recta eraõ os ſeus homens, que conhecia pelos nomes, e os imprimia na lingua; á imitaçaõ dos antigos Reis Godos, que os gravavaõ nas ſuas Coroas. Tendo por intoleravel, que para a Soberania houveſſem emulos, abattia o orgulho nas torres mais altas; ou ſe eſtimava participante da gloria de Jupiter, quando com os raios na garra das Aguias fulminava Gigantes. Huma vez os deſpedio da

ſua,

ſua, e por iſſo perdeo a imitaçaõ, e o triumfo. Era vulg.

Os cultos da Religiaõ ornáraõ o ſeu peito piedoſo, ſeja no reſpeito aos Officios Divinos, ſeja na veneraçaõ ás Imagens Sagradas, ſeja no rendimento profundo ás Chagas de Jeſus Chriſto, e devoçaõ cordial da Senhora, ou ſeja no obſequio, e reverencia aos Miniſtros do Altiſſimo. Cada dia reſava de joelhos os Pſalmos Penitenciaes, e coberto de luto, muitas vezes poſtrado por terra, aſſiſtia com devoçaõ edificante nas tres noites da Semana Santa ao Monumento do Senhor, aonde ſe repreſentavaõ os Myſterios da ſua Paixaõ. Memoria immortal deixou elle na inſtituiçaõ do Hoſpital Real de Todos os Santos, teſtemunho da ſua inflammada caridade: na fundaçaõ da Capella brilhante de Santo Antonio no meſmo lugar, aonde naſceo eſta luz, que illuſtra a Igreja Univerſal, e a da Luſitania ſua Patria; e na do Real Convento de Santos para as Commendadeiras da Ordem Militar de S. Thiago.

Sua

Era vulg. Sua he a ſentença, de que naõ póde haver Rei ignorante tratando com tantos homens ſabios, ſe elle ſe quizer aproveitar da doutrina. Conhecia eſte Principe a differença, que vai da Sciencia eſtudada á Sciencia ouvida; das diſciplinas, que ſe recebem pela viſta, ás do ouvido, que ſe imprimem pelas vozes; a da liçaõ, em que ſe aprende o parecer de hum ſó Author, á da converſaçaõ, em que no meſmo acto ſe ſabem as opiniões de muitos homens. Eſte methodo a ninguem he taõ facil como aos Reis, e por iſſo naõ póde algum delles ſer ignorante ouvindo a muitos ſabios, ſe ſe quizer aproveitar da doutrina. Tambem foi ſua a lembrança de impedir, que os moços até á idade robuſta uſaſſem eſpada, naõ ſuccedeſſe pela falta das forças coſtumar-ſe a ſer vencidos. O medo huma vez introduzido ordinariamente fica covarde, e porque o valor affouto he quem o deſterra, e dos primeiros triunfos começa a formar os habitos de generoſo; queria El-Rei, que as mocidades naõ ſe ſerviſſem das

das armas antes do estado de poder vencer, para que principiando triunfantes a ser valerosos, com a corage, vencendo, ou disfarçando o medo, que he natural em toda a gente, e sabello disfarçar he ser valente, elles naõ déssem lugar á covardia. Era vulg.

Esta ordem tería origem na sua propria experiencia, adquirida nas primeiras acções da sua mocidade em Arzila, e em Toro. Depois dellas, toda a vida ficou taõ impavido, que perigo algum temia, como se vio no encontro do Touro em Alcochete, e em ir fallar a hum morto, que o chamára, sabendo que era defunto. Este valor era acompanhado das grandes forças, com que de hum golpe partia juntas tres, e quatro tochas; com que jogava a barra, aonde poucos alcançavaõ, com que opprimia os cavallos mais briosos, que se davaõ a sentir por apertados. Na dança era destro, e airoso, dando duas almas ao compasso no acerto, e agilidade. Usava da caça por divertimento para desenvolver os membros, e lembrar as representações da guerra

Era vulg. naquelles ensaios. No trato particular de tal sórte se despia das circunspecções da Mageſtade, que parecia hum homem como os outros; moſtrando a graciosidade na cara, e nos ditos, para que os aſſiſtentes fizeſſem o meſmo. A deteſtaçaõ, que fazia dos vicios em os conhecendo, deo occasiaõ ao Bispo de Tangere para dizer: que se fora peccador, soubéra ser penitente.

Os seus pensamentos sempre altos, naõ tinhaõ por dignas de Principe as acções vulgares. Todas as da sua vida saõ próvas exteriores do seu conceito, seja nas negociações, que teve com os Principes da Europa, seja no projecto de descobrir o Cabo Tormentoso, e a India, ou seja na navegaçaõ, e conquiſta de tantas Regiões da terra, que sobmetteo ao seu Imperio. Como se previſſe os futuros, dava providencia a muitas cousas, que depois succediaõ: caracter proprio do sabio prudente ser do futuro Hiſtoriador, e Profeta do paſſado. Na meza tinha dous sabores, o dos manjares, que comia com de-

fem-

ſembaraço para reforçar o corpo, e o Era vulg.
da diſputa dos Sábios, que attendia com pauſa para nutrir o eſpirito. Foi neceſſario o preceito dos Medicos depois de trinta annos já achacados para beber vinho; mas com tal moderaçaõ, como ſe para elle deixaſſe o Apoſtolo a receita: Uſa de pouco vinho por cauſa do eſtomago. No reſpeito aos Miniſtros do Altar naõ foi elle taõ moderado; porque a Diogo de Souſa, Deaõ da ſua Capella, que levantou hum çapato, que lhe cahíra do pé, depois de lhe dar a reprehenſaõ áſpera, tirai-vos dahi, o homem, que toma o Santiſſimo nas mãos, naõ pega com ellas nos meus çapatos, o teve hum mez prezo para o enſinar a naõ abater o ſeu caracter.

Quando intentou, que Angelo Policiano compozeſſe a Hiſtoria de Portugal, lhe eſcreveo a Carta, que o meſmo Italiano publicou no livro X. das ſuas Epiſtolas a pag. 138, que começa *Joannes Dei gratia Rex Portugalliæ, & Algarbiorum citra, & ultra mare, in Africa Dominus Guineæ Angelo Poli-*

 tia-

Era vulg. *tiano viro peritissimo, & amico suo* S. P. D. *Ex suavissimis tuis literis, doctissime vir*, &c.

Homens Sabios escrevêraõ a vida deste grande Rei em várias linguas. Na Franceza La Clede, Maugin, e Neufville: na Castelhana D. Agostinho Manoel de Mello, Manoel de Faría e Sousa, e Christovaõ Ferreira de Sampaio: na Portugueza Damiaõ de Goes, Pedro de Maris, o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, e Garcia de Resende: na Latina Manoel Telles da Silva, Marquez de Alegrete, e o Padre Antonio de Vasconcellos.

Tecêraõ os seus elogios D. Antonio Caetano de Sousa na Historia Genealogica da Casa Real Portugueza, aonde diz no Tomo III. pag. 114: Foi admiravel o valor, a prudencia, e a cautéla com que este grande Rei se portou com os amigos, e inimigos conservando a paz, e amizade com tal modo, que mais parecia superior, e arbitro, do que igual. O Conde da Ericeira no Portugal Restaurado Tom. I. pag. 9: Castigou os vassallos indomi-

mi-

mitos, e nunca aguardou que lhe pedissem premio os benemeritos. Manoel de Faría e Sousa na Europa Portugueza Tom. II. § 110.: *Era gentil Filosofo, y muy visto en las Mathematicas, y Historias.* O mesmo no Epitome pag. 274 : *Hizo soberanas obras, executó hazañãs heroicas; no hablava menos que laconicamente sentencias, y dichos agudissimos, que no dexan redusir-se a la brevedad de un elogio, mas hazen confessar; que pudo ser tal Rey entre claros clarissimo.* Le Quien de la Neufville pag. 625 : *Tant de rares, & tant d'excellentes qualités lui meriterent encore le surnom de Roy sans dèfaut. Ses Sujets l'aimerent, ses ennemis le craignirent, l'Europe redouta sa valeur, l'Afrique connut sa puissance, & tout l'univers a profité des heureuses découvertes que l'on a faites par ses soins, en Afrique, & dans les Indes.*

Era vulg.

Fr. Bernardo de Brito nos elogios dos Reis de Portugal, pag. 113 : Foi de grande animo de se naõ senhorear de privados, inclinado a fazer mercês, e remunerar serviços. Barbuda nas Empre-

Era vulg. prezas Militares da Lusitania, pag. 109: *Amava por extremo qualquiera virtud en los hombres, por lo contrario aborrecia qualquiera vicio público.* Fonseca na Evora Gloriosa, pag. 97. Na liberalidade excedeo a Alexandre, no valor se avantajou a Cesar, porque naõ só triunfou dos vivos; mas por tres vezes tratou intrepido com os defuntos, e finalmente foraõ as suas excellencias taõ raras, que a pezar da invéja, as veneráraõ, e applaudiraõ os mesmos inimigos. Salazar, e Castro na Historia da Casa de Silva, liv. VI. Cap. XIII.: *Principe a quien sus virtudes grangearon el renombre, que justamente gosa de Perfecto.* Osorio de Rebus Emmanuel. liv. I. pag. 3: *Fuit vir clarus, & excelsus, infestus improbis, bonis propitius, & in omni genere virtutis admirandus: tanta animi magnitudine erat, ut quamvis corpore in patria consisteret, mente tamen orbem terrarum peragraret.*

CA-

Era vulg.

CAPITULO VI.

Da trasladaçaõ do Corpo del Rei D. Joaõ II. da Sé de Silves para o Mosteiro da Batalha por El-Rei D. Manoel.

QUATRO annos esteve o cadaver do Rei D. Joaõ II. na Sé da Cidade de Silves no Algarve, mettido em hum caixaõ, que enchêraõ de cal para mais depressa lhe comer a carne, e se trasladarem os ossos para a Capella do Pranto no Convento da Batalha, como elle dispozéra na vida. El-Rei D. Manoel para se mostrar agradecido ao Principe, que lhe trespassára o Sceptro com mais attençaõ á sua justiça, que ao amor do proprio filho, determinou fazer a sua trasladaçaõ com pompa correspondente ao Author, e ao objecto da ceremonia. Para este fim no mez de Outubro do anno de 1499 sahio de Lisboa acompanhado de todos os Grandes Ecclesiasticos, e Seculares, de número copioso de Clérigos, e com hum trem

Era vulg. trem magnifico veio em pessoa á Cidade de Silves para presenciar o acto, e seguir a marcha até ao Convento da Batalha, aonde havia assistir ás ultimas honras do Rei defunto.

Chegados ao lugar da Sepultura, aonde jazia, os Bispos de Silves, e de Tangere, D. Francisco de Eça, e Joaõ Fogaça foraõ encarregados de a abrir, e encontráraõ a madeira do caixaõ quasi comida da cal, e queimados os ornatos, que cobriaõ o corpo, Porém este se vio com admiraçaõ taõ inteiro, fresco, composto com os cabellos da barba, e da cabeça, que parecia vivo. Renováraõ-se as aclamações de Santo, e as memorias dos milagres, que diziaõ tinha feito Deos por sua intercessaõ, Mudáraõ o corpo para outro caixaõ coberto de brocado carmezim, desprezadas entaõ todas as riquezas á vista dos destroços pobres da mortalidade nas roupas queimadas, e caixaõ corrupto, que tudo foi despedaçado, e posto no peito como reliquias, que haviaõ tocado hum corpo Santo. Collocado elle em humas andas riquissimas,

que

que levavaõ dous cavallos cobertos de brocado, se rompeo a marcha. Era vulg.

Faziaõ a sua vã guarda muitos instrumentos musicos, e de guerra, que alternavaõ o toque com consonancia agradavel. Seguia-se a Cruz da Capella, que o acompanhavaõ muitos Grandes, e Fidalgos a cavallo. Da mesma sórte se seguia o Cléro; adiante das andas hiaõ oitenta Capellães, e Cantores paramentados com capas ricas, e tochas nas mãos. Rodeavaõ o Corpo os Arcebispos, e Bispos, e na retaguarda marchava parte da comitiva Regia; ficando o resto para acompanhar a El-Rei, que levava sempre huma jornada atrazada pelos mesmos transitos, Nos Póvos aonde se pernoitava, punhaõ o caixaõ na Igreja maior em huma Eça portatil, que se fizéra com este destino, e na manhã seguinte antes de continuar a jornada, sempre dizia Missa na mesma Igreja o Bispo de Tangere. El-Rei nas visinhanças de Alcanede se adiantou a Rio Maior, e dahi a S. Jorge da Victoria, aonde esteve com os Duques de Coimbra,

e

Era vulg. e Bragança, com o Senhor D. Alvaro, muitos Bispos, e Fidalgos esperando o Corpo para o acompanhar com toda a comitiva ao Convento, onde se havia sepultar.

Até áquelle sitio o trouxe o Bispo de Fez: já seguido de quatrocentos Religiosos além do Cléro, todos com cirios accesos; e á entrada da rua, que hia para o Mosteiro, estavaõ as Cruzes das Cathedraes de Evora, da Guarda, de Viseo, de Lamego, as de Santa Cruz de Coimbra, de Alcobaça, e da Batalha. Aqui se tirou o caixaõ das andas, em que elle vinha, e pegáraõ nelle o Senhor D. Alvaro, o Marquez de Villa Real, o Conde de Marialva, o de Penella, o de Abrantes, o de Portalegre, Ayres da Silva, Fernaõ de Albuquerque, e Pedro da Silva. Seguia-se El-Rei com os Duques de Bragança, e de Coimbra, os Fidalgos, e depois de todos o Prior de Santa Cruz, que era filho do Marquez de Villa Real, vestido nos paramentos Pontificaes. Desta sórte, em apparato, que respirava pompa, e grandeza, foi levado o cada-

da-

daver do Rei virtuoſo ao Templo do Moſteiro, que eſtava ornado com a maior magnificencia, e collocado em huma Eça ſoberba, coberta de pannos precioſos de ouro, que arraſtavaõ pelo pavimento. Era vulg.

Tomáraõ lugar por ſua ordem os Biſpos, Prelados, Cléro, Religioſos, com toda a Nobreza, e immediatamente ſe procedeo ás Exequias mais ſolemnes, que até áquelle tempo ſe tinhaõ celebrado na mórte dos Principes. O Templo parecia hum incendio, e os corações já deſpidos da variedade dos affectos, unanimes, e concordes ſe moſtravaõ victimas do amor, e da ſaudade por hum Soberano acclamado por Santo. Cantou a Miſſa em Pontifical o Prior de Santa Cruz, e para o Domingo ſeguinte 27 de Outubro deſtinou El-Rei outros ſuffragios com apparato edificante. Álem dos Altares, que havia na Igreja, mandou levantar mais ſete ricamente armados, e no Maior ordenou ſe collocaſſe a Bandeira das Armas Reaes, o Eſcudo, e Elmo, com que o Rei defunto correo as juſ-

Era vulg. justas em Evora na occasiaõ do casamento do Principe seu filho; a cota de armas, lança, e espada com que peleijou, e venceo a batalha de Toro; e nelles sem cessar se celebrou toda a manhã pela alma del Rei o Sacrificio de expiaçaõ, que aproveita a vivos, e defuntos.

Assistio El-Rei no Coro a toda a funçaõ, ao Pontifical, que celebrou o Prior de Santa Cruz, e á Oraçaõ funebre, que recitou D. Diogo Ortiz, Bispo de Tangere. Nella soltou os diques á sua eloquencia este sabio Prelado, e dividindo no Principe as acções de homem, das opperações de Rei, em ambas o mostrou para os homens exemplar, para os Soberanos modelo. Como elle fora seu Confessor, e assistente á sua mórte, as virtudes até entaõ occultas debaixo do véo do Sacramento, elle fez públicas no modo, que lhe era permittido sem romper a integridade sagrada do sigillo, para edificaçaõ das gentes. Elle foi a trombeta, que annunciou as qualidades sublimes do alto objecto do seu discurso:

a

a ſua juſtiça indefectivel, que olhava aos caſos, naõ ás peſſoas: as ſuas muitas mercês, que ſe diſtribuiaõ pelos merecimentos ſem valias: a ſua caridade nas eſmólas a orfãs, viuvas, cavalleiros, Igrejas; taõ profuſas por toda a parte, que corriaõ pelos Lugares Santos da Paleſtina, e de Roma: os ſoccorros, os donativos, os conſelhos, que déra a muitos dos Reis Catholicos para os tirar de grandes embaraços: em fim as penitencias rigoroſas, as mortificações auſtéras, os actos de fervor, de humildade, de reſignaçaõ, de paciencia, de deſprezo do mundo, com que nos ultimos annos da vida expiou os defeitos da natureza de Adaõ, que commummente ſe diz, que eſtá ſem peccado, e que por effeito da meſma expiaçaõ o eſtimava Santo canoniſavel. Era vulg.

Depois de acabada a Oraçaõ, o celebrante acceitou a offerta, que fez El-Rei em peças do valor de dez mil cruzados; e poſtos em duas alas os aſſiſtentes com tochas accezas, os Biſpos leváraõ o veneravel cadaver á ſepultura preparada na Capella de Noſſa Senho-

ra

Era vulg. ra do Pranto, acompanhando a acçaõ o Cantico *Benedictus* ao ſom de muitas vozes, e inſtrumentos, que parecia mudavaõ os lutos em applauſos, os Epicedios triſtes em feſta plauſivel. El-Rei, os Duques, Grandes, e Fidalgos acompanháraõ o feretro até ao lugar dos monumentos, aonde El-Rei em vida mandára o ſepultaſſem, o qual eſtava coberto de pannos precioſos de ouro com a Imagem da Santa Cruz, ficando illuminado pelas luzes de tres grandes alampadas de prata. No fim da funçaõ ſe recolheo a comitiva em ceremonia; mas El-Rei na noite quiz em particular com miudeza examinar as circunſtancias naõ vulgares, que ſe tinhaõ obſervado no depoſito veneravel.

Elle na preſença do Provincial, Religioſos, e alguns Fidalgos, mandou abrir o caixaõ, víraõ o corpo ſem mais ſignal de morto, que a immobilidade; a carne molle, freſca, e tractavel; a cabeça, barba, peitos, e pernas cobertos de cabellos ſem falta, nem mancha; o cheiro, que exalava, ſua-

ſuave, e fragrante. El-Rei, ſempre com o gorro na maõ em ſignal de reverencia, derramava lágrimas de conſolaçaõ, e ternura, muitas vezes lhe beijou as mãos, e os pés, e todos os preſentes tocáraõ nelle muitas couſas para guardarem como reliquias. Tornado a pôr o corpo no lugar, em que eſpera a reſurreiçaõ dos vivos, El-Rei mandou cobrir os dez degráos do tumulo com hum panno de brocado, e ſe recolheo.

Era vulg.

Na narraçaõ breve deſta trasladaçaõ, que podemos chamar glorioſa, quiz moſtrar Deós quanto lhe ſaõ acceitaveis as lagrimas dos penitentes; quanto honra aos peccadores, que morrem arrependidos, e D. Manoel fazer vêr, que o Rei de Portugal naõ ſe lembrava dos aggravos feitos aos Duques de Viſeo, e de Béja. A mórte, que tudo acaba, diſſipou as nuvens dos rancores; a virtude, que vence tudo, attrahio os corações menos inclinados: todos convertidos em holocauſtos puros de chriſtandade, politica, veneraçaõ, e reſpeito á memoria

Era vulg. do grande Rei, que chamavaõ saudosa: todos mudados em clarins sonoros, que queriaõ immortalisar nos bronzes da fama a equidade, a justiça, a Religiaõ, as façanhas, o heroismo do grande Pai da Patria. Na vida teve El-Rei D. Joaõ II. inimigos, na mórte todos lhe ficáraõ affeiçoados: na vida descobriaõ-lhe defeitos, na mórte naõ houve quem deixasse de lhe publicar virtudes.

LI-

LIVRO XXXIII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Trataõ-se as primeiras acções do Rei D. Manoel, o Feliz, XIV. na ordem dos Reis de Portugal, até o descobrimento da India.

NA Villa de Alcacere, aonde estava D. Manoel na companhia de sua irmã a Rainha D. Leonor, foi elle acclamado Rei, logo que chegou a noticia de ser fallecido em Alvor D. Joaõ II. que no seu testamento deixava nomeado successor ao Reino na fórma do direito indisputavel, que lhe assistia. Havia nascido este Principe no ultimo dia de Maio do anno de 1469, a tempo que passava pela rua do seu Palacio em Alcochete a Procissaõ do Corpo de Deos, estando sua mãi em gran-

Era vulg. 1495

TOM. VIII. U

Era vulg. grande perigo, e por memoria deste encontro feliz lhe pozérão o nome de Manoel. Na ordem do nascimento foi filho sexto do Infante D. Fernando, irmaõ del Rei D. Affonso V., e de sua mulher D. Brites, filha do Infante D. Joaõ, irmaõ del Rei D. Duarte.

Quando lhe precediaõ muitos successores á Coroa, hum Astrologo o lisongeou com o prognostico, de que a havia cingir, e succedeo a lisonja acertar no calculo. Quem parece que previo melhor o dominio, que elle havia ter em todas as partes da terra, foi o seu predecessor, quando lhe deo a esféra por devisa, como se já o mettêra de posse do Universo. Contava elle 26 annos de idade, robusta para poder firmar o sceptro, sustentar o mundo como athlante, esforçar-se para desempenhar a promessa de *Jesus* Christo, como instrumento para levar o seu Nome ás Nações estranhas com glória da Religiaõ, dilataçaõ do Estado, e honra da pessoa. Nos tyrocinios de Rei se mostrou jubilado na Ar-

te

te de reinar, como se as máximas adquiridas nascessem todas de virtudes só infusas para formarem nelle o caracter do heroismo, que lhe mereceo os epithetos de *Venturoso*, de *Feliz*, de *Grande*.

Era vulg.

Acções de pio, e grato foraõ as primeiras de D. Manoel depois de Rei nas duas Embaixadas, que mandou logo a Roma, e Castella. Na primeira deo parte ao Papa Alexandre VI. da sua exaltaçaõ ao Throno, e lhe rendeo obediencia como a Vigario de Jesus Christo. Neste primeiro passo vio Roma a novidade de estimaçaõ, que o Rei fez do Cardeal da Costa, escrevendo-lhe, e insinuando-lhe, que com a sua presença authorisasse os Officios do Embaixador nas audiencias, que tivesse do Santo Padre. O Cardeal com dexteridade, e magnificencia encheo os desejos del Rei, e o Papa estimou os seus votos, e os do Reino, que agradeceo com todas as demonstrações de apreço, e affeiçaõ. Na segunda usou das mesmas medidas com os Reis Catholicos, que pelo haverem prote-

Era vulg

gido Duque, os devia obsequiar Rei; a pessoa reconhecida, a Magestade officiosa.

El-Rei, que apenas recebeo a noticia da mórte do seu Successor em Alcacere, veio para a Villa de Monte-Mór o Novo, della expedio estas Embaixadas, e nella principiou os actos da sua clemencia, equidade, e economia. A esta Villa, como eu já disse, foi trazido, e apresentado ao novo Rei por D. Diogo de Almeida, Prior do Crato, o seu Pupilo o Senhor D. Jorge, filho do Rei defunto. Naõ pode D. Manoel conter os impulsos do seu animo generoso sem derramar de hum golpe sobre o orfaõ Principe a effusaõ dos sentimentos, que até entaõ reprimira nos fundos do espirito. Vosso pai El-Rei D. Joaõ, lhe diz cheio de ternura, vos deo a sua natureza; para mim mostrou na mórte amor de irmaõ: nada sentia elle tanto, como deixar hum filho em desamparo, sem pai, sem consolaçaõ, em soledade. Bem podia elle socegar na consideraçaõ das vossas qualidades, que por

bem

bem tiradas cópias de taõ alto Modelo, em toda a parte vos fariaõ lugar; mas elle me mandou, que em seu nome vos rogasse quizesses ter em minha casa o de filho; vos conservasse o patrimonio, que vos deixava, e que este se transmittisse á vossa posteridade. Elle me instou, que vos educasse, vos corrigisse, promovesse as vossas virtudes com tal cuidado, que ninguem nella vos exceda. Isto me mandou elle. Eu farei tudo. Eu cumprirei os meus deveres. Na vossa idade tenra, orfaõ, e sem pai, dai-me a mim este nome, Eu o acceito, heide desempenhallo, vós fareis o mesmo ao de filho; assim o espero, para que a grandeza dos meus beneficios cahaõ sobre os merecimentos de hum grande Principe.

Era vulg.

Quizéra responder o Prior do Crato a tanta beneficencia; mas cortadas as vozes pelos soluços, o espirito prezo nas correntes das lágrimas, apenas pode dizer em Oraçaõ breve: Que em elle acceitar a D. Jorge por seu filho, em o encher de beneficios, merecia

a

Era vulg. a reputaçaõ gloriosa de conservador, e propagador da memoria do Rei D. Joaõ naquella imagem da sua natureza. Todos os assistentes, participantes da ternura do Prior, beijáraõ a maõ a El-Rei; abstrahíraõ-se na sua sublimidade, taõ excellente, que de hum córte separava de si tantas riquezas, como se se esquecesse da humanidade para dar todo o lugar á profusaõ. Já na mesma Villa estavaõ convocados os Tres Estados do Reino, quando se mandáraõ as duas Embaixadas, e na de Castella continuou o Rei com os Principes refugiados a mesma benignidade, que acabava de usar com D. Jorge. Foi o Embaixador encarregado de intimar ao Senhor D. Alvaro, irmaõ do Duque de Bragança degollado em Evora, que com seus filhos se recolhesse a Portugal; aonde já mais houvéra suspeitas contra a sua fidelidade. Semelhante convite levava o Ministro ordem para fazer aos Principes filhos do mesmo Duque, de que logo veremos os effeitos.

Com a véla em huma maõ, e a penna na outra, El-Rei D. Joaõ assigná-

nára muitas mercês para os impertinentes grosseiros, que em hora de tanta seriedade mais lhas extorquíraõ, que as rogáraõ. Todas confirmou El-Rei D. Manoel com politica inimitavel, quando conhecia, que muitos dos possuidores antes mereciaõ castigo, que premio: homens audaciosamente avarentos, suspeitos de infidelidade, que para o fim dos seus interesses aproveitáraõ a conjuntura, em que o espirito do Principe se vexava com a acerbidade da mórte, servindo-se da sua fraqueza para darem forças á ambiçaõ. D. Manoel porém, porque naõ parecesse que derrogava as determinaçőes de Principe taõ excellente, naõ só confirmou as graças, que lhe impetráraõ com justiça; mas as que quasi á força arrancou delle a fraude nas agonias da mórte. Depois de cumprir estas, que a magnanimidade del Rei teve por primeiras obrigaçőes do seu agradecimento, da sua justiça, da sua reputaçaõ, elle tomou hum conhecimento pleno dos negocios do seu Estado para regular a economia.

Era vulg.

Aos

Era vulg. Aos Magiſtrados, que deviaõ dar de graça o que de graça recebêraõ, e o vendiaõ, elle os corrigio com as reprehensões mais ſevéras. Aos que commettiaõ defeitos, ainda que leves, arbitrou-lhes caſtigos á proporçaõ, mas caſtigou-os. Aos que cumpriaõ com juſtiça, e equidade os ſeus deveres, encheo-os de beneficios, naõ ſendo dos menores os louvores. Parar tirar das partes a deſeſperaçaõ das demoras, e as livrar dos incómmodos das deſpezas nas cauſas, inventou arbitrios, que cortáraõ as primeiras, e moderáraõ as ſegundas. Pelas Provincias do Reino mandou Miniſtros de opiniaõ bem eſtabelecida, que arrancaſſem pela raiz os abuſos, a iniquidade, os vicios públicos, e promoveſſem a probidade, a virtude, os bons coſtumes. Tomou contas exactas aos Rendeiros, Arrecadadores, e Depoſitarios da Fazenda Real, para impedir a huns os luzimentos, que eraõ luzes furtadas, e vinhaõ a parar em ſombras vergonhoſas; para corrigir em outros a avareza, que fazia ſem piedade as cobranças, como

mo

mo aves de rapina devorantes dos Pó- Era vulg.
vos; para em todos moderar as pompas ſuperfluas, que com goſto demente levaõ a ſubſtancia da Patria, deitaõ ao vento as forças, o eſtado, o vigor das Monarquias.

Depois das utilidades do Povo, El-Rei ſe applicou a diſtinguir a Nobreza, e dalla a conhecer pela obſervancia das Leis da Armaria. Para eſte fim mandou os Heraldos a França, e Inglaterra obſervar como ellas ſe praticavaõ neſtes Reinos; e nos monumentos antigos fez examinar quanto havia de vantajoſo á Nobreza para regular a fórma das ſuas armas, as obrigações dos Heraldos, Paſſavantes, e Farautos; e formaliſado o tratado, que ſe guarda nos archivos da Corte, o Rei o fez público na figura das muitas armas, de que ornou a grande ſalla do Palacio de Sintra.

Pelo que reſpeitava aos Judeos, eſtava elle bem informado das vexações, e tyrannias, que tinhaõ ſopportado os que ſahíraõ do Reino no tempo do ſeu predeceſſor: que para os que ficá-

Era vulg. cáraõ, havia eſpirado o tempo preſ xo, e na fórma do primeiro ajuſte que todos eraõ eſcravos. Elles eſtava reduzidos ao eſtado mais humiliante quando D. Manoel principiou a rei nar: mas o ſeu animo piedoſo, co nhecendo que elles ſem malicia, an tes contra vontade haviaõ ficado em Portugal além do tempo preſcrito pelo Rei D. Joaõ, a todos deo por livres com a eſperança, de que o beneficio os attrahiría ao gremio da Igreja. Os miſeraveis agradecidos ſe fintáraõ a fim de ajuntar huma ſomma para elles conſideravel, mediocre para taõ grande Rei, que lhes fez a graça duas vezes precioſa em naõ a querer acceitar.

Expedidos com promptidaõ tantos acertados negocios, El-Rei quiz dar aos vaſſallos as próvas da ſua generoſidade. Da guerra de Africa, que trazia concebida, ſe ſervio elle para pretexto das beneficencias, que determina reveſtir do ſemblante de remunerações. Depois de fortificar as Praças da Mauritania, de lhes reforçar os pre-

ſi-

fidios, de as fornecer com cópia de munições de guerra, e bocca, elle augmentou os eſtipendios aos ſoldados, recompenſou o merecimento dos Officiaes, gratificou o dos Fidalgos, e unindo á liberalidade o piedoſo, firme no conceito, de que na guerra o esforço, a dexteridade, as victorias tudo vem de Deos; além de haver diſtribuido muitos prémios pelos Sacerdotes, que em Africa animavaõ aos ſoldados com os Sacramentos de conforto, e práticas auxiliantes; ordenou, que por elles ſe diſtribuiſſe a décima parte das prezas, que ſe fizeſſem: Abrahaõ generoſo com os Sacerdotes ſegundo a ordem de Melchiſedech.

Era vulg.

Occupado em tantas acções grandes acháraõ o Rei em Monte Mór os Embaixadores dos Reis Catholicos Fernando, e Iſabel, que viéraõ dar-lhe os parabens da ſua exaltaçaõ ao Throno; propôr-lhe para eſpoſa a Infante D. Maria, filha dos meſmos Reis, e interceder pela reſtituiçaõ da honra, da liberdade, e da fazenda dos Principes de Bragança. El-Rei recebeo eſ-

ta

Era vulg. ta Embaixada com todas as evidencias de amigo fiel, de Principe reconhecido, e respondeo aos Ministros: Que nada lhe era taõ agradavel como merecer as boas vontades de Monarcas taõ illustres; que o mesmo experimentariaõ na sua; que em quanto ao casamento, elle naõ se resolvia a ajustallo, em quanto naõ tivesse posto em fórma os negocios do Reino. Com esta politica, sem descobrir os fundos do espirito, usou elle de hum disfarse, que désse motivo aos Reis Catholicos para discorrerem na sua inclinaçaõ pela Princeza D. Isabel, viuva do malogrado Principe D. Affonso de Portugal. Pelo que respeitava aos Senhores da Casa de Bragança, prometteo naõ perder meio, que podesse contribuir para os satisfazer.

Como as mórtes dos Reis sempre trazem comsigo novidades, a de D. Joaõ foi causa dos Mouros Barraxe, e Almandarim rompêrem a paz, que se havia ajustado no anno de 1492. Naõ se crêraõ aquelles dous Chéfes obrigados á observancia dos ajustes feitos

tos entre os Reis de Portugal, e de Féz, e ainda na vida do primeiro, aproveitando-se da ausencia do Conde de Borba, que viéra a Portugal, e deixára Arzila encarregada a D. Rodrigo Coutinho, levantáraõ trópas, e foraõ devastando o nosso terreno até ás pórtas da Praça. D. Rodrigo se oppôz a estas correrías com hum destacamento da guarniçaõ, que sustentou o campo com valor incrivel; mas opprimidos da multidaõ dos barbaros, D. Rodrigo perdeo a vida, e muitos com elle. A noticia deste estrago obrigou El-Rei D. Joaõ a encarregar a Praça ao bravo D. Joaõ de Menezes, que com os brios do seu Apellido se determinou a ser o flagello da Mauritania.

Era vulg.

Seguindo-se á perda de D. Rodrigo Coutinho a mórte del Rei, tomou mais corpo a rebelliaõ dos barbaros, naõ havendo algum dos Aduares nossos tributarios, que deixasse de pegar nas armas para sacodir o jugo da obediencia. Tinha El-Rei firmado o Decreto para se pagarem as décimas aos Ecclesiasticos de Africa, quando che-

gou

Era vulg. gou a noticia da importante victoria, que D. Joaõ de Menezes acabava de ganhar sobre os rebeldes, huma das mais illustres conseguida pelo nosso esforço naquelle continente, estimada por D. Manoel como huma recompensa Divina em remuneraçaõ da graça acabada de fazer aos Ministros do seu Altar, e que principiará a ser a materia do Capitulo seguinte.

CAPITULO II.

Continuaõ as acções del Rei D. Manoel até o descobrimento da India.

RESOLVEO-SE D. Joaõ de Menezes a castigar em Barraxe, e Almandarim a perfidia; nos Mouros nossos tributarios a rebelliaõ; e abatida a ferocidade com a força, fazellos pagar os tributos, que nos negavaõ. Com este designio escreveo a Lopo de Azevedo, Governador de Tangere, o ajudasse com as trópas da sua guarniçaõ, que podesse escusar. Mandou elle cincoenta cavallos escolhidos ás ordens de Pedro

dro Leitaõ, que marchou no filencio da noite a unir-fe com cento, e cincoenta, que cobria D. Joaõ de Menezes, no lugar que elle defignára. Duzentos Cavalleiros Portuguezes formaõ a copia militar, com que D. Joaõ determina punir muitos Póvos rebeldes, e vencer as forças de Barraxe, e Almandarim. Para reprefentar pelos lados huma grande linha, com hum cavalleiro de frente, os mais formados a peito, e efpalda, ou a cabeça de cada cavallo fobre a garupa do outro, elle rompe a marcha á furdina. Quando amanhecia, e os noffos fe achavaõ perto do Aduar, que havia foffrer o primeiro golpe, apparecêraõ Barraxe, e Almandarim, Muza, e Acob na téfta de dous mil cavallos, e de oito centos Infantes. Por tres prifioneiros, que fizéraõ os noffos Mouros confidentes, foube D. Joaõ de Menezes, que aquelles chéfes vinhaõ fobre a povoaçaõ com defignios femelhantes aos feus.

Era vulg.

Efte accidente naõ efperado obrigou a D. Joaõ fazer confelho para fe de-

Era vulg. deliberar no modo de evadir o perigo, e conſervar a dignidade. Eſcolheo-ſe por melhor o meio mais honrado, que era ir logo aos inimigos, que nada penſavaõ menos, que na ſua marcha ſer atacados. Entaõ dividio o corpo em tres eſquadrões. Pedro Leitaõ na vãguarda com os 50 cavallos de Tangere; no centro com 30 D. Joaõ de Menezes, filho do Conde de Cantanhede, e elle com 120 na reta-guarda. Neſta fórma marcháraõ aos inimigos com os eſpiritos taõ intrepidos, quanto tinhaõ ſido façanhoſas as palavras, com que o Commandante os animára. Os Mouros em quanto entendêraõ as noſſas forças iguaes, tambem ſe formáraõ em tres córpos; mas á viſta da ſuperioridade notavel das ſuas, os uníraõ em hum, e marcháraõ, naõ a inveſtir a batalha, mas a buſcar a victoria.

Pedro Leitaõ pelo lugar, que o terreno lhe dava para as eſcaramuças, com as viſeiras baixas, as lanças enriſtadas, a corage intrepida, ſe lançou aos barbaros. Obrou gentilezas o valor,

lor, que se naõ concebem: naõ havia Era vulg. bote de lança, que deixasse de se empregar: menos o esforço dos Mouros, que a sua multidaõ, atropellava os nossos quarenta cavalleiros. Entaõ se moveo D. Joaõ de Menezes com o esquadraõ de trinta, que os atacou por hum lado, e começa a ser meio horror o combatte. Pedro Leitaõ recobrado, e o Chéfe correndo com o terceiro esquadraõ, fazem o horror inteiro. Por opiniaõ, e pejo queriaõ resistir os Mouros; mas os golpes eraõ taõ pezados, que naõ podendo fazer huma retirada em ordem, todos fugíraõ sem ella. Quatro legoas lhes fomos no alcance cançando de matar a todos os que naõ pediaõ quartel, com a glória incrivel, de que passando á espada, e fazendo prisioneiros a maior parte dos Mouros em choque taõ desigual, e disputado, nós naõ perdemos nelle hum só homem. Voltáraõ os vencedores ao lugar do conflicto para recolherem os despojos, e visitar os Aduares rebeldes, que atonitos, e humildes á vista de taõ grande victoria,

 pa-

Era vulg. pagáraõ o que deviaõ, e com pactos de maior abjecçaõ se sobmettêraõ.

Hum successo taõ feliz, nos tyrocinios do governo de D. Manoel, todo o Reino o attribuio a effeito da sua piedade, a huma gratidaõ do Esposo Divino pelos beneficios, e respeito, que elle acabava de render á sua Esposa a Igreja: que se elle a estima como as mininas dos olhos para lhe vingar os aggravos, por essa mesma estimaçaõ se desvela no agradecimento dos serviços. Mas o gosto desta noticia foi perturbado pelo contagio, que principiou a lavrar em Monte Mór, e obrigou a Corte a retirar-se para

1496 Setuval, aonde esperavaõ a El-Rei sua Mãi a Infante D. Brites, e suas irmãs a Rainha viuva, e a Duqueza de Bragança. Os capellos respeitaveis destas tres Princezas viuvas naõ podiaõ deixar de tocar com toda a sensibilidade a hum Rei taõ clemente como D. Manoel, intercedendo pelos desterrados, e afflictos no reinado precedente, que huns reputavaõ sem culpa, outros as entendiaõ ligeiras pa-

ra

ra merecerem demonſtrações taõ rigo- Eſ'a vulg.
roſas.

A primeira, que ſe reſolveo fallar a D. Manoel com rogos como a Rei, com authoridade como Mãi, foi a Infante D. Brites, que com ternura circunſpecta lhe diſſe: Hum Principe taõ illuſtrado, como vós, ſabe muito bem que a Providencia naõ vos deo a herança de hum Reino ſó para vós; mas depois da voſſa peſſoa, para as de voſſa mãi, e irmãos, parentes, e amigos; para todos aquelles, que em vós pozerem as ſuas eſperanças. Sois imagem de Deos; e ſe he principio de bemaventurança eſperar nelle, como póde naõ reſultar glória a quem eſperar no Rei, que o repreſenta? Se eſta eſperança ſe fruſtrar em nós, a quem temos que recorrer? Se nos fechar hum deſengano os olhos, que temos poſtos nas voſſas mãos, como de Senhor, donde eſperamos o noſſo auxilio, naõ ſerá poſſivel que elles deixem de ſe offender, quando vos vêm collocado em taõ alto lugar. Em quanto éreis hum Principe particular, com-

Era vulg. voſco lamentavamos as noſſas deſgraças. Agora que já ſois Rei, deveis ouvir attento as noſſas queixas. Ellas comprehendem a voſſa mãi, a voſſas irmãs, a todos os voſſos parentes. Se a piedade vos domina, ſe tendes lembrança da mãi, que vos gerou, vos pario, vos educou, que vos tratou ſempre com o amor mais terno; que aguardais para dar a filha á mãi, os filhos á irmã, os netos a Avó, e tudo a mim, porque a mim tudo me toca? Cortai os obices, rompei os obſtaculos, deſpedaçai os inconvenientes, naõ façais caſo de ditos, rompei por tudo, quando voſſa mãi com juſtiça vos pede; quando para fazer eterna a voſſa memoria, com piedade vos inſta.

Deſte, e outros muitos modos fallava a mãi: o meſmo diziaõ as irmãs com lagrimas; o meſmo perſuadiaõ os Reis Catholicos em muitas cartas; e Reis taõ illuſtres, irmãs taõ eſtimaveis, huma mãi adoravel naõ eraõ objectos roganado, que podeſſem deixar de ſer deferidos, nada pedindo, de que ſe offendeſſe a juſſiça. Eſcolheo elle o dia ſo-

sólemne, em que a Igreja faz memoria da Resurreiçaõ do Redemptor para chamar á vida da liberdade aos desterrados, que eraõ D. Jayme, e D. Dinis, filhos primogenito, e segundo do Duque D. Fernando, D. Sancho, filho do Conde de Faro D. Affonso, irmaõ do mesmo Duque; depois Conde de Odemira, e o Senhor D. Alvaro com seus filhos. A mesma amnistia foi acordada a todos os mais, que pelo crime de inconfidencia, desde o tempo del Rei D. Joaõ, andavaõ bannidos. A todos elles restabeleceo nas suas honras, dignidades, e bens; e porque o seu predecessor dera muitos delles a pessoas benemeritas, que os possuiaõ, os tirou a todas, precedendo gratificaçőes de igual valor, para que os primeiros naõ ficassem defraudados na herança, que fora de seus pais; para que os segundos naõ tivessem por injúria tirar-lhes hum Rei as remuneraçőes, que de outro recebêraõ.

Erá vulg.

As gentes sempre interpretes das acçőes dos Reis, já approvantes, já cen-

Ex vulg. censores, á vista da magnificencia de D. Manoel, se dividiaõ em pareceres. Os Varões optimos, homens devolutos só aos systemas da razaõ, o louvavaõ, por naõ escurecer a memoria de Principes taõ grandes com hum esquecimento irrevocavel. Os invejosos, que com as felicidades alheias se lhes apertaõ os corações, o reprehendiaõ, por obrar a indignidade de encher de beneficios, restituir por inteiro bens, dignidades, honras aos filhos dos réos, que tinhaõ sido infammados com o crime enorme de trahidores. Os politicos, que querem entender de tudo, estranhavaõ na liberalidade o modo, por defraudar o Patrimonio Real, e com hum arrojo de profusaõ immodica, esgotar nelle a fonte da estabilidade da República. Discursos taõ vários impressaõ alguma fizéraõ no Rei magnanimo, depois que a sua illuminaçaõ o fez conceber, que elle naõ devia resistir a huma mãi sublime rogando; a huma irmã, havia tantos annos ausente de seus filhos, gemendo; á consideraçaõ pia, catholica, real, de que

os

os desterrados foraõ punidos sem próvas de convicçaõ, e que ainda a haver nelles alguns delictos, naõ eraõ os que bastavaõ, para que merecessem á memoria dos homens hum odio eterno.

Era vulga

El-Rei D. Manoel era taõ justo, que a culpados por imaginaçaõ naõ os havia ter em perpetuo desterro, sem restituir ás suas familias, aos seus nomes, á sua fama a injustiça, que lhes tinhaõ feito; que pelos filhos se repartisse, nem o crime, nem a pena, que já leváraõ seus pais, a maior parte delles mórtos em Castella com mais de desgraçados, que de criminosos. O grande Rei, como se as vozes da calumnia fossem estimulos, que picassem a sua generosidade, naõ satisfeito com a restituiçaõ de tantos bens aos delinquentes presumptivos, abrio ambas as mãos á liberalidade, e immediatamente entrou a premiar outros muitos benemeritos com gratificações, que mostravaõ nos vultos as mãos, donde sahiaõ. As armas, as letras, os criados ficáraõ igualmente satisfeitas, muito mais

Era vulg. mais quando viraõ, que o Rei naõ distinguia profissões, mas buscava merecimentos.

Quiz D. Manoel, que a todos os descontentes do governo passado chegassem os beneficios do presente, e mandou a Pedro Correa, Fidalgo instruido, e benemerito, com o caracter de Embaixador ao Papa Alexandre VI. naõ só a tratar os negocios do Reino, mas a conseguir a vinda para elle do Cardeal D. Jorge da Costa, que tendo bem estabelecido o credito em Roma, se conhecia em Lisboa de quanta necessidade elle era em Portugal no principio de hum reinado. Elle estava disposto para fazer esta jornada: resoluçaõ, que alterou com a chegada do Embaixador, servindo-se do pretexto dos annos, da imbecilidade, da duvida que tinha em pedir para ella permissaõ ao Pontifice. Porém se naõ servio a Patria com a presença, o fez com o conselho, e ao Rei na Curia em todos os negocios com zelo, e cuidado vigilantes. Todas as Potencias da Europa tinhaõ já congratulado ao

Rei

Rei por meio dos seus Ministros; e não faltando mais que a República de Veneza, ella o fez agora com as expressões mais vivas de prazer; assegurando o Embaixador em nome da República a promptidaõ, com que ficava para condescender em tudo, quanto o Rei quizesse della. Era vulg.

O contagio, que andava em alternativa com os Póvos do Reino, tornou a infestar a Corte, que se retirou para Torres-Vedras. Aqui lembráraõ os muitos serviços, que do tempo da invasaõ dos Mouros em Hespanha até entaõ tinhaõ feito os Cavalleiros das Ordens Militares. Fez-se memoria do estabelecimento da dos Hospitaleiros de S. Joaõ, e da dos Templarios, que sendo destruida, El-Rei D. Diniz sobre as suas ruinas fundára a de Christo, havendo já em Portugal as de Avís, e Sant-Iago. Notou El-Rei, que estes cavalleiros, naõ refreando muitos delles os estimulos da concupiscencia, por impedidos para o matrimonio, e livres para o vicio, enchiaõ de bastardos as familias illustres; impetrou do Papa Ale-

Era vulg. Alexandre VI. dispensa para casarem, que lhes foi concedida, e de que unicamente senaõ aproveitáraõ os cavalleiros de S. Joaõ de Malta, que em todo o mundo guardaõ com observancia rigorosa o voto de continencia. Se foi util, ou naõ a concessaõ da graça Pontificia, isso disputáraõ entaõ os juizos; e a nós hoje naõ nos importa dar-lhe reprehensaõ, nem louvor.

Dava cuidado muito maior outro negocio mais ponderoso, que era o estabelecimento dos Judeos, naõ só pelas facções, que a respeito delles, e dos Mouros estabelecidos entre nós, dividiaõ o Reino, mas porque os Reis Catholicos de Hespanha continuamente instavaõ a D. Manoel com cartas, naõ consentisse nos seus Estados a Naçaõ malvada, aborrecivel a Deos, e aos homens. Estas duas representações dos Principes de Castella, e dos vassallos de Portugal, a repugnancia da Princeza D. Isabel voltar a elle para ser Rainha, servindo de domicilio, e morada aos Judeos, foraõ circunstancias, que para D. Manoel fi-

fizeraõ consideravel o negocio. Naõ se resolveo por isso a decidillo sem ouvir o seu Conselho, que teve tantas divisões, quantos eraõ os sentimentos, e differença dos juizos.

Era vulg.

Propôzeraõ huns, que se deviaõ seguir os exemplos de Roma, Italia, e de outros Principes Catholicos, que os consentiaõ nos seus Dominios: que naõ só tinhaõ nelles morada, mas commercio, que pelos direitos, e tributos, que pagavaõ, os enriqueciaõ: que lançallos de Portugal, naõ era expellir delles a perfidia, antes em qualquer parte, aonde pozessem os pés, deixariaõ della os vestigios: que mandallos para Africa era perder as esperanças, de que em tempo algum fossem Catholicos, e concorrer para a sua condemnaçaõ, quando vivendo entre Christãos, poderiaõ ser como elles, e salvar-se com elles: que naõ podia ser util ao Estado expellir tantos homens ricos, carregados de generos, e dinheiros para irem fazer os Mouros mais poderosos; e que as artes, e noticias, que entre nós aprendêraõ, as le-

Era vulg. levariaõ aos noſſos inimigos para noſſo damno.

Os outros Conſelheiros, que ſeguiaõ idéas oppoſtas, ſe ſuſtentáraõ firmes na reſoluçaõ tomada no reinado precedente. Elles clamavaõ a favor da juſtiça, com que a gente perfida fora expulſada de muitas partes da Chriſtandade, por Principes, e Póvos illuminados: cómo eſtes attendêraõ mais á integridade da Religiaõ, que ao avance das rendas por meio dos direitos, gabellas, e donativos: como intereſſe algum lhes fizera eſpecie, cotejando-o com a ruina, que elles cauſavaõ á Fé dos ignorantes, com a perverſaõ de coſtumes dos ſimplices, ſobre tudo com as blasfemias horrendas, que proferiaõ contra o Nome adoravel do Salvador: que depois deſtas cauſas principaliſſimas, ſe ſe attendeſſe ás humanas, e temporaes, elles deviaõ ſer olhados por inimigos infeſtos da Sociedade, já pelas fraudes, e uſuras, com que eſcalavaõ os Póvos, já pela miſtura infame, que hiaõ fazendo nas familias honradas, já porque em pou-

pouco tempo ſeriaõ ſenhores dos cabedaes do Reino; e que ſe os haviaõ lançar fóra pelos naõ poderem ſopportar poſſuidores de tudo, que era melhor expelillos, antes que adquiriſſem mais. Abraçou El-Rei eſtes pareceres, que ſe conformavaõ com a ſua Religiaõ, e piedade, e mandou lavrar hum Decreto, que a Judeos, e Mouros deixava livre a eſcolha de ſe fazerem Chriſtãos, ou de ſahirem do Reino no tempo, que lhes taxou, ſob pena de ficarem eſcravos.

Era vulgá

CAPITULO III.

Continuaõ-ſe as meſmas materias até o deſcobrimento da India.

JÁ o nome del Rei D. Manoel entre os dos Principes grandes, ſe fazia lugar no meio dos maiores, e a fama das ſuas primeiras acções ſervia para marcar as futuras com eſtrondo de reputaçaõ. Renovou-ſe por eſte tempo furioſa a guerra entre os Reis Catholicos de Heſpanha, e Carlos VIII. Rei

Era vulg. Rei de França, que no anno passado, com fortuna incrivel, em quinze dias se fez senhor do Reino de Napoles; mas com progressos igualmente rápidos lho tirou do poder o famoso General conhecido pelo nome do Grande Capitaó. Com o motivo desta guerra, os Reis Catholicos mandáraó a Portugal Embaixadores para confirmarem com D. Manoel as allianças passadas, e lhe pedirem soccorresse a seus Amos contra o Rei de França. Em quanto á renovaçaó da alliança, naó houve a menor dúvida. Pelo que respeitava ao soccorro, respondeo El-Rei: Que entre a sua Corte, e a de França havia huma uniaó estreita do tempo dos seus predecessores, sem que até agora se houvesse recebido della a menor injúria: que elle a faria grande ao seu credito, se rompesse contra hum amigo sem causa: álem disto, que os Francezes atacavaó a Napoles, naó a Hespanha; que se contra esta voltassem as armas, os Reis Catholicos o viriaó entaó ao seu lado com todas as forças de Portugal para cumprir com os de-

deveres das razões estreitas, que o ligavaõ com elles. Era vulg.

Fosse sinceridade, ou politica, os Reis de Hespanha fizéraõ hum alto apreço desta resposta; mas quando elles tinhaõ de sustentar o pezo de huma guerra, o espirito do de Portugal se opprimia com huma carga de considerações, que sobre elle lançavaõ por huma parte a piedade, por outra a justiça. Vinha chegando o tempo fixo para os Judeos, ou se fazerem Christãos, ou sahirem do Reino para Africa. Sentia menos El-Rei a perda de tantos vassallos, que a de tantas almas. Elle quizéra inventar arbitrios para os conter; mas elles se lhe representavaõ violentos. Para que todos senaõ perdessem, concebia a idéa o expediente de arrancar dos braços dos pais os filhos, que naõ passassem de quatorze annos, retellos, baptisallos, educallos no Christianismo para serem salvos.

Esta resoluçaõ foi approvada pelas lembranças, de que ella nascia do animo pio del Rei, que redundava

ca-

Era vulg. caridade; que outros Principes Christãos, igualmente zelosos do bem das almas, já tinhaõ praticado com os Hebreos outro tanto; e que as doutrinas sãs, e verdadeiras em nada a contradiziaõ. Salve-se com a intençaõ santa do animo a injustiça, a iniquidade suggeridas, que vamos a vêr praticadas. Ordenou El-Rei que os moços Hebreos da idade já dita de quatorze annos até a da primeira infancia, se tirassem a seus Pais, os apartassem delles, e em partes remotas fossem instruidos nos Dogmas da nossa Fé. Era espectaculo horrendo vêr arrebatar dos peitos das mãis os pedaços ternos das suas almas: os filhos cozidos com os pais, desconjuntallos, e dividillos: quererem os executores reprimir-lhes as lágrimas a golpes; os clamores dos pais, e mãis com violencias. Degenerou o sentimento em desesperaçaõ; desenfreou-se a demencia, e entráraõ os Hebreos miseraveis, huns a matar-se, outros a arrojar as innocencias ao fundo dos poços. Os que tinhaõ soportado a iniquidade com constancia pedi-

diaõ o transporte ajustado para Africa, e se lhes negava: firme El-Rei na falsa piedade sugerida, em que ardia, de ver Christãos aos Judeos, e que para o conseguir, o uso do rigor, dos premios, da violencia, dos rogos, tudo indistinctamente lhe era permittido.

Era vulg.

Negáraõ-se os tres portos concedidos para o embarque, e se contrahio ao de Lisboa, para onde concorrêo a multidaõ numerosa dos obstinados Deicidas. Aqui esperáraõ o dia prefixo da partida, que naõ chegava, e era o da perda da sua liberdade. Esta ultima dor arrojou forçados aos mais para o gremio da Igreja, aonde com culto simulado polluiraõ o santuario. Pais, e filhos, perdido o nome de Judeos, experimentáraõ a beneficencia del Rei, e começáraõ a gozar de todas as commodidades de Portugal. O resto delles, e dos Mouros, que naõ se quizeraõ fazer a violencia de lavar nas aguas do Baptismo, navegou para Africa. Nós, e nossos Avós vimos o fructo desta acçaõ taõ pouco justa. O lapso do tempo fez, que alguns dos seus des-

Era vulg. cendentes fossem Christãos verdadeiros; outros com maldade maior simulavaõ a Fé, e nada os desvelava tanto como macularem o Estado com as fezes do seu ouro. Tem corrido as idades; elles vivido entre nós ha tres seculos com probidade, e edificaçaõ; formaõ comnosco hum só Povo, justamente attendidos os benemeritos; e a honra com que os tratamos deve ser o estimulo generoso, que os obrigue a conduzir-se para o futuro com a probidade, que vemos. Nem em todo Israel cahio a cegueira, nem toda a semente de Abrahaõ he Deicida; as acções a distinguem, e ellas os fazem honrados, ou infames.

A acçaõ referida, que sugeríraõ a El-Rei a respeito dos Judeos, deve-se saber que ella naõ tinha origem na Lei, e na Religiaõ. Os rebeldes a ella, que a alguma estaõ sugeitos, naõ pódem ser forçados, e com violencia conduzidos a crêr aquellas cousas, que repugnaõ; que elles mesmos despresaõ. Por ventura Deos declarou aos Principes com authoridade dada por elle para

ra impedirem a liberdade voluntaria, ou para terem em brida, apertarem com cabeções, e freio, refrearem, e comprimirem os entendimentos soltos, desenfreados, e livres? Sacrificios voluntarios, naõ coactos pela força, pretende Deos dos homens; e por isso naõ lhes violenta os entendimentos, mas com a unçaõ excitante lhes move as vontades para abraçarem a Religiaõ Santa. Creatura alguma se póde arrogar a graça do Espirito de Deos, que se derrama nos nossos corações, e inspira aonde quer, até ao fim da vida daquelles, que naõ a impugnaõ, naõ a contradizem, naõ lhe resistem. Só esta graça he a que illumina os entendimentos, os move, os convida, os attrahe; e os felices, que della se deixaõ levar, saõ os sincéros, que se allistaõ debaixo das bandeiras de Jesús Christo; saõ os verdadeiros Christãos.

Era vulg.

Pelo contrario, huma crença extorquida de homens Atheistas, ou professores de Religiaõ falsa, quem naõ comprehende quanto tem de arriscado entregar nas suas mãos profanas, e

Era vulg. pollutas tantas cousas sagradas; os Mysterios Sacrosantos; os Sacramentos adoraveis; a doutrina de santificaçaõ; em fim o santo dado aos cães, as margaritas lançadas aos animaes immundos? Semelhantes inconsiderações daõ occasiaõ aos inimigos do Evangelho para augmentarem a maldade, dobrarem a horribilidade na profanaçaõ, e fazerem mais ascarosas as immundicies, com que manchaõ o Santuario. Nós diremos, que isto he violar indignamente a Religiaõ com fraude de Religiaõ. Naõ podia ser esta a intençaõ piedosa del Rei, todo abandonado á piedade; mas naõ he facil escusar os seus Arbitristas neste caso, ou de hum zelo indiscreto, ou de huma ignorancia nos Elementos da Religiaõ, e da Fé.

Eu desejei saber os motivos, que teria El-Rei D. Manoel para se naõ portar com os Mouros, e seus filhos, assim como se conduzio com os filhos dos Judeos, e com seus pais. Depois de entender, que tinha perdido o meu trabalho em hum exame longo, e que devia dar disso huma razaõ só minha,

eu

eu a fui encontrar em Damiaõ de Goes. Era vulg.
Diz elle, que El-Rei mandára tomar os filhos aos Judeos; porque como estes naõ tem no mundo Reino, Senhorios, e Cidades, antes em toda a parte saõ peregrinos, e tributarios, sem poder, nem authoridade para vingarem as injúrias, que se lhes fazem; nada lhe ficava que temer, ou recear, que elles molestassem o grande número de Christãos, que andaõ espalhados por toda a terra: que pelo contrario os Mouros, como occupavaõ a maior parte da Asia, e Africa, huma grande da Europa, aonde tem Imperios, Reinos, e vastos Dominios, em que vivem muitos Christãos, huns que tem cativos, outros que lhes saõ tributarios; se elle com violencia lhes tirasse os filhos, os Mouros tomariaõ naquelles Christãos a vingança desta injúria, de que recahiría nos seus vassallos a parte maior, e mais rigorosa: que por estas razões elle aos Judeos naõ duvidou tirar os filhos, e aos Mouros naõ se attreveo fazello.

Antes desta execuçaõ, D. Manoel, que

Era vulg. que em todas as idades, e eftados deo próvas de reconhecido, já havia premiado os ferviços do feu Ayo D. Diogo da Silva de Menezes, fendo ainda Duque, com o Senhorio de Cerolico da Beira, approvado por D. Joaõ II.; depois de Rei, com o Titulo de Conde de Portalegre. He verdade, que no acto da poffe, o Conde encontrou a oppofiçaõ dos moradores, que allegaraõ a feu favor a determinaçaõ del Rei D. Diniz, que quando conquiftou a Villa ao Infante D. Affonfo, feu irmaõ, em premio do valor dos mefmos moradores ordenou, que ella já mais foffe de Infante, ou Rico-Homem, e fempre eftiveffe incorporada na Coroa, como eu diffe na vida do mefmo Rei. D. Manoel, vendo que os de Portalegre fuftentavaõ tenazes a fua regalia, mudou a ordem da mercê; refervando para fi o Senhorio da terra, e dando ao Conde para elle, e feus defcendentes o Titulo, e o Caftello com outras graças, que inteiráraõ a effencia da mercê. Depois criou Conde de Alcoutim a D. Fernando de Menezes, filho de D.

D. Pedro de Menezes, Marquez de Era vulg. Villa-Real, e que dalli em diante usassem deste Titulo os filhos primogenitos dos mesmos Marquezes.

Havendo D. Manoel com as acções, que ficaõ referidas, mostrado como era digno do caracter de Rei, e com a reducçaõ, e expulsaõ dos Judeos tendo lisongeado o gosto da Princeza D. Isabel, filha dos Reis Catholicos, que naõ os soffria em Portugal; resolveo-se a pedir para esposa esta Princeza viuva do Principe D. Affonso, que pelas suas grandes virtudes, e alta prudencia, amava com extremo. Elle communicou os seus pensamentos ao Senhor D. Alvaro, irmaõ do Duque D. Fernando de Bragança, que os Reis de Hespanha muito distinguiaõ. Estimou D. Manoel com complacencia a offerta, que lhe fez D. Alvaro para ir em pessoa tratar negocio taõ importante, e o enviou com sequito brilhante áquelle Reino. A sua negociaçaõ foi taõ prompta, e efficaz, que trouxe a Evora, aonde estava El-Rei, as respostas, e consentimento de Fernando,

Era vulg. e Isabel, sem se apartarem em nada das formalidades, que lhes foraõ propostas.

Resolveo logo El-Rei enviar a Castella com caracter público a D. Joaõ Manoel, Mordomo Mór, Varaõ dotado de prudencia singular, que se fez summamente acceito aos Reis Catholicos, e com elle confirmáraõ os ajustes do matrimonio. Unicamente a Princeza lhe resistia, ou por lhe renovar as suas dores na perda do Principe D. Affonso, que se lhe naõ mitigavaõ com o lenitivo de hum Throno, ou porque entendia que huma viuva da sua graduaçaõ na flor da idade offendia a modestia, se passasse a segundas vodas. Parece que Deos as permittio com ella para impedir a uniaõ de Portugal com Castella, a que tantas vezes tem cortado o laço. Os rógos de seus pais, os homens pios, a consideraçaõ da tranquillidade dos dous Estados, que tanto dependia desta alliança, movêraõ a Princeza a dar o seu consenso. Mas em quanto se prepára a magnificencia para a entrada da Princeza em

Por-

Portugal; em quanto El-Rei D. Manoel apresta a Armada para o descobrimento da India, que saõ as Epocas brilhantes para a continuaçaõ da minha Historia em outro Tomo, concluamos este com o Capitulo seguinte, em que passo a dar noticia dos filhos, que teve o mesmo Rei, e do estado Ecclesiastico, e Politico de Portugal no seu reinado para naõ o repetirmos em outra parte.

Era vulg.

CAPITULO IV.

Conclue-se este Tomo com a noticia dos filhos del Rei D. Manoel, e com a do Estado Ecclesiastico, e Politico do Reino no seu tempo.

EL-REI D. Manoel casou com sua primeira mulher a Princeza D. Isabel, viuva do Principe D. Affonso de Portugal, e filha dos Reis Catholicos Fernando, e Isabel em Outubro de 1497, e della teve unico filho ao Principe D. Miguel da Paz, que nasceo em Çaragoça a 24 de Agosto de 1498,

Era vulg. 1498, e foi jurado Principe herdeiro de Portugal, e Castella. Sua mãi morreo no mesmo dia do parto, e elle em Granada a 20 de Junho de 1500, sepultando em flôr no mesmo tumulo de seus Avós as esperanças de tantos Reinos. A Rainha sua mãi jaz na Cidade de Çaragoça, e elle na de Granada.

Segunda vez casou El-Rei D. Manoel em Alcacere do Sal a 30 de Outubro de 1500 com sua cunhada a Infante D. Maria, filha dos mesmos Reis Catholicos, e della teve filhos ao Principe D. Joaõ seu successor, que nasceo em Lisboa a 6 de Junho de 1502: a Infante D. Isabel, que nasceo na mesma Corte a 24 de Outubro de 1503, e casou em Sevilha com o Imperador Carlos V. em 11 de Março de 1526; morreo em Toledo no 1 de Maio de 1539, e jaz no Escurial: a Infante D. Brites, que nasceo em Lisboa a 31 de Dezembro de 1504, e casou com Carlos III. Duque de Saboya em 29 de Setembro de 1521, morreo em Niza a 8 de Janeiro de 1538: ao Infan-

fante D. Luís, Duque de Béja, que nasceo em Abrantes a 3 de Março de 1506; morreo em Lisboa a 27 de Novembro de 1555, e jaz em Belém: ao Infante D. Fernando, Duque da Guarda, que nasceo em Abrantes a 5 de Junho de 1507; casou com D. Guiomar Coutinho, filha herdeira de D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva, e de Loulé, em 1519; morreo em Abrantes a 7 de Novembro de 1534, e jaz em Belém: Eta vulg.

Ao Infante D. Affonso, que nasceo em Evora a 23 de Abril de 1509; foi criado Cardeal pelo Papa Leaõ X. no 1 de Julho de 1518; foi Bispo de Viseo, de Evora, da Guarda, Arcebispo de Lisboa, e Abbade Commendatario de Alcobaça; morreo em Lisboa a 21 de Abril de 1540, e jaz em Belém: ao Infante D. Henrique, que nasceo em Lisboa a 31 de Janeiro de 1512; foi creado Cardeal pelo Papa Paulo III. a 6 de Dezembro de 1545; foi Commendatario de Santa Cruz de Coimbra, Arcebispo de Braga, o primeiro de Evora, Inquisidor Geral, e

Rei

Era vulg. Rei depois da perda del Rei D. Sebastiaõ em Africa: a Infante D. Maria, que naõ consta o anno, em que nascêra, mas sim que morrêra em Evora no de 1513, e que estivera enterrada no Convento do Espinheiro, donde foi transferida para o de Belém: ao Infante D. Duarte, Duque de Guimarães, que nasceo em Lisboa a 7 de Setembro de 1515; casou em Villa Viçosa a 24 de Abril de 1537 com a Senhora D. Isabel, filha de D. Jayme, quarto Duque de Bragança; morreo a 20 de Outubro de 1540, e jaz em Belém: ao infante D. Antonio, que nasceo em Lisboa a 9 de Setembro de 1516, e morreo logo.

Terceira vez casou D. Manoel com a Rainha D. Leonor, filha de Filippe I. Rei de Castella, e sobrinha das duas primeiras Rainhas suas esposas, filha de sua irmã a Rainha D. Joanna herdeira dos Reinos de Hespanha. Recebeo-se na Villa do Crato a 24 de Novembro de 1518, e deste matrimonio teve: ao Infante D. Carlos, que nasceo em Evora a 18 de Feve-

rei-

reiro de 1520, e falleceo em Lisboa a 15 de Abril de 1521, jaz em Belém: a Infante D. Maria, que nasceo em Lisboa a 8 de Junho de 1521, Princeza entre nós brilhante, que unio a pureza rara com a grande formosura, altas qualidades da natureza com virtudes sublimes da alma, e morreo a 10 de Outubro de 1577, jaz no Convento de Nossa Senhora da Luz junto a Lisboa, que ella fundou.

Era vulg.

Em quanto ao Estado Ecclesiastico de Portugal do anno de 1495, em que El-Rei D. Manoel principiou a reinar, até o de 1497, em que acaba este Tomo, principiando pelas Ordens Militares, da de Christo era Graõ Mestre o mesmo Rei, e das de Santiago, e Avis o Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, filho del Rei D. Joaõ II. Nomeou D. Manoel para seu Capellaõ Mór a D. Fr. Christovaõ de Bobadilha: Prior Mór do Crato a D. Fr. Gonçalo Pimenta: D. Prior de Guimarães, depois de D. Affonso Gomes de Lemos, a D. Fernando Coutinho,

Era vulg. nho, Bispo de Lamego, e do Algarve, Regedor das Justiças.

Os Bispos nomeados pelo mesmo Rei foraõ, para o Funchal, que a instancias suas o Papa Leaõ X. erigio Bispado, D. Diogo Pinheiro, primeiro Bispo, que era filho do Doutor Pedro Esteves, e de D. Isabel Pinheiro: para a Guarda a D. Pedro Vaz Gaviaõ, ou de Menezes, Capellaõ Mór: para Braga a D. Diogo de Sousa, filho de Joaõ Rodrigues de Vasconcellos, senhor de Figueiró: para o Porto a D. Diogo da Costa, filho de Lopo Alvares Feio, senhor do Mórgado de Pancas: para Viseo a D. Fernando Gonçalves de Miranda: para o Algarve a D. Fernando Coutinho, Bispo de Lamego: para S. Thomé a D. Henrique, Principe do Congo, e depois delle a seu parente D. Pedro de Sousa da mesma Casa Real do dito Reino. Os mais Bispos das outras Dioceses eraõ os que ainda tinha nomeado El-Rei D. Joaõ II.

Creou El-Rei D. Manoel Officiaes

da

da Casa Real: para Condestavel a D. Affonso, filho natural de seu irmaõ D. Diogo, Duque de Viseo: para Mórdomo Mór a D. Diogo da Silva, primeiro Conde de Portalegre: para Estribeiro Mór a Pedro Correa, que teve por successores no emprego a Pedro Homem, e a Francisco Homem: para Védor da Casa a Vasco Annes Corte-Real: para Camareiro Mór a D. Bernardo Manoel, Alcaide Mór de Santarém, que teve por successor a D. Alvaro da Costa: para Guarda Mór a Jorge Moniz, senhor de Angeja, e se lhe seguíraõ D. Joaõ de Sousa, e D. Nuno Manoel, Senhor de Salvaterra: para Mestre Sala a Jorge de Mello, que teve por successores a D. Alvaro de Abranches, e a Henrique de Mello: para Reposteiro Mór a Gonçalo da Silva, e depois delle Martim Affonso de Mello, Pedro Moniz, e Phebos Moniz: para Porteiro Mór a Gaspar Gonçalves Ribafria, a quem succedêraõ Manoel de Goes, Jorge de Mello, e Miguel Corte-Real: para Trin-

Era vulg.

Era vulg. Trinchante Joaõ Lopes de Sequeira, que teve por ſucceſſores a Joaõ da Silveira, e a Simaõ da Cunha: para Eſcrivaõ da Puridade a D. Diogo da Silva de Menezes, Conde de Portalegre, que teve por ſucceſſor a D. Antonio de Noronha, primeiro Conde de Linhares.

Para Copeiro Mór nomeou a Lourenço de Brito: para Apoſentador Mór a Manoel da Silva, Alcaide Mór de Soure, e depois delle a Manoel de Souſa: para Provedor das Obras do Paço a D. Martinho de Caſtello-Branco, que teve por ſucceſſor a Bartholomeo de Paiva: para Caçador Mór a Nuno Fernandes Freire, ao qual ſe ſeguíraõ Antonio de Brito, D. Pedro de Caſtro, terceiro Conde de Monſanto, D. Joaõ de Moura, e D. Henrique Henriques, ſenhor das Alcaçovas: para Armeiro Mór a D. Alvaro da Coſta: para Almotacel Mór a D. Nuno Manoel: para Alferes Mór a Ruy Dias Pereira, que teve por ſucceſſor a D. Pedro de Menezes, primeiro Conde de Cantanhede:

pa-

para Almirante a Lopo Vaz de Azevedo, e depois delle a Antonio de Azevedo: para Fronteiros Móres; de Lisboa a D. Rodrigo de Castro, filho do I. Conde de Monsanto, e depois a D. Pedro de Castro; do Algarve a D. Fernando de Menezes, Marquez de Villa Real, e depois a D. Fernando Coutinho, Conde de Marialva:

Era vulg.

Para Monteiro Mór a D. Alvaro de Lima, a quem se seguio D. Joaõ de Lima, seu filho: para Coudel Mór a Francisco da Silveira, e depois a D. Pedro de Castro, III. Conde de Monsanto: para Marechal a D. Alvaro Coutinho, que teve por successor a D. Fernando Coutinho: para Meirinho Mór a Estevaõ de Brito, Alcaide Mór de Béja, e depois a D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva: para Capitaõ Mór do Reino, e do Mar a D. Antaõ de Abranches: para Capitaõ Mór dos Ginetes a D. Nuno Manoel, senhor de Salvaterra, de quem foi successor Lopo Soares de Alvarenga: para Adail Mór a Pedro

Era vulg. Leitaõ: para Anadel Mór a Pedro Alvares, e depois delle Jorge de Mello, e Garcia de Mello: para Chancelleres Móres successivamente a Joaõ de Faria, Lopo de Arca, Christovaõ Mendes de Carvalho, Ruy Lobato, e Ruy da Gran: para Secretarios de Estado a Affonso Garcez, Jorge Garcez, Antonio Carneiro, e Pedro de Alcaçova Carneiro, Conde das Idanhas.

FIM.

IN-

INDICE

DOS CAPITULOS.

LIVRO XXX.

LIVRO XXXI.

VI.

LIVRO XXXII.

LIVRO XXXIII.

FOI taxado efte Livro em quatrocentos réis em papel: Meza 13 de Setembro de 1787.

Com tres Rubricas.